

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos
Nº 414 - Ano XIII - 15/04/2012 - ISSN 1981-8769



Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana



Foto: Ricardo Machado

Gabriella Bottani:

Tráfico de pessoas, a escravidão de nossa época

Manuela Rodríguez Piñeres:

Globalização neoliberal: agravamento de formas de opressão às mulheres

Denise Cogo:

Fluxos migratórios globais. A busca de trabalho e fuga da pobreza

EMAI

Castor Bartolomé Ruiz:

Giorgio Agamben, controvérsias sobre a secularização e a profanação política

Joseane Schuck Pinto:

O reassentamento solidário de refugiados e as hospitalidades condicional e incondicional

Ariel Finguerman:

Teologia do Holocausto: reflexões sobre o massacre nazista

Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana

A questão do tráfico de pessoas e exploração sexual de mulheres avança para muito além da realidade fictícia da novela *Salve Jorge*, da Rede Globo, embora os dramas de *Morena*, protagonista da trama, sejam importantes para colocar o tema na agenda nacional de discussão.

A revista IHU On-Line desta semana discute algumas questões relativas ao tráfico humano, especialmente de mulheres.

Participam do debate, principalmente, mulheres que militam de maneira pró-ativa contra o tráfico humanos, como Gabriella Bottani, representante da rede Grito Pela Vida na Talitha Kum – Rede Internacional da Vida Religiosa contra o Tráfico de Pessoas; Manuela Rodríguez Piñeres, assistente social que atua há mais de 20 anos no combate ao tráfico de mulheres; a psicóloga e coordenadora geral da Sempre Viva Organização Feminista – SOF, Nalu Faria e Eurídes Alves de Oliveira, irmã religiosa, coordenadora da rede Um Grito Pela Vida e integrante da coordenação do GT de Enfrentamento ao Tráfico Humano da

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

A pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, Denise Cogo, que juntamente com outros colegas pesquisadores, lançou o Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil, editado pelo Instituto de Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona.

Tabém podem ser lidos nesta edição uma reportagem sobre a vida de Gabriella que discute o ser e sentir-se mulher, e as entrevistas com José Paulo Giovanetti, filósofo e psicólogo, professor da FAJE-BH, com Joseane Schuck Pinto, bacharel em Direito pela Unisinos e pós-graduada em relações internacionais, que fará a conferência, na próxima quinta-feira, no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada “A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos

refugiados” e com o jornalista e filósofo Ariel Fingerman, autor do livro *Teologia do Holocausto* (São Paulo: Paulus, 2012).

A todas e todos um ótima leitura e uma excelente semana.

IHU ON-LINE
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**Tráfico de pessoas.
A forma contemporânea de escravidão humana**

Gabriella Bottani: Tráfico de pessoas, a escravidão de nossa época	Manuela Rodríguez Piñeres: Globalização neoliberal: agravamento de formas de opressão às mulheres	Denise Cogo: Fluxos migratórios globais. A busca de trabalho e fuga da pobreza
Castor Bartolomé Ruiz: Giorgio Agamben, contradições sobre a secularização e a profanação política	Joseane Schuck Pinto: O reassentamento solidário de refugiados e as hospitalidades condicional e incondicional	Ariel Fingerman: Teologia do Holocausto: reflexões sobre o massacre nazista

EMAIS


INISINOS

Instituto Humanitas Unisinos

Endereço: Av. Unisinos, 950, São Leopoldo/RS. CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128. E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.

Apoio: Comunidade dos Jesuítas – Residência Conceição.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).
Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br).
Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13062 (pfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598 (ricardom@unisinos.br).
Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br).

Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.
Projeto gráfico: Agência Experimental de Comunicação da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio Forneck
Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Patrícia Fachin, Luana Nyland, Natália Scholz, Wagner Altas e Mariana Staudt

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Denise Cogo:** Fluxos migratórios globais. A busca de trabalho e fuga da pobreza
- 10 **Gabriella Bottani:** Tráfico de pessoas, a escravidão de nossa época
- 13 **Manuela Rodríguez Piñeres:** Globalização neoliberal: agravamento das formas de opressão às mulheres
- 17 **Efeitos colaterais da Copa do Mundo**
- 18 **Nalu Faria:** A coisificação das pessoas e das relações humanas
- 21 **Eurides Alves de Oliveira:** Tráfico de pessoas: violação de direitos e ameaça à vida e dignidade humana

DESTAQUES DA SEMANA

- 25 **REPORTAGEM DA SEMANA:** Gabriella Maindrad: Eu nasci assim, desse jeito assim, vou ser sempre assim, Gabriella
- 28 **ENTREVISTA DA SEMANA:** José Paulo Giovanetti: Os paradoxos e desafios entre a civilização das ideias e a civilização das imagens
- 32 **PERFIL:** André Wenin
- 34 **LIVRO DA SEMANA:** Ariel Finguerman: Teologia do Holocausto: reflexões sobre o massacre nazista
- 37 **ENTREVISTAS EM DESTAQUE**
- 39 **DESTAQUES ON-LINE**

IHU EM REVISTA

- 41 **AGENDA DE EVENTOS**
- 42 **Castor Bartolomé Ruiz:** Giorgio Agamben, controvérsias sobre a secularização e a profanação política
- 47 **Joseane Chuck Pinto:** O reassentamento solidário de refugiados e as hospitalidades condicional e incondicional
- 52 **Sociedade Sustentável, por um novo paradigma civilizacional**
- 52 **Centro 3 recebe Mostra do ObservaSinos**
- 52 **Painel TED integra seminário de preparação ao XIV Simpósio Internacional IHU**
- 53 **Mentiras, traição e desemprego: a história de amor do capitalismo**
- 54 **Retrovisor**
- 55 **Publicação em destaque**
- 56 **Papa Francisco. Quem são os jesuítas?**
- 59 **Sala de leitura**



twitter.com/ihu



bit.ly/ihufacebook



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Fluxos migratórios globais. A busca de trabalho e fuga da pobreza

Para a pesquisadora em comunicação Denise Cogo, os movimentos migratórios estão relacionados, entre outros fatores, a razões econômicas muito fortemente ligadas à crise de 2008

POR RICARDO MACHADO

Para a pesquisadora Denise Cogo “os fatores econômicos, tais como a busca de trabalho e a fuga de situações de pobreza, são importantes impulsionadores dos fluxos migratórios globais, o que ajuda a entender porque esses fluxos têm se dirigido prioritariamente aos chamados países e regiões de maior desenvolvimento como América do Norte e Europa Ocidental, ou, ainda, o Oriente Médio e alguns países asiáticos como Japão”. A reflexão faz parte da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Denise Cogo é graduada em Jornalismo Gráfico Audiovisual e em Letras Francês Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialista em Comunicação Social Estilos Jornalísticos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e em Educação Popular pela Unisinos. Curso mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela PUC-SP e pela Universidade de São Paulo, respectivamente. É pós-doutora pela Universidade Autônoma de Barcelona – UAB, na Espanha. É pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos.

Embora não se debruce em suas pesquisas sobre a questão do tráfico humano, Denise tem presente em seus estudos a questão da migração. Em 2011 participou – junto de outros pesquisadores brasileiros e de representantes de redes migratórias e organizações de apoio às migrações – da construção de uma proposta dirigida à elaboração do II Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, em consulta pública promovida pelo governo federal, por meio do Ministério da Justiça, da Secretaria de Direitos Humanos e da Secretaria de Políticas para Mulheres. Na última semana foi disponibilizado para download a versão online do Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil (www.guiamigracoesdivcult.com), resultado de dois anos de trabalho que contou com a colaboração de colegas pesquisadores de universidades nacionais e internacionais. O livro foi editado pelo Instituto de Comunicação Autônoma de Barcelona e divulgado pelo Instituto Humanitas Unisinos –IHU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o contexto mundial em que as migrações têm se estabelecido nas últimas décadas, tendo em conta os deslocamentos, trânsitos e acolhidas de migrantes?

Denise Cogo – As migrações transnacionais são uma experiência humana e um fenômeno sociocultu-

ral, econômico e político que conformam a história de nossas sociedades. Os movimentos e fluxos migratórios são dinâmicos e assumem especificidades em diferentes etapas e contextos históricos, podendo ser mais permanentes ou transitórios. Múltiplos fatores vêm colaborando para impu-

sionar fluxos e ciclos migratórios em todo o mundo tais como as guerras, os regimes ditatoriais, as crises econômicas, os desastres ambientais, as políticas de incentivo ou repressão às migrações por parte de Estados e governos. As próprias redes migratórias operam também como espaços de

interação sociocomunicacional entre os migrantes, podendo colaborar para a constituição, ampliação ou reforço de determinadas rotas e movimentos de migração entre nações ou regiões. Como exemplo contemporâneo desses fluxos, podemos lembrar o papel preponderante desempenhado pelos imigrantes turcos na reconstrução da Alemanha no período pós-guerra. Outro exemplo é o da Espanha, que se constituiu por muito tempo como um país de emigração em decorrência da pobreza, desemprego e de episódios como a Guerra Civil e a ditadura franquista, que impulsionaram o exílio de espanhóis. Posteriormente, a partir do final dos anos 1990 até 2008, especialmente a partir da criação da União Europeia, a Espanha se tornou um dos principais países receptores de imigrantes no contexto europeu e internacional, passando a abrigar populações de várias nacionalidades oriundas, dentre outros, da América Latina, de países árabes, da Ásia e do próprio Leste Europeu, atraídas especialmente pelas oportunidades econômicas e de trabalho em setores como o da construção civil. Com a crise econômica desencadeada em 2008 e que vem afetando, de modo importante, os Estados Unidos e os países da Europa, a Espanha e outras nações europeias, como Portugal e Grécia, voltaram a ser países com significativa emigração ao mesmo tempo em que países da América do Sul como Brasil e Argentina vão vivenciando um crescimento dos fluxos migratórios oriundos da Europa, Estados Unidos e da América Latina. Um dos fluxos migratórios recentes e que vêm se intensificando no Brasil é o dos haitianos que começaram a chegar ao país após o terremoto que atingiu o país em 2010. Dados do Ministério do Trabalho revelam que, em 2012, cresceu em 3,5% os vistos de trabalho concedido a estrangeiros no Brasil, números que não incluem imigrantes que não dispõem de autorizações ou vistos de trabalho e aqueles que não conseguiram a regularização jurídica no país.

Novo cenário

Nesse novo cenário de crise global, devemos levar em conta o retorno

significativo de imigrantes sul-americanos, dentre os quais se situam brasileiros que compõem contingentes de imigrantes de retorno de países como Portugal, Estados Unidos e Japão, contextos que se transformaram nos principais destinos da migração brasileira no exterior. Por conta desse crescimento da imigração para o Brasil e do retorno de brasileiros, o governo, os movimentos migratórios e organizações de apoio às migrações passaram a discutir a necessidade de definição de políticas migratórias que atendam às necessidades de inserção desses novos fluxos que chegam ao país uma vez que a imigração é regida, ainda, pelo Estatuto do Estrangeiro criado na época da ditadura.

Vale lembrar ainda que fatores econômicos, tais como a busca de trabalho e a fuga de situações de pobreza, são importantes impulsionadores dos fluxos migratórios globais, o que ajuda a entender porque esses fluxos têm se dirigido prioritariamente aos chamados países e regiões de maior desenvolvimento como América do Norte e Europa Ocidental, ou, ainda, o Oriente Médio e alguns países asiáticos como Japão.

IHU On-Line – De que maneira podem ser explicadas as relações entre o aumento da intensidade da migração internacional clandestina e a sociedade de consumo?

Denise Cogo – A produção e circulação de informação, assim como a confiabilidade atribuída a tais informações, é uma das dinâmicas presentes historicamente na trajetória dos migrantes e as redes migratórias transnacionais. As interações comunicacionais interpessoais foram e são imprescindíveis para a circulação e intercâmbio dessas informações no interior dos grupos de referência dos migrantes. O pesquisador Oswaldo Truzzi¹ observa que, nas migrações

do final do século XIX, os contatos pessoais assumiam maior importância do que as informações não pessoais como fontes de informação para aqueles que desejavam migrar. Segundo o autor, a pessoa ou família que pensava em migrar tendia a confiar mais nas informações fornecidas, ao vivo ou por carta, por um parente, vizinho ou amigo, por exemplo, que nos folhetos de propaganda distribuídos por um agente recrutador, cujos lucros dependiam apenas do número de indivíduos que conseguisse colocar a bordo de um vapor.

Nas últimas décadas, esse cenário se reconfigura com a intensa presença e consumo das tecnologias da comunicação – como a internet e o telefone celular –, que vêm colaborando para um reordenamento territorial das experiências dos migrantes em âmbito local e global e nas experiências do transnacionalismo migrante e das redes migratórias. Como assinala o pesquisador Alejandro Portes, embora existam, na história das migrações, exemplos de transnacionalismo, o fenômeno recebeu um forte impulso com o advento das tecnologias na área dos transportes e das telecomunicações, que vieram facilitar enormemente a comunicação rápida das fronteiras nacionais e a grandes distâncias. Pesquisador do tema das migrações, Rogerio Haesbaert² situa igualmen-

temente realizou estágios de pós-doutorado junto à Universidade de Chicago. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia das Migrações, das Organizações e do Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociologia das Migrações, História Social da Imigração, Sociologia do Trabalho e das Organizações. Coordenou, entre 2006 e 2009, o Grupo de Trabalho “Migrações Internacionais” da Anpocs. Dirige desde 2000 a editora da Universidade Federal de São Carlos.

2 Rogerio Haesbaert da Costa é um geógrafo humano focado nos conceitos de território e região. É professor no Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, desde 1986, onde também é diretor do Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização. Em 2003 fez pós-doutorado em Geografia na Open University, onde também foi professor visitante na Open University (2003), na Universidade de Toulouse-Le-Mirail (2009), na Universidade de Buenos Aires (2010) e na Universidade de Paris VIII (2011). Nos seus estudos, Haesbaert analisa o entrelaçamento entre territorialização e des-territorialização, territorialidade e iden-

1 Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos, atua nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Engenharia de Produção com doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e mestrado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas - SP (1985). Sua graduação é em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo (1979). Recen-

te na maior velocidade dos meios de transporte e no acesso às tecnologias da comunicação os fatores primordiais que impulsionaram experiências de multiterritorialização relacionadas preponderantemente aos movimentos migratórios e, que, de certa forma reconfiguraram, ao longo do século XX, a dinâmica socioespacial e geográfica contemporânea, possibilitando aos migrantes a vivência concomitante de pertencimento a distintos territórios.

Sociedade de consumo

Sem dúvida, no contexto da sociedade de consumo, eu preferiria falar de sociedade da informação, a facilidade de contato e interação, através das tecnologias da comunicação, com um intenso e acelerado fluxo de imagens, representações e imaginários sobre modos de vida de diferentes culturas, sobre os cenários e conjunturas políticas e econômicas de nações e regiões, fatores que podem motivar o desejo de migrar, favorecer o conhecimento sobre possíveis lugares de migração, contatar com migrantes e redes migratórias etc. Pesquisas acadêmicas e reflexões geradas no contexto de pastorais e organizações de atendimento às migrações já começam a evidenciar que, nos fluxos recentes de imigrantes haitianos para o Brasil, não se pode desprezar a força de imagens do nosso país como “potência econômica”, das oportunidades de trabalho possibilitadas pelos grandes eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Isso se evidencia em expectativas expressas por imigrantes haitianos sobre o Brasil como destino migratório, ainda que essas expectativas não se cumpram necessariamente. Expectativas que podem estar relacionadas ao consumo das tecnologias midiáticas por parte desses imigrantes que possibilitam interações com o Brasil previamente à emigração, ou às interações cotidianas da população haitiana com brasileiros integrantes da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah). Evidentemente

que isso não nos leva a desconsiderar outros fatores que colaboram nesses processos migratórios como a necessidade de emigrar desencadeada pela situação de precariedade vivenciada pelos haitianos, agravada com o terremoto que assolou o país em 2010 ou, ainda, o contato com redes migratórias de outros haitianos já estabelecidos no Brasil assim como a ação das máfias de migrante que atuam para que essa migração se concretize.

Portanto, essa relação entre impulso à migração e sociedade de consumo ou sociedade da informação não pode ser vista de modo causal, uma vez que os migrantes, embora condicionados por diferentes estruturas e fatores – econômicos, políticos, sociais e culturais –, são também sujeitos de suas próprias histórias migratórias e atuam, com o capital material e simbólico de que dispõem, de modo ativo na constituição de seus próprios processos migratórios nos quais concorrem a mediação ou não desses imaginários sobre os lugares de emigração. As motivações para migrar são frequentemente multifatoriais. Múltiplas variáveis e com pesos distintos concorrem na decisão e implementação dos processos migratórios. A questão da clandestinidade é uma dessas variáveis que assume várias dimensões, derivando seja das políticas e leis migratórias mais ou menos restritivas, seja da presença de máfias que sustentam a migração clandestina, ou ainda do interesse de empresários e governos em manter a mão de obra de menor custo de imigrantes etc.

IHU On-Line – Qual a importância de um debate mais amplo sobre a questão das migrações nos produtos midiáticos?

Denise Cogo – Se, na análise das relações entre mídias e migrações, adotarmos o entendimento proposto por Bakhtin³ da linguagem como

matéria social e dialógica, expressão simbólica ou representativa dos conceitos, preconceitos e valores, que resulta senão da convivência e embates coletivos entre os sujeitos situados social e historicamente, poderemos entender que tanto as migrações (como experiência humana e fenômeno social) quanto os meios de comunicação (como espaços simbólicos de construção, visibilidade e circulação de ideias e imagens) não são fatos dados, mas produtos da ação humana que se constituem na linguagem através de espaços de interação verbal ocupadas por diferentes sujeitos. As categorias e conceitos, como as próprias noções relacionadas com as migrações, que resultam das disputas e relações de poder que envolvem desses diferentes sujeitos ocupantes destes espaços de interação, não são portanto apenas descritivos, mas também constitutivos e explicativos da realidade social.

Imigração qualificada

Com base nesse entendimento, pesquisas acadêmicas realizadas em diferentes contextos nacionais têm se ocupado, já há alguns anos, em refletir sobre a crescente presença de representações midiáticas criminalizadoras das migrações contemporâneas através da frequente associação dos migrantes a “problemas, ameaças e conflitos” ou, ainda, a “ilegalidade”. Tais representações têm contribuído para fixar sentidos e compor um tipo de memória sobre as migrações transnacionais que não favorece o entendimento da alteridade migratória e nem colabora para as relações interculturais e processos de cidadania

língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extra-linguísticos como contexto de fala, intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico. Bakhtin professa uma abordagem marxista da língua e da linguística, pois para ele “a palavra é o signo ideológico por excelência” e também “uma ponte entre mim e o outro”. Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski* (2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997). (Nota da IHU On-Line)

³ Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975): linguista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria literária, crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado como filósofo da linguagem, e sua linguística é uma “trans-linguística” porque ela ultrapassa a visão de

tidade, trabalhando com autores modernos como Gramsci e pós-estruturalistas como Michel Foucault e Gilles Deleuze.

das migrações. No caso do Brasil, com o crescimento da imigração internacional para o país, mais recentemente podemos observar também que a mídia vem atuando na construção do conceito de “imigração qualificada” ou de “mão de obra qualificada,” para fazer referência a imigrantes portadores de níveis diferenciados de escolaridade e especialização profissional, assim como de padrões de desenvolvimento econômico e social das nações das quais procedem – especialmente as europeias –, os quais estariam preparados para ocupar postos de trabalhos carentes de mão de obra no Brasil. Na construção da noção de “imigração qualificada”, a mídia não deixa, assim, de atualizar sentidos em torno dessa memória sobre um “ser europeu” ou uma “europeidade” a partir da construção da qualificação da nova imigração procedente da Europa em contraponto a não qualificação e, às vezes, conflitividade em que aparecem enquadrados os imigrantes oriundos de outros contextos, como América Latina e África, alguns dos quais já presentes no Brasil anteriormente a esse novo fluxo migratório europeu. Claro que, nesse processo, a mídia não está sozinha, mas outras instituições, como as governamentais, desempenham um papel importante nessa construção.

Disputas de hegemonia

Precisamos entender que essas tendências de criminalização das migrações disputam hegemonia com outras narrativas sobre as migrações que são construídas e circulam em diferentes contextos. Em primeiro lugar, porque o universo das mídias é homogêneo. Em segundo lugar, porque no atual cenário da chamada sociedade em rede as disputas narrativas sobre fenômenos e experiências sociais, tais como as migrações, são favorecidas pelo próprio advento das mídias digitais como internet e de suas características como a hipertextualidade, a multimídia, a interatividade que possibilitam processos transmidiáticos e transnarrativos que vão compor fluxos do que alguns pesquisadores vêm chamando de “conversações públicas” em torno do tema das mi-

grações, contribuindo para pluralizar os imaginários e memórias sobre as migrações contemporâneas e inserir, na agenda pública, demandas relacionadas aos direitos humanos dos migrantes. Nesse contexto, os próprios migrantes, suas redes, associações e as organizações de apoio às migrações vêm fazendo amplo uso das mídias digitais e impressas – seja produzindo meios de comunicação próprios e se aproveitando de espaços como as redes sociais, conforme pudemos ver em nossa última pesquisa em que estudamos dez experiências de produção midiática de imigrantes latino-americanos nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Buenos Aires, Lisboa e Barcelona. Ao usar as mídias, os imigrantes que pesquisamos buscam construir, organizar e dar visibilidade pública às suas lutas por direitos humanos e cidadania em âmbito local e global, exercitando o que denominamos de cidadania comunicativa das migrações latino-americanas. Com diferentes usos das mídias, os imigrantes promovem uma articulação identitária da diáspora latino-americana dispersa pelo mundo; atribuem visibilidade à diversidade que compõe a própria cultura latino-americana; esforçam-se por constituir um campo discursivo contra-hegemônico de construção midiática das migrações transnacionais em contraposição à criminalização das migrações e usam essas mídias para constituir estratégias de mobilização no campo das políticas migratórias nacionais e supranacionais relacionadas às demandas por cidadania universal das migrações, buscando a universalização dos direitos sociais e políticos para além do pertencimento a territórios nacionais.

Experiências

Outra experiência recente de apropriação da internet é o da Plataforma “No nos vamos nos echan” (www.nonosvamosnosechan.net), criada e mantida por jovens espanhóis e que vem se capilarizando por vários espaços da internet como um esforço de articulação à diáspora espanhola juvenil, dentro e fora do espaço da internet, em torno do debate,

denúncia e busca de alternativas acerca do que esses jovens denominam de exílio forçado da juventude espanhola que decorre da crise econômica vivida pela Espanha. No último dia 9 de abril, o grupo convocou uma manifestação pública em capitais de países para onde emigraram jovens espanhóis (Paris, Bruxelas, Buenos Aires, etc.) utilizando redes sociais como Facebook, Twitter, YouTube, etc. Em seu site o grupo disponibiliza um mapa interativo onde os jovens imigrantes podem propor breves relatos sobre sua condição de imigrantes e de precariedade juvenil através do preenchimento de um formulário que inclui, dentre outros, dados como nome, idade, em que país vive, situação laboral, profissão, história de precariedade, condição de migração forçada, desejo de retorno, etc. Interessante que aqui poderíamos falar de jovens que lutam pelo direito à não migração ou pelo menos pela construção de um espaço de autonomia juvenil que possibilite vivenciar a imigração como um desejo ou projeto.

Na perspectiva de colaborar para o deslocamento da dimensão criminalizadora que vem pautando a cobertura das migrações contemporâneas e contribuir com subsídios para comunicadores e jornalistas que atuam na cobertura da realidade das migrações transnacionais em crescimento no Brasil, lançamos recentemente o *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – migrantes no Brasil*, que está disponível em versão online para download gratuito (www.guiamigraco-esdivcult.com) e em versão impressa. Este guia é produto de um trabalho de mais de dois anos que buscou dar aplicabilidade para mais de dez anos de pesquisas sobre o tema das mídias e migrações. Foi elaborado em parceria com a jornalista e pesquisadora Maria Badet, que reside em Barcelona e em colaboração com um grupo de investigadores de universidades nacionais e internacionais, sendo editado pelo **Instituto de la Comunicación da Universidade Autônoma de Barcelona** (www.portalcomunicacion.com) e pelo **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** com o apoio do **Conselho Na-**

cional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

IHU On-Line – Quais dinâmicas de cidadania intercultural estão relacionadas às questões das migrações?

Denise Cogo – Primeiramente, é necessário fazer uma diferenciação entre migração como experiência humana e o caráter social e jurídico que vai assumir essa migração em uma etapa da nossa história. A figura social e jurídica do imigrante-emigrante não existiu desde sempre, mas se consolidou no contexto de criação dos Estados-nação e do nacionalismo na América e na Europa no século XX, como uma categoria definidora daquele que abandona um país para se estabelecer em outro e que se torna alvo de vigilância e controle de Estados e governos. No entanto, como experiência humana, as migrações não se desenrolaram e nem se desenrolam limitadas a esse espaço “objetivo”, de caráter institucional e soberano vinculado à ideia de nação, ou seja, as migrações se constituem também por sua dimensão humana e subjetiva de movimento e ação que implica a vivência de múltiplas territorialidades e experiências simbólicas em torno das quais o ser cidadão, para os imigrantes, não tem a ver unicamente com os direitos reconhecidos pelo Estado ou com modos de pertença a uma nacionalidade, mas com práticas sociais e culturais que vão sendo gestadas pelos próprios migrantes em seus processos cotidianos de trânsito e/ou permanências em contextos diferenciados que envolvem os lugares de origem com o de destino. As dimensões jurídicas (relacionadas à obtenção de documentação para permanência) assim como a dimensão material e econômica (relacionada a trabalho, moradia, etc.) são fundamentais para a constituição dos processos de cidadania dos migrantes, mas não esgotam o espectro das subjetividades que compõe as experiências migratórias.

Teorias da cultura

Nessa perspectiva, no marco das teorias da cultura e do multiculturalismo, a interculturalidade é um conceito útil para que nos indaguemos sobre a

necessidade de os migrantes serem reconhecidos como sujeitos de direitos sociais e culturais nas múltiplas dimensões que compõem sua subjetividade, e não apenas econômica ou jurídica. Embora muitos governos e instituições tendam a enfatizar quase que exclusivamente uma dimensão economicista das migrações quando, por exemplo, restringem com leis a circulação de pessoas ou quando promovem a chamada “migração qualificada”, os migrantes, suas redes e organizações têm se empenhado em forjar espaços de diálogo que permitam a produção de um “lugar” ou uma “ética” não assimilacionista que seja capaz de fazer convergir dimensões culturais e identitárias universais e/ou particulares relacionadas tanto aos contextos de origem quanto de destino dos migrantes. Podemos dizer que a cidadania intercultural se evidencia no desejo e esforço dos migrantes de serem compreendidos como Outro em sua cultura, de gestarem espaços para a expressão de sua diversidade histórica e cultural na expectativa de que suas experiências identitárias não sejam geradoras de desigualdades de situações e oportunidades. A própria luta pela chamada cidadania universal tem servido para evidenciar o quanto os migrantes são vistos como pertencendo a outro governo e com lealdade a outra soberania.

IHU On-Line – Que pistas existem no sentido de uma abertura maior na discussão das agendas das migrações em termos midiáticos e como isso pode contribuir para o combate do tráfico humano?

Denise Cogo – Nessa proposta, levantamos um conjunto de sugestões, dentre os quais alguns abrangem aspectos específicos sobre o papel da mídia relacionado ao tráfico de pessoas, levando em conta especialmente a proximidade dos eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Destaco aqui esses aspectos, conforme aparecem na redação do documento enviado ao governo federal:

a) Instituir a atuação de Conselhos Consultivos com representantes do Estado e da sociedade civil que colaborem na definição de diretrizes

para a produção e circulação de imagens sobre o Brasil em materiais de turismo, propaganda e divulgação a serem veiculados nos meios de comunicação impressos e digitais e em espaços públicos diversos no país e, principalmente, no exterior. A atuação do Conselho poderia contribuir para diversificar as representações do Brasil pautadas em matrizes do tropicalismo, especialmente aquelas que tendem associar o Brasil à sexualidade ou certos estereótipos étnicos e sexuais.

b) Na atuação do Conselho, sugerimos uma atenção especial para a intensificação do fluxo de imagens e discursos sobre o Brasil que deverá decorrer da realização de grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Todavia, para além desses eventos de grande visibilidade, é necessário criar instâncias de observação e monitoramento da elaboração de imagens sobre o Brasil veiculadas fora do país – na modalidade, por exemplo, de observatórios. Tais instâncias fomentariam o debate sobre essas imagens e sua efetiva contribuição para a prevenção ao tráfico.

c) Elaborar materiais impressos e online de subsídios para jornalistas e comunicadores que atuam em organizações midiáticas e em movimentos sociais, visando à sensibilização e à orientação sobre o tratamento midiático da temática do tráfico de pessoas.

d) Criar instâncias de acompanhamento da internet (na modalidade, por exemplo, de observatórios de estudos) para o desenvolvimento de pesquisa acadêmica sobre as diversas formas de envolvimento e usos do espaço digital (sites, redes sociais, etc.) que possam servir de subsídios para orientar a formulação de políticas e ações institucionais. Entende-se que o espaço digital não deve ser controlado, mas pode ser utilizado para mobilizar ações positivas visando à sensibilização da sociedade civil e dos agentes de estado para a complexidade e desafios tanto de caracterização dos sentidos atribuídos à condição de “vítima” do tráfico quanto à diversidade de dinâmicas que envolvem o trabalho sexual.

Tráfico de pessoas, a escravidão de nossa época

Gabriella Bottani, integrante da Rede Grito Pela Vida, que atua com pessoas em situação de prostituição, delineia um panorama do tráfico humano no mundo

POR RICARDO MACHADO

“O tráfico de pessoas representa a escravidão de nossa época, a mercantilização da vida. O tráfico de pessoas desvela a ambiguidade e a violência de um modelo econômico de desenvolvimento que, em nome do lucro, considera tudo mercadoria: terra, água, mata, animais e até pessoas”, define Gabriella Bottani, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Italiana de nascimento, irmã Gabriella, como é conhecida no Brasil, é a representante da Rede Grito Pela Vida na Talitha Kum – Rede Internacional da Vida Religiosa contra o Tráfico de Pessoas. A rede Talitha Kum iniciou seus trabalhos em

2004 e integra um projeto de enfrentamento ao tráfico de pessoas juntamente com a União Internacional das Superiores Gerais – UISG em parceria com a Organização Internacional das Migrações – OIM, que busca formar redes de religiosas capacitadas para a prevenção e o atendimento às vítimas do tráfico de pessoas, sobretudo para fins de exploração sexual. O primeiro curso de capacitação para tratar do tema foi há quase nove anos em Roma. Desde então mais de 650 mulheres participaram dos cursos e, atualmente, 21 redes atuam em 75 países em todas as partes do mundo.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que representa o tráfico humano no âmbito mundial?

Gabriella Bottani – O tráfico de pessoas representa a escravidão de nossa época, a mercantilização da vida. O tráfico de pessoas desvela a ambiguidade e a violência de um modelo econômico de desenvolvimento que, em nome do lucro, considera tudo mercadoria: terra, água, mata, animais e até pessoas. Mundialmente o tráfico de pessoas movimenta grandes quantidades de dinheiro, sendo – junto com tráfico de drogas e armas – um dos três negócios ilícitos mais rentáveis. As principais vítimas pertencem aos grupos mais vulneráveis e discriminados: mulheres, crianças e adolescentes. As estatísticas publicadas no Relatório 2012 da UNODC¹

confirmam que as mulheres continuam sendo as principais vítimas do tráfico de pessoas representando 76% do total. Outro dado preocupante é o aumento significativo de crianças e adolescentes, principalmente meninas, que caem nas armadilhas dos traficantes de pessoas. A mesma fonte revelou que este grupo aumentou de 20% para 27% do total das vítimas.

Inquietação

Acredito que o tráfico de pessoas é uma denúncia e uma inquietação que deveria chegar a todos, e que traz para discussão e reflexão questionamentos antigos e novos: a questão de gênero, o racismo, a escravidão e a liberdade, a desigualdade econômica e social, o modelo de desenvolvimento e seu consequente impacto socioambiental, modelos culturais e religiosos, enfim tudo o que nos leva a desvendar as causas que sustentam esta gra-

ve violação dos direitos humanos. Se olharmos para o tráfico de pessoas e escutássemos o grito de dor de tantas vítimas, teríamos a possibilidade de tomar cada vez mais consciência de situações e atitudes que tornam corpos e vida mercadoria, objeto de lucro e de prazer.

IHU On-Line – De que maneira a experiência da migração internacional de pessoas e o tráfico humano estão relacionados?

Gabriella Bottani – Antes de responder apresento as definições da Convenção das Nações Unidas contra o crime organizado transnacional, que define o tráfico de pessoas e o de migrantes, documento assinado pela maioria dos países:

“A expressão ‘tráfico de pessoas’ significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à

¹ Conferir <http://www.unodc.org> - Escritório da Organização das Nações Unidas para o combate às drogas e ao crime. (Nota da IHU On-Line)

ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares à escravidão, a servidão ou a remoção de órgãos.”

Tráfico de migrantes: “A promoção, com o objetivo de obter, direta ou indiretamente, um benefício financeiro ou outro benefício material, da entrada ilegal de uma pessoa em um Estado – parte do qual essa pessoa não seja nacional ou residente permanente.”

Tráfico de pessoas e tráfico de migrantes

Falar de tráfico transnacional de pessoas e migração é uma questão delicada, pois cada vez mais torna-se difícil traçar linhas claras de demarcação entre tráfico de pessoas e tráfico de migrantes. É urgente pensar nas causas e dimensões dos movimentos migratórios em nosso tempo, sobretudo das grandes massas de migrantes sem documentos, que aumentaram tanto que pode se falar de um sexto continente flutuante. Os grandes movimentos migratórios atuais são causados pela procura de uma vida melhor, devida ao grande desequilíbrio econômico mundial entre nações, instabilidade política e social e problemas ambientais. As motivações que levam muitas pessoas, e cada vez mais mulheres, a sair de seus países são muitas vezes as mesmas que levam a aceitar as propostas dos aliciadores, os quais oferecem a possibilidade de realizar o sonho de vida melhor em uma outra região do mundo ou do próprio país. “Aceitei a proposta, pois achava que tudo era melhor do que na minha terra!”, estas palavras, em meu parecer, resumem muito bem este conceito.

“Um fator que influi mundialmente no movimento das pessoas traficadas para serem exploradas sexualmente é a demanda, isto é, os gostos de quem adquire serviços sexuais a pagamento”

Embora tráfico de pessoas e de migrantes seja definido de formas diferentes, na prática, muitas vezes estas realidades vêm se misturando e confundindo, como é o exemplo dos sequestros de migrantes no México ou a exploração sexual das mulheres. Nosso trabalho enquanto religiosas é de chamar a atenção para que o tráfico de pessoas não seja usado para justificar políticas migratórias protecionistas, que desconsiderem a realidade do indivíduo, sua dignidade e direitos, que consideram primariamente a ilegalidade do ato migratório.

IHU On-Line – Tendo em conta a participação da senhora nos encontros da Rede Internacional Talitha Kum e a experiência neste trabalho, que países estão mais vulneráveis ao tráfico e à exploração sexual?

Gabriella Bottani – São as regiões do mundo marcadas pela pobreza, instabilidade política e desigualdade econômica. Países que não oferecem possibilidade de trabalho, educação e perspectivas de futuro

para os jovens. Os principais países de origem de pessoas traficadas encontram-se no sudeste asiático, que continuam denunciando o maior fluxo de mulheres traficadas transnacionalmente; seguem-se os países da África Subsaariana, do Leste Europeu, da América Latina e Caribe. É interessante observar como aumenta o número de pessoas traficadas de regiões mais pobres para outras de destino mais ricas e próximas, tais como são os casos da exploração sexual de mulheres do Leste Europeu na Europa Ocidental; da América Central e do Caribe nos Estados Unidos; do Norte da África no Oriente Médio; de Moçambique na África do Sul; e do Brasil – especificamente do Pará e Amapá – exploradas sexualmente no Suriname e na Guiana Francesa.

Um fator que influi mundialmente no movimento das pessoas traficadas para serem exploradas sexualmente é a demanda, isto é, os gostos e as escolhas de quem adquire serviços sexuais a pagamento. Outro elemento que temos que considerar é que vem aumentando o número de pessoas traficadas internamente. As estatísticas acima da UNODC apontam que, mundialmente, uma de cada quatro vítimas do tráfico de pessoas é explorada em seu país.

IHU On-Line – Qual o perfil dos países para os quais as pessoas traficadas são levadas?

Gabriella Bottani – Os países de destino são aqueles onde há demanda, isto é, os países e regiões mais ricos: Estados Unidos, Europa Ocidental, Austrália, Japão, Oriente Médio e emergentes como a África do Sul e, até mesmo, o Brasil. Pessoas são traficadas também em outros países, seguindo as rotas do turismo sexual, da exploração sexual de crianças e adolescentes. Merecem atenção particular as localidades com grande concentração de demanda de sexo a pagamento, tais como presença de militares, canteiros para a construção de grandes obras, organização de megaeventos etc.

IHU On-Line – Para além da questão da prostituição, que outras atividades de exploração estão relacionadas ao tráfico humano?

Gabriella Bottani – Lembrando que a prostituição é uma das formas de exploração sexual, pessoas são traficadas por serem exploradas no trabalho: nas fábricas, no trabalho doméstico e no âmbito rural. Tal é o caso dos cortadores de cana no Brasil e de crianças traficadas pela colheita do cacau na Costa do Marfim. Outras formas de exploração são para a remoção de órgãos, adoções ilegais, casamentos forçados e tráfico de droga.

IHU On-Line – Que desafios se impõem ao combate ao tráfico de pessoas?

Gabriella Bottani – Acredito que o maior desafio é fazer com que as pessoas não fiquem indiferentes diante desta grave violação dos direitos humanos. Temos que enxergar as causas que levam ao tráfico de pessoas para podê-lo erradicar. Para isso precisa fazer um trabalho preventivo capilar e transformador, seja na perspectiva da oferta ou da demanda. Isso significa quebrar o silêncio para nos deixar tocar pela dor e pelo sofrimento que o tráfico de pessoas é para a humanidade toda, e não somente para as vítimas.

IHU On-Line – Como os Estados têm se organizado na perspectiva de inibir esta prática?

Gabriella Bottani – Estamos caminhando rumo à liberdade, um caminho ainda muito longe, que precisa de compromisso. No global, o enfrentamento ao tráfico de pessoas tem ainda uma visão reduitiva, que leva a uma ação principalmente repressiva do crime organizado. Como já tive a oportu-

“No global, o enfrentamento ao tráfico de pessoas tem ainda uma visão reduitiva, que leva a uma ação principalmente repressiva do crime organizado”

nidade de dizer, acredito que esta prática pode ser inibida com um trabalho de prevenção que mire à remoção das causas. Este é o verdadeiro caminho que pode ajudar a humanidade a readquirir sua dignidade e liberdade. Não se pode falar em combate ao tráfico de pessoas sem falar de combate à pobreza e à desigualdade socioeconômica que existe no mundo. Tampouco sem enfrentar o problema da corrupção, e questionar a cultura que torna tudo mercadoria. Nesse sentido, a sociedade civil tem um papel fundamental.

IHU On-Line – Há quanto tempo a Rede Talitha Kum tem se articulado no combate ao tráfico de pessoas, quais foram os avanços e quais são os limites do trabalho?

Gabriella Bottani – Talitha Kum é a rede da vida consagrada no enfrentamento ao tráfico de pessoas; trata-se de uma rede de redes. É o resultado de um projeto da União Internacional das Superiores Gerais – UISG em parceria com a Organização Internacional das Migrações – OIM, que busca formar redes de

religiosas capacitadas para a prevenção e o atendimento às vítimas do tráfico de pessoas, sobretudo para fins de exploração sexual. O projeto começou em 2004 com a realização, em Roma, do primeiro curso. Até hoje foram realizados 16 cursos com a participação de mais de 650 mulheres consagradas. Atualmente Talitha Kum é composta por 21 redes, ativas em 75 países nos cinco continentes. A principal articulação da Vida Consagrada comprometida no enfrentamento ao tráfico de pessoas é local, junto com a sociedade civil, organizações eclesiais, governamentais e não governamentais. Internacionalmente começamos a nos articular em 2010; estamos ainda no começo, procurando caminhos para superar as distâncias e as dificuldades de comunicação. A atuação em Rede da Vida Consagrada foi certamente um avanço que juntou forças no enfrentamento ao tráfico de pessoas, pois, diante da rede de morte das organizações criminosas, muito bem organizadas e articuladas internacionalmente – como são as responsáveis pelo tráfico de pessoas –, uma rede de vida igualmente bem organizada e articulada, que conecta países de origem, trânsito e destino, disposta em partilhar recursos e forças, pode contribuir de forma eficaz na prevenção ao tráfico de pessoas. O trabalho em rede nos deu a força e a criatividade para adentrar, a partir de pontos de vista diferentes, nas profundidades escuras de nossa época, em suas contradições, modelos de desenvolvimento, desigualdades, tendências e abordar a realidade em sua multidimensionalidade, visto que as causas são simultaneamente econômicas, psicológicas, mitológicas e sociológicas. Isso fez com que nosso trabalho na prevenção e no atendimento às vítimas avançasse em qualidade.

**LEIA OS CADERNOS IHU
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Globalização neoliberal: agravamento das formas de opressão às mulheres

Manuela Rodríguez Piñeres, que atua no combate à exploração sexual no Brasil e na América Latina, discute as relações entre o neoliberalismo e o tráfico de pessoas

POR RICARDO MACHADO

“**N**o Brasil a escravidão que durou mais de 100 anos. São 125 anos que nos separam dessa cultura, onde seres humanos foram tratados como mercadorias. No entanto, na prática até hoje existem situações em que pessoas são submetidas a condições ou práticas similares à escravidão. Com a queda do muro de Berlim e a gestação de uma nova ordem mundial, diversos problemas anteriormente encobertos por certa aura de irrelevância voltam à cena e passam a integrar o rol de esforços da comunidade internacional”, avalia Manuela Rodríguez Piñeres, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Manuela Rodríguez Piñeres é membro das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. É graduada em Serviço Social pela Universidade Nacional do Comahue, General Roca, Argentina, fez especialização em Comunicação, Diálogo e Gestão Criativa de conflitos na Universidade Federal da Bahia. Sua trajetória de trabalho conta com 20 anos de atuação no acompanhamento a mulheres em situação de prostituição. Atuou também em um programa de retorno voluntário da Organização Internacional de Migrações – OIM, em Buenos Aires, voltado para mulheres dominicanas traficadas para exploração sexual.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que dimensões o tráfico humano tomou no Brasil e na América Latina nos últimos 30 anos?

Manuela Rodríguez Piñeres – Nos últimos anos, verificou-se o reconhecimento crescente do tráfico de seres humanos e sua dimensão transnacional como um dos problemas mais desafiadores do século XXI. O tema tornou-se elemento crucial nas agendas políticas de muitos países. Falar sobre as dimensões do tráfico é falar de um crime invisibilizado, onde os critérios para defini-lo não são universais, e há ainda um vazio legal muito grande. Igualmente é preciso falar das dimensões de um problema que muitas vezes não é identificado como tal, onde as pessoas vitimadas muitas vezes não o reconhecem ou se negam a denun-

ciá-lo devido aos riscos que correm pela criminalidade das máfias e pelo vazio legal do qual já falamos.

Além disso, para falar das dimensões de um tema tão complexo, nos deparamos também com a falta de um banco de dados oficial. Isso é fundamentado pelo próprio Escritório de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Seres Humanos, órgão da Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania, do governo do estado de São Paulo. Vamos socializar dados extraídos de *The protection project Johns Hopkins University School of advanced International Studies Created by Neha Mather* (de março de 2002), que afirma haver entre 200 mil e 500 mil mulheres traficadas da América Latina para os Estados Unidos e Europa.

Sabemos que este dado é amplo e genérico devido às próprias características deste crime invisibilizado e pelas justificativas já explicitadas acima. No entanto, consideramos significativos os dados que a Organização das Nações Unidas informa, segundo os quais se trata de uma rede lucrativa que ocupa o terceiro lugar na economia mercadológica do crime organizado, perdendo apenas para o tráfico de armas e drogas. Segundo a Undoc, o tráfico de pessoas movimenta aproximadamente 32 milhões de dólares por ano.

Dimensões no Brasil

Apesar dos limites para falar das dimensões do tráfico humano no Brasil e na América Latina, vamos pincelar algumas questões sempre perme-

adas pela falta de dados oficiais, isso sem deixar de lado as pesquisas que mostram que o mesmo tem aumentado nos últimos anos. Um estudo realizado pela Organização Internacional para as Migrações – OIM apontou o Brasil como um dos países-fontes de pessoas atingidas pelo tráfico humano, ao lado da Bulgária, China, Índia, Nigéria.

A Polícia Federal já recebeu quase 700 denúncias sobre sites de falsas agências de modelo que recrutavam mulheres para o tráfico internacional. Alguns anúncios criminosos utilizavam o código “ficha rosa”. Isso quer dizer que eles estavam atrás de modelos que participassem de eventos (como feiras, congressos e festas fechadas) e, ao mesmo tempo, ficassem disponíveis para serviços sexuais. Esse trabalho de investigação foi feito em parceria com a ONG Safernet, que se dedica à defesa dos direitos humanos na internet. Em 2010 ela lançou um formulário para receber denúncias sobre sites relacionados ao tráfico de pessoas¹.

Das pesquisas que se multiplicaram nesta última década, tem-se a de 2002 quando foi publicado o levantamento mais completo sobre o tema no país: *Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil*, conhecida como Pestraf. Por meio de inquéritos policiais, processos judiciais, estudos e reportagens relativos ao período de 1996 a 2002, foi possível identificar a existência de 110 rotas em território nacional e 131 para o exterior. Como as rotas são dinâmicas, este mapeamento certamente está desatualizado. Podemos inferir que a participação do Brasil nas redes internacionais do tráfico de pessoas é favorecida pelo baixo custo operacional, pela existência de boas redes de comunicação, de bancos e casas de câmbio e de portos e aeroportos, pelas facilidades de ingresso em vários países sem a formalidade de visto consular, pela tradição hospitaleira com turistas e pela miscigenação racial.

1 Para denunciar, acesse: <http://denuncia.pf.gov.br/>. (Nota da entrevistada)

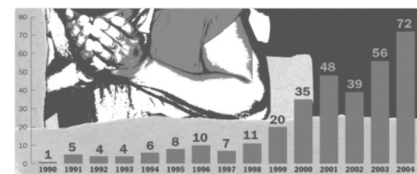
Ministério da Justiça

Um levantamento do Ministério da Justiça, realizado no âmbito do projeto implementado com o Unodc, apurou que os estados em que a situação é mais grave são Ceará, São Paulo e Rio de Janeiro, por serem os principais pontos de saída do país, e Goiás. A maioria destas rotas leva para Europa.

Acrescento mais alguns dados obtidos com uma profissional do Projeto Vagalume, em Santiago de Compostela (Espanha), vinculado ao Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Nos últimos cinco anos foram atendidas aproximadamente 160 mulheres de nacionalidade brasileira que migraram para a Espanha, a partir das fichas de triagem, por demanda de assistência psicológica, jurídica, encaminhamentos sociais e oficinas de formação. Constataram-se alguns elementos que configuram o tráfico de pessoas segundo a definição do Protocolo de Palermo². Os resultados apresentados apontaram mais de 60% das mulheres brasileiras entrevistadas, ou seja, um total de 96 mulheres que estavam em situação de tráfico. No ano 2011 houve apenas três denúncias e, no de 2012, apenas uma. Nesses dois últimos anos, por causa da crise financeira que atingiu a Espanha, diminuiu muito significativamente a quantidade de mulheres brasileiras. Sua demanda mais urgente é retornar ao país de origem. Tudo isso tem a ver com as leis de migração, mas também com a grave crise econômica.

2 Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças (Palermo, 2000), instrumento já ratificado pelo governo brasileiro. Segundo o referido Protocolo, a expressão tráfico de pessoas significa: “O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração”. (Nota da IHU On-Line)

Inquéritos policiais instaurados entre 1990 e 2004



Tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. Brasília: OIT, 2006.

Situação na América Latina

Das informações levantadas em diferentes sites e partir de leituras feitas podemos inferir que pobreza e desemprego são os denominadores comuns que tornaram a América Latina uma região vulnerável para redes de crime organizado que lucram com o tráfico de pessoas, sobretudo mulheres, crianças e adolescentes.

A seguir trazemos alguns dados de países latino-americanos que têm nosso Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, com projetos voltados ao acompanhamento de mulheres em situação de prostituição ou vitimadas pelo tráfico de pessoas.

A Venezuela continua sendo um país de trânsito para as redes de tráfico de pessoas, apesar dos esforços feitos pelo governo e pelas comunidades organizadas.

A Colômbia está entre os 33 países que satisfazem completamente os requisitos mínimos para a eliminação do tráfico humano apesar de ser historicamente um país de envio de pessoas para Europa, particularmente nas décadas anteriores e nesta última.

A Argentina é um país de captação, transporte e destino de mulheres para fins de exploração sexual. Não há estatísticas globais sobre o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual neste país. Porém, especialistas afirmam que ele é um dos que mais têm avançado no combate ao tráfico de pessoas. O número de processos judiciais, por exemplo, passou de 78 em 2010 para 195 em 2011, com 39 sentenças condenatórias, conforme a Unidade de Assistência em Sequestros Extorsivos e Tráfico de Pessoas – Ufa-se. Os casos praticamente dobraram,

passando de cerca de 100 investigações em 2010 para 196 em 2011³.

IHU On-Line – Que mudanças houve nas últimas décadas em relação à situação atual do tráfico humano e da exploração sexual?

Manuela Rodríguez Piñeres – A globalização do capitalismo neoliberal tem marcado o mundo por mudanças de todo tipo que transformaram os aspectos culturais, sociopolíticos, econômicos, assim como a subjetividade e o cotidiano das pessoas, afetando até mesmo o comportamento delas. No que tange à situação atual do tráfico, tem mudado o perfil das pessoas traficadas das quais muitas delas são consideradas migrantes que não tiveram sucesso. Isso se deve em grande parte à abertura das fronteiras e ao crescimento na consciência das pessoas de seus direitos (por exemplo, o direito de ir e vir, de viajar devido às facilidades para obter passagens a custos razoáveis). Por outro lado, atrelado a essa abertura, os países receptores ou de destino de pessoas traficadas para o trabalho escravo, remoção de órgãos ou exploração sexual de mulheres, crianças e adolescentes, e tráfico de bebês para adoções ilegais, não têm mostrado vontade política para criar leis migratórias que garantam efetivamente esses direitos, a fim de que seja tirada das pessoas traficadas sua condição de ilegais. Essas mudanças se visualizam em outras modalidades de aliciadores que atualmente envolvem até familiares ou pessoas próximas, além nas máfias que são organizações eficientíssimas.

IHU On-Line – O trabalho do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor (www.oblatas.org.br) permite observar qual traço histórico na exploração das mulheres?

Manuela Rodríguez Piñeres – Em nosso trabalho focado no acompanhamento de mulheres que exercem a prostituição e mulheres vitimadas pelo tráfico para exploração sexual constatamos como o sexo feminino corres-

“Nesse contexto é que a exploração sexual e comercial das mulheres traficadas nestes últimos anos chegou ao topo da coisificação e desumanização.”

ponde à maioria das vítimas, nas mais variadas formas de violência sexual praticadas contra crianças e adolescentes. Segundo os dados do Disque Denúncia 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República referentes ao período de janeiro a fevereiro de 2011, elas são 80% das vítimas de exploração sexual, 67% de tráfico de crianças e adolescentes, 77% de abuso sexual e 69% de pornografia. Um mercado que, segundo estimativas da OIT – Organização Internacional do Trabalho, movimenta cerca de 32 bilhões de dólares por ano.

IHU On-Line – Qual o perfil das mulheres vítimas de exploração sexual e tráfico humano?

Manuela Rodríguez Piñeres – Mais que chamá-las de vítimas, opto por falar de mulheres vitimadas pela exploração sexual. Assim, podemos olhar esta realidade através da lente dos condicionamentos, dentre outros, socioeconômicos, políticos e culturais. Incluo nesse último aspecto o patriarcado e o machismo, que perpetuam sistemas de exploração sexual e econômica das mulheres. É um modelo pornográfico que se impõe neste capitalismo neoliberal hegemônico.

Ao falar desse perfil não queremos cair numa revitimização deste setor social. São mulheres com uma grande capacidade de tomar suas próprias decisões, de despertar para um maior empoderamento, são coraço-

sas, com muitos saberes, proativas e lutadoras. São mulheres com sonhos, com projetos de vida, com o direito a sair de cidade ou povoado de origem ou ao exterior em procura de melhorar a sua qualidade de vida, a de seus filhos e demais familiares. Elas, como todo ser humano, convivem com esses potenciais, mas também com aspectos que as tornam vulneráveis e desestruturam suas vidas. Muitas delas são atingidas pela vulnerabilidade da pobreza. Vale salientar que nosso Instituto de Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor tem uma opção e compromisso solidário com as mulheres que exercem prostituição ou são exploradas sexualmente.

Diante dessa vulnerabilidade elas são atraídas por promessas enganosas de conforto e altos ganhos. Em sua maioria são mulheres com baixo grau de escolaridade, falta de qualificação para o trabalho e, em consequência, de baixa ou nenhuma renda. São migrantes de sua terra de origem, têm filhos e exercem atividades relativas à prestação de serviços domésticos ou ao comércio, dentre outras. São mulheres que sofrem a pressão e a opressão de um estereótipo de gênero que as torna, muitas vezes, submissas e dependentes de seus exploradores.

IHU On-Line – Como se estabelece a relação cultura / mercado / prostituição?

Manuela Rodríguez Piñeres – Dando um passo mais, no capitalismo chamado neoliberal tudo se transformou em mercadoria, incluindo as pessoas. Ouso afirmar que vai se configurando o que podemos chamar da “cultura do consumo e do dinheiro imediato”. Esta cultura está no auge no século XXI e cria vertiginosamente, dentro do marco da globalização, outras diversas e sofisticadas formas de ganhar dinheiro. Este imediatismo permeia a sociedades nos diferentes âmbitos. A dimensão da economia torna-se já não uma forma de administrar a casa e os bens, mas sim uma “regulamentação da exploração dos seres humanos”, ou seja, a legitimação do trabalho escravo.

Nessa cultura, apresentam-se quase como uma exigência a venda e o

³ Nota da autora: Mais informações <http://infosurhoy.com/cocoon/saii/xhtml/pt/features/saii/features/main/2012/06/29/feature-01>

consumo dos mais variados produtos, e sustenta-se nas mesmas regras de mercado: uma oferta e uma procura de dimensões incontroláveis que atinge também a chamada “indústria do sexo” ou “mercantilização dos corpos dos seres humanos”. Citando a cartilha *Copa para quem?* (Comitê Popular da Copa, 2012, São Paulo), “a fórmula clássica é M – D – M (mercadoria, dinheiro, mercadoria), transformação da mercadoria em dinheiro e retransformação de dinheiro em mercadoria. A fórmula da prostituição ficaria assim M – D – M (mulher, dinheiro, mercadoria), transformação da mulher em mercadoria. Nessa fórmula, prostituição significa atestar que a mulher é uma mercadoria. O capitalismo neoliberal tornou-se o principal motor do desenvolvimento da indústria do sexo, do tráfico de mulheres e de crianças para fins de exploração sexual.”

Nesse contexto é que a exploração sexual e comercial das mulheres traficadas nestes últimos anos chegou ao topo da coisificação e desumanização: “A droga a gente vende só uma vez, enquanto que as mulheres a gente vende várias vezes, até que não aguentam mais, fiquem loucas, morram de doença ou se matem” (depoimento de um dono de bordel no Canadá em entrevista para a revista Macleans.)

IHU On-Line – Em que medida os grandes eventos como Copa do Mundo e Olimpíadas refletem na questão do tráfico de mulheres?

Manuela Rodríguez Piñeres – De modo geral, os países que já sediaram a Copa do Mundo passaram por um processo no qual as parcelas mais pobres da população tiveram seus direitos humanos e sociais violados, sofrendo com o aumento da miséria e da desigualdade, como informa a cartilha intitulada *Copa para quem?* (Comitê Popular da Copa, São Paulo, 2012). Faltam discussão e debate prévio com toda população do país sobre a decisão da realização destes megaeventos, e não só com as elites ou setores interessados em obter lucros volumosos a qualquer preço. E isso leva ao aumento da prostituição, da exploração sexual de mulheres, adolescentes e crianças e, em consequência, leva ao incremen-

to do tráfico. Vale lembrar que, para a Copa da Alemanha, 40 mil mulheres foram levadas para esse país, uma grande parte delas traficadas⁴.

Turismo sexual

Outra constatação é que o turismo sexual está atrelado à exploração sexual das mulheres, crianças e adolescentes. “Segundo o Ministério do Turismo, aproximadamente 500 mil turistas estrangeiros devem visitar o Brasil durante a Copa do Mundo e mais dezenas de milhões de brasileiros devem movimentar-se entre as cidades-sede.” Também pessoas do país vão comprar com antecedência o pacote turístico. Vale salientar que nesse pacote que as agências turísticas divulgam, coloca-se o conjunto: praia, sol e “MULHERES BRASILEIRAS” como se elas fossem um dos três fenômenos da natureza brasileira tão rica e disponível. É uma maneira de promover a mercantilização dos corpos das mulheres. Uma mulher que luta pelo fim da violência contra as mulheres afirma: “Os megaeventos utilizam da mercantilização do corpo da mulher para lucrar com a indústria do sexo e o tráfico de mulheres”⁵.

IHU On-Line – Que políticas públicas existem no sentido de dar suporte e garantias a mulheres em situação de prostituição?

Manuela Rodríguez Piñeres – As políticas existentes que abrangem a população brasileira em geral, com suas fortalezas e suas fragilidades indiretamente beneficiam as mulheres em situação de prostituição. Se partimos de uma concepção que a prostituição é uma forma de violência às mulheres, podemos considerar que houve avanços nesta luta pelo fim da violência com a implantação da Lei Maria da Penha⁶, já que se tem im-

plementado e implantado Centros de Referência e Casas Abrigo em quase todos estados do país. E o trabalho e contribuição dos movimentos de mulheres e dos movimentos feministas tem sido e contínuo e firme. Ainda há muito para fazer porque a morte de mulheres por causa da violência continua acontecendo cotidianamente.

No entanto não existem políticas públicas implantadas voltadas para as mulheres em situação de prostituição. O preconceito milenar que atinge este setor social está dificultando dar esses passos para se transformarem em Políticas Públicas sólidas e que visem garantia de direitos das mulheres em situação de prostituição.

A história brasileira registra a existência de alguns projetos de lei anteriores que nunca avançaram em efetivo em benefício das mulheres que exercem a prostituição, como o do Deputado Federal Adhemar de Barros Filho, de 1987.

A seguir elencamos outros: Projeto de Lei 3.436/1997 do Deputado Wigberto Tartuce, Partido Progressista Brasileiro-Distrito Federal; projeto de lei Nº 98 DE 2003 (Do Sr. Fernando Gabeira); Projeto de Lei PL 4.244/04 DO deputado federal Eduardo Valverde (PT/RO). Já se tramitaram no Congresso Nacional sem aprovação.

Por último, cito o Projeto de lei Nº 4211/2012 – Projeto de lei Gabriela Leite, Jean Wyllys, Deputado Federal PSOL/RJ. Este último está sendo impulsionado, sobretudo, frente aos megaeventos (Copa 2014 e Jogos Olímpicos). Ele propõe a regulamentação da prostituição entendida como profissionalização do sexo. Este projeto vem dividindo opiniões tanto pela conjuntura atual (Copa 2014) como a partir das diferentes leituras que fazem da prostituição os diversos grupos e organizações sociais do poder público e da sociedade civil.

4 Nota da autora: Cartilha “Copa para quem?”, Comitê Popular da Copa, São Paulo, 2012.

5 Nota da autora: Mariana Cristina Moraes da Cunha, integrante do Fórum Estadual de combate à violência contra a mulher no Rio de Janeiro.

6 Lei Maria da Penha: lei número 11.340 decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva em 7 de agosto de 2006. Dentre as várias mudanças promovidas pela lei está o aumento no rigor das

punições das agressões contra a mulher quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A lei entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, e já no dia seguinte o primeiro agressor foi preso, no Rio de Janeiro, após tentar estrangular a ex-esposa. (Nota da IHU On-Line)

Efeitos colaterais da Copa do Mundo

A Revista **IHU On-Line** reproduz uma pequena reflexão da psicóloga e ativista social Mariana Cristina Moraes da Cunha, integrante do Comitê Popular da Copa. O segundo texto foi extraído da cartilha *Copa para quem?* do Comitê Popular Para a Copa de São Paulo, lançado no final de 2012. Os textos foram enviados pela entrevistada Manuela Rodríguez Piñeres.

Escravidão Moderna

O tráfico de mulheres é uma forma moderna de tráfico de escravos, pois sequestra mulheres, em especial jovens, de seus países e as obriga a trabalhar como profissionais do sexo muitas vezes em troca de um prato de comida, em regime fechado, aprisionadas. Anualmente quatro milhões de pessoas, em sua maioria mulheres jovens, são traficadas. De acordo com o Parlamento Europeu, a indústria sexual ilegal acumula, por ano, de 5 a 7 bilhões de dólares.

Com o ufanismo dos megaeventos, a esperança de melhorar de vida, aproveitando os grandes negócios, a indústria sexual ludibria as mulheres jovens e pobres com a possibilidade de trabalharem nos eventos da copa do mundo. Prometem que elas serão garçonetes, cozinheiras, as transportando de seu país de origem (países subdesenvolvidos, da América Latina, África e Ásia) sem nenhum dinheiro ou garantia de retorno e as levam para serem escravas sexuais disponíveis para os frequentadores dos megaeventos.

Na Copa do mundo em 2006 na Alemanha, o fato da prostituição ser legalizada foi um diferencial para a realização dos jogos lá. Este fato permitiu que a indústria do sexo não tivesse grandes problemas para traficar para a Alemanha nada menos

que 40 mil mulheres, importadas da Europa central e do leste, para abastecer um gigantesco complexo ligado à prostituição.

Foi construída uma megacasa de prostituição, ao lado do principal estádio do país, com capacidade para 650 homens usufruírem de seus serviços simultaneamente. Vemos que o capitalismo se utiliza da legalização da prostituição, uma lei feita para proteger as profissionais do sexo, para potencializar seus lucros, explorando o corpo da mulher.

Já na Copa do Mundo na África do Sul, a prostituição não era legalizada, mas este país já fazia parte da rota de tráfico de mulheres, o que o tornava atrativo para ser sede de tais jogos.

A FIFA, grande agenciadora dos interesses das transnacionais, pressionou a África do Sul para que legalizasse a prostituição, o que não ocorreu. No entanto, os governantes deste país fizeram vistas grossas e o tráfico de mulheres (sequestro de meninas) aumentou ainda mais neste período de jogos mundiais. Segundo o portavoz da polícia de Maputo, capital de Moçambique, essas meninas estavam sendo vendidas por US\$ 670.

Megaeventos e regulamentação da Indústria Sexual

No contexto de megaeventos a defesa pela regulamentação da pros-

stituição surge como fórmula mágica ao enfrentamento dessa questão, o debate foi colocado no caso da Alemanha e na África do Sul quando estes países foram sedes da realização da Copa do Mundo. Não por acaso, tramita em nosso congresso o projeto de lei de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys batizada de “Gabriela Leite” que pretende regulamentar a prostituição tornando-a uma profissão no Brasil.

Regulamentar a prostituição significa atestar que a mulher é uma mercadoria. O neoliberalismo tornou-se o principal motor do desenvolvimento da indústria do sexo, do tráfico de mulheres e de crianças para fins de exploração sexual, fortalecendo as relações comerciais do capitalismo e sustentando o mecanismo de opressão das mulheres.

Regulamentada ou não, a prostituição continuará sendo a reafirmação do controle que os homens exercem sobre os corpos das mulheres e a manutenção de um padrão sexual imposto às mulheres e seus corpos. Nesse sentido, a regulamentação da prostituição somente tornaria mais fácil a atuação das máfias na rede de tráfico de mulheres e legitimaria essa escravidão.

A coisificação das pessoas e das relações humanas

Movimento feminista tem papel importante para mobilizar críticas e ações sobre a postura do patriarcado em relação ao tráfico e prostituição de mulheres. Vulnerabilidade econômica do sexo feminino está no cerne do tráfico de gênero, analisa Nalu Faria

POR RICARDO MACHADO

A sociedade de mercado rouba sonhos e cria ilusões. “Constrói essa ideia que terá acesso a uma experiência a partir do que consome. O consumo está o tempo todo associado à felicidade, ou que a pessoa é aquilo que consome. Ter passa a ser algo muito importante. Isso como parte de uma coisificação das pessoas e das relações humanas”, considera Nalu Faria, psicóloga e coordenadora geral da Sempreviva Organização Feminista – SOF, www.sof.org.br, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Na avaliação de Nalu, a estrutura social que coloca as mulheres como principais vítimas do tráfico humano está relacionada a “vulnerabilidade econômica das mulheres, depois a identidade e subjetividade feminina, como românticas, idealistas, voltadas para acreditar em sonhos como dos príncipes encantados, hoje travestidos de ofertas

milagrosas de trabalho, ou de princesas em pele de modelos.

Nalu Faria é psicóloga e especialista em Psicodrama Pedagógico pelo Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos, e especialista em Psicologia Institucional pela Sedes Sapientiae. Atua nos movimentos que lutam pelos direitos das mulheres no Brasil, tais como a violência doméstica, equiparação salarial, luta contra o machismo e o direito ao aborto. É autora, entre outros artigos, de *O feminismo latino-americano e caribenho: perspectivas diante do neoliberalismo* (São Paulo: Livre Mercado para o Feminismo, 2005). No site da SOF, entidade que coordena, há diversos cadernos e artigos sobre a questão da luta das mulheres para download¹.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que diferenças existem entre tráfico sexual e turismo sexual?

Nalu Faria – No caso do tráfico em geral, é mais explícita a relação com escravidão e/ou da enorme quantidade de dinheiro que as mulheres têm que pagar. Por outro lado, há situações de turismo sexual relacionada ao tráfico. Em geral, o turismo sexual usa a fragilidade de mulheres muito jovens para envolvê-las nesta atividade, sem significar retirá-las da família ou de seu lugar de moradia.

IHU On-Line – Que modelos de práticas sustentam a ideia liberal de direito de que a escolha de um trabalho de prostituição é voluntária?

Nalu Faria – Uma das estratégias é tratar a prostituição como outro serviço qualquer, ou que se as mulheres quisessem poderiam trabalhar em outra coisa. Isso hoje é reforçado por estarmos em uma sociedade onde o tabu da virgindade já não é tão forte. Mas essa visão oculta que há uma instituição da prostituição, que são vários os mecanismos que levam as mulheres à prostituição, que as mulheres prostituídas geralmente possuem uma forte baixa-estima, que não con-

seguem se imaginar em outra situação. Outras vezes há a pressão por ganhar mais dinheiro que os pequenos salários que conseguem com outro emprego, ocasião à qual muitas vezes os parceiros amorosos as obrigam. Mas há um elemento fundamental e que tem sido considerado: a maioria das mulheres chegam à prostituição quase meninas e, quando completam 18 anos, elas já têm sua vida, sua identidade, sua subjetividade muito marcada por essa experiência.

IHU On-Line – Que subjetividades são construídas em uma sociedade

¹ Nota IHU On-Line: <http://bit.ly/Zpg4HI>.

de marcada pelo livre mercado e pelo consumo?

Nalu Faria – Essa sociedade de mercado rouba os sonhos e cria ilusões. Constrói essa ideia que terá acesso a uma experiência a partir do que consome. O consumo está o tempo todo associado à felicidade, ou que a pessoa é aquilo que consome. Ter passa a ser algo muito importante. Isso como parte de uma coisificação das pessoas e das relações humanas.

IHU On-Line – Como a divisão internacional do trabalho está relacionada ao tráfico de pessoas?

Nalu Faria – Um elemento fundamental para compreender essa dimensão é a indústria do entretenimento como parte de uma sociedade focada cada vez mais na competitividade, no individualismo. Portanto, da diminuição de relações pessoais baseadas em vínculos, reciprocidade. Além do mais, por uma escassez de mulheres do Norte para as atividades vinculadas a essa indústria do entretenimento, muito centrada na prostituição. Daí a necessidade de traficar mulheres. Além disso, os traficantes de mulheres chegam a dizer que é uma ótima mercadoria, pois pode ser vendida muitas vezes.

IHU On-Line – Que papel a América Latina e o Brasil, mais especificamente, cumprem na divisão internacional do trabalho?

Nalu Faria – No período de implantação da globalização neoliberal,

“O trabalho das mulheres está organizado por uma imbricação entre a questão de classe, a divisão sexual do trabalho e a opressão racial.”

falamos de uma nova divisão internacional do trabalho, baseada nessa migração massiva para realizarem as tarefas mais desvalorizadas no Norte. Por outro lado, pelo tipo de produção a que se dedicou a região, tanto de reprimarização da economia quanto do tipo de produção voltada para exportação. Por exemplo, as maquilas no México e América Central, as flores na Colômbia, frutas e peixe no Chile, soja no Cone Sul, etc.

IHU On-Line – Qual a estrutura nesse contexto social que implica que as mulheres sejam as principais vítimas do tráfico humano?

Nalu Faria – Primeiro, a vulnerabilidade econômica das mulheres;

depois a identidade e a subjetividade femininas, como românticas, idealistas, voltadas para acreditar em sonhos como os de príncipes encantados, hoje travestidos de ofertas milagrosas de trabalho, ou de princesas em pele de modelos.

IHU On-Line – Qual o papel dos movimentos feministas no combate à exploração e ao tráfico de mulheres?

Nalu Faria – Temos que intensificar a mobilização a críticas e ações de como o patriarcado tem se organizado e essa imbricação com o mercado. Precisamos reforçar muito o debate sobre a autonomia das mulheres e a compreensão sobre os mecanismos patriarcais. Ao mesmo tempo, temos que massificar e enraizar nosso movimento. É necessário construir alianças com outros movimentos para que essa pauta não esteja restrita ao movimento de mulheres.

IHU On-Line – Qual é a responsabilidade do Estado nesse processo?

Nalu Faria – O tráfico se dá por máfias. Então há que se ter uma investigação permanente. Ao mesmo tempo, há que se implementar um amplo trabalho educativo, em particular nas escolas. Por fim, realizar amplos debates públicos, assim como coibir o sexismo nos meios de comunicação, nas manifestações culturais, etc. Ou seja, atuar de forma enérgica contra a coisificação e a mercantilização das mulheres.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

ACESSE AS REDES SOCIAIS DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

FACEBOOK



BLOG



TWITTER



Tráfico de pessoas: violação de direitos e ameaça à vida e dignidade humana

Irmã Eurídes Alves de Oliveira traça um paralelo entre a questão do tráfico humano e o trabalho religioso de assistência às vítimas deste crime

POR RICARDO MACHADO

“O tráfico de pessoas vem, nas últimas décadas, e particularmente nos últimos anos, tornando-se um problema de dimensões cada vez maiores, a ponto de ser denominado como a ‘escravidão contemporânea’. Constitui-se um crime de proporções alarmantes e com um grau de desumanidade inimaginável. Um afronta à dignidade humana que envenena e envergonha a humanidade”, destaca a Irmã Eurídes Alves de Oliveira, em entrevista por e-mail à revista **IHU On-Line**.

Irmã Eurídes é religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, mestra em Ciências da religião, pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, coordenadora da rede Um Grito Pela Vida e integrante da coordenação do GT de Enfrentamento ao Tráfico Humano da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais os principais passos para a realização do sonho da erradicação do tráfico de seres humanos?

Eurídes Alves de Oliveira – O tráfico de pessoas configura em nossos dias uma grande chaga social, que desumaniza e crucifica milhões de pessoas em todo o planeta. Constitui uma das formas mais explícitas da escravidão do século XXI. Reflete profundas contradições históricas das relações humanas e sociais da humanidade. Vulnera e viola a dignidade e a liberdade de numerosas pessoas, particularmente mulheres e crianças, mercantilizando e ferindo seus corpos, matando seus sonhos e direito de viver. Configura hoje uma das piores afrontas à dignidade humana e um das mais cruéis violações dos direitos humanos. Um afronta à imagem do Criador. Sua erradicação é sonho e missão de todos nós, que acreditamos

na possibilidade de um “outro mundo possível”, em uma sociedade pautada no direito, na justiça social e na superação de toda forma de violência, exclusão e tráfico. Na manifestação do Reino de Deus como um espaço de vida para todos/as.

A realização deste sonho, deste projeto, supõe a superação da indiferença e da alienação da população em geral em relação a esta realidade-clamor. Um firme compromisso de todos: igrejas, sociedade civil e Estado. Urge uma ação determinada e firme de todos. Das autoridades competentes, para coibir, punir os que traficam. Do estado e da sociedade no sentido de denunciar, informar, e educar, assistir e proteger as vítimas, e acima de tudo de lutar pela superação das causas geradoras e sustentadoras desta iníqua realidade.

Sociedade sem tráfico

Só será possível a concretização do sonho de uma sociedade sem tráfico de pessoas, se houver uma ampla comoção e mobilização social e política, articulada em redes de proteção e defesa de direitos das populações empobrecidas, vítimas em potencial deste hediondo crime. Através da gestão de um novo modelo de desenvolvimento, que centre sua atenção nas pessoas e nas suas necessidades básicas. Trata-se de uma tarefa que se impõe a todos nós como imperativo humano e divino.

Concretamente, o empenho em construir uma sociedade sem tráfico de pessoas consiste num processo permanente de intervenção em todos os níveis e dimensões. Através de ações locais de sensibilização e informação, pelas lutas por políticas públicas que garantam os direitos fundamentais das vítimas, principal-

mente a adolescência, juventudes e mulheres, pelo efetivo cumprimento e adequações na legislação e dos mecanismos de proteção e controle dos Estados-nação.

IHU On-Line – Como compreender que o tráfico de pessoas está em terceiro lugar na economia mercadológica do crime organizado, perdendo apenas para o tráfico de armas e drogas?

Eurides Alves de Oliveira – O tráfico de pessoas não é uma questão que se esgota em si mesma; não é um problema isolado ou apenas de índole moral. Está estreitamente conectado com mecanismos globais derivados de uma estrutura política e econômica alicerçada na injustiça, na violência e na exacerbada sede de lucro por partes das elites dominantes. O tráfico de pessoas e as muitas outras faces da pobreza e da exclusão, que atinge milhões de pessoas em todo mundo, é resultado de um sistema estruturado e sustentado pela lógica do mercado, cujo fim é o acúmulo da riqueza nas mãos de uns poucos via mercantilização de tudo, até da pessoa humana. É o espelho da irracionalidade do capitalismo global, que para manter sua soberania imperialista utiliza-se desses meios espúrios como o tráfico de drogas, pessoas e armas como canais de enriquecimento e poder.

Elite triunfante

Como bem expressa Élio Estanislau Gasda¹, “há uma elite triunfante e exibicionista, que trafega em seus jatinhos, banqueiros, empresários, senhores da mídia que deram as costas aos milhares de seres humanos empurrados para os vales da morte do capitalismo. Aí se escondem os crimes mais cruéis contra a vida humana, como a escravidão e o tráfico de seres humanos. O capitalismo sustenta esta máquina de pilhagem de

“O tráfico de pessoas é uma das formas mais antigas de violação de direitos e de ameaça à vida e à dignidade humana.”

miseráveis com a cumplicidade da sociedade e do sistema financeiro. Ao aceitar o dinheiro do tráfico, os bancos se omitem ante o terror imposto a pessoas indefesas. É dinheiro sujo procedente de bordéis, masmorras, carvoarias, barracões. São dólares de sangue extraído destes reféns dos criminosos vorazes cujo poder está longe de esgotar-se”.

Os agentes, “empresários do crime” do tráfico de pessoas que vão desde os aliciadores até os agenciadores mais ocultos do sistema, fazem parte de uma rede bastante complexa e bem articulada que envolve inúmeras pessoas e instituições que deveriam estar a serviço da vida e dos direitos das pessoas, mas que se articulam e agem contrariamente, configurando um cenário de morte de “nova e velha escravidão”.

IHU On-Line – O que faz do tráfico de pessoas um dos mais urgentes apelos históricos para a sociedade em nossos dias?

Eurides Alves de Oliveira – O tráfico de pessoas é uma das formas mais antigas de violação de direitos e de ameaça à vida e à dignidade humana. Nas últimas décadas correram profundas mudanças estruturais na economia e na geopolítica mundial, configurando o cenário de um mundo globalizado e portador de inúmeras possibilidades. O capital e a informação se locomovem com facilidade, rapidez e agilidade. Assiste-se a um grande avanço no campo das redes de comunicação e um amplo movimento

de mobilidade humana, ampliados os fluxos migratórios, dentro dos quais o tráfico de pessoas é uma das faces obscuras.

O tráfico de pessoas vem, nas últimas décadas, e particularmente nos últimos anos, tornando-se um problema de dimensões cada vez maiores, a ponto de ser denominado como a “a escravidão contemporânea”. Constitui-se um crime de proporções alarmantes e com um grau de desumanidade inimaginável. Trata-se de um afronta à dignidade humana que envenena e envergonha a humanidade. O Brasil, país de origem, trânsito e destino desta prática criminosa, é responsável por 15% das pessoas exportadas da América Latina para a Europa.

Apelo histórico

O tráfico de pessoas constitui-se no urgente apelo histórico pela sua gravidade e amplitude. Trata-se de um delito de grande incidência mundial na contemporaneidade. Apesar da sua amplitude, é uma realidade ainda bastante oculta nos cenários e agendas das instituições. O tráfico de pessoas funciona como uma epidemia silenciosa que vai ceifando vidas e sendo tolerada pela sociedade como um problema distante e de pouca relevância. Urge aguçar nossa capacidade de pessoas históricas e construtoras da história. Romper com o silêncio que faz novas vítimas. A crueldade do escândalo do tráfico de pessoas exige uma opção pastoral decidida e inegociável. Sua presença dolorosa e perturbadora é sacramento da presença de Deus clamando por libertação.

IHU On-Line – Quais são os fatores que favorecem a entrada de pessoas como vítimas deste crime? A pobreza, o desemprego e a ausência de educação podem ser citados nesse sentido?

Eurides Alves de Oliveira – Inserido na complexa estrutura do modelo de desenvolvimento capitalista, o tráfico de pessoas tem na globalização excludente a causa e cenário para o seu surgimento, crescimento e sustentação. Como um fenômeno multifacetário, são muitos os fatores básicos que contribuem para a entra-

¹ Nota da autora: Professor de Ética e Teologia na FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte). Doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia de Madri, em seu texto: Tráfico de Pessoas e Trabalho escravo: lugar teológico, clamor ético, missão da igreja. <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=59343>. Acesso em: 7-04-2013

da das pessoas nesta rede criminosa, fatores de ordem socioeconômica e política, cultural e ideológica: a pobreza, a ausência de oportunidades de trabalho, a discriminação de gênero, a violência doméstica, a desinformação, a cultura hedonista veiculada pela mídia, a instabilidade política, econômica em regiões de conflito, a migração forçada, o turismo sexual, a corrupção das autoridades, leis deficientes, a impunidade, são os mais citados pelos estudiosos do assunto como fatores que favorecem a inserção das pessoas neste mercado do crime.

IHU On-Line – Qual o perfil das mulheres que são particularmente vulneráveis ao tráfico de seres humanos?

Eurides Alves de Oliveira – O tráfico de mulheres e adolescentes para fins de exploração sexual é resultado das contradições sociais acirradas pela globalização e pela fragilidade dos Estados-nações, aprofundando as desigualdades de gênero, raça e etnia. O perfil das mulheres traficadas em geral são: pessoas situação de vulnerabilidade social, desempregadas, mães solteiras, com pouco estudo, que já sofreram violência. Quanto à etnia, há uma predominância para as afrodescendentes ou indígenas. São oriundas na sua maioria das regiões mais periféricas e sem condições dignas de sobrevivência. Mulheres que carregam o sonho e a disposição de conseguir um futuro melhor e para si e sua família.

IHU On-Line – Qual a importância de promover uma edição da Campanha da Fraternidade tendo como tema o tráfico de pessoas?

Eurides Alves de Oliveira – O enfrentamento ao tráfico de pessoas está contemplado de forma oficial pela Igreja no Brasil, CNBB, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015, (n. 107 e 111): “O serviço à vida começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana... Atenção especial merecem também os migrantes forçados pela busca de trabalho e moradia... as vítimas do tráfico de pessoas”. O que evidencia que a Igreja tem consciência de que o tráfico não é somente um problema

“O tráfico de pessoas constitui-se no urgente apelo histórico pela sua gravidade e amplitude. Trata-se de um delito de grande incidência mundial na contemporaneidade.”

sociológico, é também eclesiológico que exige uma decidida opção pastoral. Nessa perspectiva, a Campanha da Fraternidade é um espaço-meio para uma prática evangelizadora já consagrada da Igreja, a fim de consolidar suas opções por em pauta e contribuir com a sociedade na reflexão e enfrentamento das realidades mais gritantes que afligem a humanidade. É uma iniciativa mobilizadora de convocação dos cristãos e de todas as pessoas de boa vontade para uma problemática social que suscita compromisso.

A Campanha da Fraternidade sobre o tema do tráfico humano é sem dúvida de suma importância, dará maior visibilidade ao tema-realidade e contribuirá para fortalecer as iniciativas de enfrentamento já existentes, contribuindo para a formação da consciência da sociedade no sentido de romper a indiferença, compreender e atuar no seu enfrentamento.

IHU On-Line – Como tem sido o trabalho da rede Um Grito pela Vida?

Eurides Alves de Oliveira – A rede Um Grito pela Vida é intercongregacional. É constituída por aproximadamente 150 religiosas/os de diversas regionais e congregações. Trata-se de um espaço de articulação e ação profético-solidária da vida religiosa con-

sagrada do Brasil. Desde 2006, como parte constitutiva da CRB Nacional, atua de forma descentralizada e articulada com as organizações e iniciativas afins, nas diversas localidades, estados e municípios. Integra a Talitha kum – rede internacional de vida religiosa consagrada.

Os religiosos (e religiosas) que integram a rede Um Grito pela Vida atuam nas diversas regiões do país, articuladas em núcleos; eles (e elas) estão integrados com as organizações eclesiais e civis, fomentando, promovendo e/ou participando de atividades e processos de prevenção e assistência às vítimas, assim como na intervenção política, buscando instruir e instrumentalizar a sociedade, coibindo o crescimento da inserção de vítimas neste mercado do crime. Hoje esta rede conta com 17 núcleos articulados que se encontram periodicamente.

A rede Um Grito pela Vida nos permite ampliar alianças intercongregacionais em prol da vida ameaçada e ferida, das pessoas traficadas e violentadas em seus direitos e nos possibilita ensaiar passos de encarnação em novos espaços sociais, políticos e teológicos. Com o lema “Enfrentar o tráfico de pessoas é nosso compromisso”, a rede desenvolve um conjunto de atividades, tais como:

- **Sensibilização e informação**, priorizando os grupos em situação de vulnerabilidade, lideranças comunitárias, agentes de pastoral e outros.
- **Organização de grupos de reflexão e estudo**, aprofundando as causas e situações que o favorecem tais como: questões de gênero, violência, modelo de desenvolvimento, grande construções e projetos, grandes eventos, hedonismo midiático, aumento da precariedade do trabalho, corrupção, impunidade, entre outras.
- **Capacitação de multiplicadores/as**, visando ampliar a ação de enfrentamento ao tráfico de pessoas, principalmente para fins de exploração sexual.
- **E participação e mobilização** social e política de incidência na definição e efetivação de políticas públicas de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**



Reportagem da Semana

Eu nasci assim, desse jeito assim, vou ser sempre assim, Gabriella

POR RICARDO MACHADO

À Gabriella Maindrad sobra um “I” no nome e falta o bronzado e o crespo dos cabelos da personagem de Jorge Amado, Gabriela cravo e canela. Quanto à beleza, não lhe falta nada. Do alto de seus quase 1.80 m, Gabriella é uma mulher de caminhar elegante, cabelos bem penteados e

olhos pintados. A jovem de 26 anos acorda diariamente por volta das 5h para o ritual diário: banho, escova nos cabelos e maquiagem. Antes das 7h, quando vai para a parada de ônibus, já está pronta para encarar a rotina de vendedora de eletrodomésticos em um supermercado da rede Walmart,

em Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Quando chega ao trabalho, Gabriella retira o crachá da bolsa, registra o ponto e guarda novamente o documento, pois lá consta seu nome de registro de nascimento: Maurício Santos de Souza. Assim começam os dias de Gabriella Maindrad,

que “nasceu” há um ano e meio, mas que é mulher há mais de 26 anos.

Nascida na pequena cidade de São Vicente do Sul, próximo à fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, a moça vem de uma família relativamente pequena com o perfil familiar brasileiro das décadas de 1980 e 1990. Filha de pais separados, Gabriella quando assumiu de vez sua transexualidade teve o apoio da mãe e do irmão mais novo, mas perdeu o contato com o pai e o irmão mais velho. “Quando eu resolvi assumir, meu desejo de me transformar em mulher, minha mãe sofreu um pouco, mas, depois de um mês, me apoiou e, hoje, somos mais próximas que antes”, conta. No réveillon de 2013, visitou a cidade onde nasceu e foi à comemoração de ano-novo no principal clube local. “Fui à festa e foi legal. Algumas pessoas me cumprimentaram e eu gostei muito”, revela. Ela diz que não se sentiu vítima de preconceito ao voltar para o pacato município onde nasceu. “Quem acabou sofrendo mais preconceito foi minha mãe, porque algumas amigas dela deixaram de falar com ela quando souberam que eu era transexual”, lamenta.

Um corpo mercantilizado

A sociedade de consumo impôs, a contar pelo número de possibilidades de intervenções cirúrgicas e estéticas, uma espécie de tirania da beleza. Mercantilizou-se o corpo à custa de dietas, cirurgias, implantes e toda a sorte de procedimentos médicos. Gabriella sonha apenas em colocar silicone. “Quero apenas colocar a prótese nos seios, mas não pretendo fazer outras cirurgias; me sinto bem assim. E é assim que eu me sinto mulher desde sempre, não preciso de cirurgia. Isso para mim não é tão importante”, explica a moça que gasta mensalmente aproximadamente R\$ 200 em consultas médicas e medicamentos hormonais.

Transformar-se em mulher requer coragem, tempo e muito dinheiro. A vontade de mudar o próprio corpo leva muitas jovens a uma situação de prostituição, o que permite uma rápida transformação. Gabriella diz que nunca se deixou seduzir pela pos-

sibilidade de se prostituir. Entretanto, isso acontece menos por uma questão moral e mais por vontade de conquistar seu espaço social de outras formas. Além do custo financeiro, transformar-se em mulher cobra a conta social e, no caso de Gabriella, custou-lhe o antigo emprego, onde já atuava como vendedora e foi demitida. Um novo emprego trouxe outra realidade. “Quando entrei na loja foi que eu comecei a me transformar e tomar hormônios. Foi bem natural, pois eu não cheguei um dia menino e no outro dia menina; foi gradativo”, relata a moça que considera ter conquistado o próprio espaço e o respeito dos colegas, embora nem todos a aceitem como ela é.

Na avaliação de Gabriella, a ideia de que transexuais estão relacionados à prostituição é cultural, mas está vinculada também à rejeição da família. “Muitas jovens não têm conhecimento de vida e começam a transformação com 16 anos, a família não aceita, e a única saída que veem para concluir a mudança é a prostituição”, salienta.

A exploração sexual resulta em um caminho para alcançar a atividade final, que é ser mulher e tudo o que isso significa em uma sociedade de consumo. Uma das formas de dimensionar o negócio que se tornou o corpo humano, para além da prostituição, é pensar o que custa se tornar mulher. Gabriella conta que a feminização é um processo muito caro. Somente as cirurgias no rosto, para afinar o nariz, ajuste da linha do cabelo na testa e outros retoques saem mais de R\$ 20 mil; o silicone sai aproximadamente R\$ 5 mil; a transgenitalização, troca de gênero, sai de graça no Brasil porque é realizada pelo Sistema Único de Saúde – SUS, mas fora do país o procedimento custa em torno de R\$ 20 mil a R\$ 30 mil.

A sutileza do preconceito

“Hoje é *cool* ter amigo gay. Mas na hora de defender o casamento ou adoção a maioria das pessoas é preconceituosa”, dispara Gabriella. Exceção para fundamentalistas de todas as ordens, ser preconceituoso assumido

ficou fora de moda, mas segundo a entrevistada o preconceito opera sob lógicas mais sofisticadas. “Na loja, a maioria das pessoas me chama pelo nome social. Outras, porém, chamam pelo nome de registro. Isso é bem delicado de lidar. É uma forma de preconceito”, lamenta. Para Gabriella houve conquistas importantes nos direitos dos transexuais, como a carteira de identidade social, que é aceita em órgãos públicos, mas em outros espaços é mais complicado. “A aceitação da identidade social está limitada a órgãos públicos, mas fora disso não sei como é. Na universidade, por exemplo, será que vão me chamar pelo meu nome de registro ou social na chamada?”, questiona.

Desde sua saída de casa, entre 17 e 18 anos, Gabriella tornou-se independente e assumiu sua homossexualidade, mas muitos amigos de infância e adolescência ficaram para trás. Ela é cuidadosa ao se queixar do preconceito e admite que o desafio é tentar levar uma vida normal mesmo sendo diferente aos olhos dos outros. “Fico chateada com o preconceito, mesmo o mais sutil, porque não estou fazendo nada de errado. Eu continuei trabalhando; não fico dependendo de ninguém, tenho a minha independência. É um pouco frustrante, sim, mas estou aberta a restabelecer um laço com o passar do tempo”, pondera ao confessar que gostaria de voltar a conversar com o pai e o irmão mais velho. “Já falei na minha cara que eu nunca vou ser mulher, serei sempre ‘trans’. Talvez essa seja a forma mais aberta de preconceito”, diz.

Ser mulher, ser mãe

Gabriella valoriza-se na maquiagem e no figurino, mas está longe de ser extravagante. Tem os olhos graúdos, marcados por um traço negro e fino que delineiam as beiradas. Tem as maçãs do rosto levemente ruborizadas e sob os lábios gosta de usar um batom cor de rosa. Vaidosa, concorreu à Miss Transexual em Santa Maria, cidade onde morou e estudou seis semestres do curso de História, faculdade que somente interrompeu

por necessidade de trabalhar e se sustentar. Esta foi a primeira vez que se “transformou”, nas palavras dela, em mulher. Ela conta que sai à noite como qualquer mulher da sua idade, e que é assediada por homens e nem todos percebem que ela é transexual. “Às vezes recebo cantadas de homens que pensam que sou do sexo feminino. É bom, faz bem para o ego”, conta.

Como poderia se esperar de grande parte das mulheres, ela sonha em ser mãe. Para isso, como reza a cartilha da contemporaneidade, considera que precisa primeiro estabilizar-se financeiramente e no trabalho. Por isso pretende concluir o curso de História, passar em concurso público e tentar adotar uma criança. “Acho bem importante poder adotar porque eu me imagino como mãe e boa mãe. Penso em dar todo o carinho para uma criança que foi abandonada e que seria adotada. Isso é uma coisa que eu penso muito e pretendo,

mas preciso de maior estabilidade”, sustenta.

Homofobia, religiosidade e enfrentamentos

A discussão sobre a homofobia no Brasil ganhou grande repercussão midiática no país, sobretudo por conta da eleição do deputado Marco Feliciano (PSC/SP) para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal. O fato é que tal discussão suscita um intenso debate muitas vezes pautado pelo discurso religioso, mas que na verdade impõe uma discussão de fundo que está relacionada ao modelo de sociedade que queremos, conforme apontam especialistas. Gabriella está por dentro do debate e considera que o problema é com as pessoas, não com as religiões. “As pessoas adoram se basear na Bíblia, mas lá não tem nenhuma passagem de que Deus não aceita pessoas diferentes. O que acontece é que as pessoas pegam o próprio

preconceito e querem colocar o nome de Deus junto”, avalia.

Em relação à religiosidade, Gabriella se mostra muito segura, diz que acredita em Deus e que a fé é fundamental. “O que nos move é ter uma fé. A gente precisa de um lado espiritual para passar pelas coisas boas e ruins que a gente enfrenta no dia a dia. Deus é a luz maior, o caminho que a gente tem que seguir é fazer o bem”, frisa.

Gabriella Maindrad vive as angústias e as alegrias da mulher pós-moderna. Ao lutar por seu espaço e por respeito, luta também pelo reconhecimento institucional pleno da comunidade LGBT. Este enfrentamento social, em uma análise mais ampla, resulta um novo eixo para pensar a política brasileira. Isso porque, ao defender os próprios interesses, põem-se em discussão a desigualdade e a marginalização social. Sinal dos tempos.

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

Tweets

- Seguindo
- Seguidores
- Favoritos
- Listas

Siga IHU

Nome completo

E-mail

Senha

Inscriva-se

Ver todas as fotos e vídeos

Perfil do IHU (@ihu)

O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...
São Leopoldo - <http://www.ihu.unisinos.br>

55.648 TWEETS **728** SEGUINDO **6.366** SEGUIDORES

Tweets

- IHU @ihu** 29 m
Beneficiários do Bolsa Família no Vale do Sinos permanecem na linha da pobreza extrema bit.ly/ZuJuo3
Expandir
- IHU @ihu** 59 m
O mundo financeiro, altamente instável e fascinante bit.ly/Zs3IJu
#blogihu
Expandir
- IHU @ihu** 1 h
Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana bit.ly/117SEJP
Expandir

Entrevista da Semana

Os paradoxos e desafios entre a civilização das ideias e a civilização das imagens

Impasses entre gerações ocasionados sobretudo em função da virtualidade são realidade com a qual professores da docência superior se deparam constantemente, pontua José Paulo Giovanetti. A mentalidade individualista exclui o Outro e o objetiva

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

“**A** juventude que hoje chega à universidade é formada na civilização da imagem. Os jovens se comunicam e se organizam internamente a partir da imagem, e os professores, sobretudo os mais velhos, são formados a partir da lógica discursiva, das ideias. Os jovens são formados quase que ‘dentro’ das imagens do Jornal Nacional, do instantâneo. O desafio do professor de ensino superior é como aprofundar os temas utilizando as imagens”. A reflexão é do filósofo e psicólogo José Paulo Giovanetti na entrevista exclusiva que concedeu pessoalmente à **IHU On-Line** por ocasião de sua vinda à Unisinos, em 25-02-2013, para a conferência de abertura da formação de professores desta universidade, intitulada *Modernidade tardia*:

desafios para a docência do ensino superior. Segundo ele, o “principal desafio é como formar uma pessoa em termos de reflexão em uma civilização da imagem, ocasionando a formação de conhecimento”.

José Paulo Giovanetti é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, São Paulo, e em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. É especialista em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, em Belo Horizonte, MG.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os principais desafios para a docência no ensino superior na modernidade tardia?

José Paulo Giovanetti – Penso que a modernidade tardia é um momento especial que estamos vivendo na contemporaneidade, no sentido de que as mudanças estão se acelerando cada vez mais e as diferenças de geração não são tão gran-

des. Contudo, um jovem com cinco anos a mais do que outro talvez não compreenda a linguagem do mais novo... O estilo de vida da sociedade contemporânea deve ser examinado com mais calma, pois se não entendermos sua lógica, não conseguiremos compreender o que está se passando. Nós só vemos os sintomas e não percebemos a lógica subjacente a essas mudanças.

Vejo alguns grandes desafios, hoje, para o ensino superior. O primeiro é que estamos diante de um paradoxo. A juventude que chega à universidade é formada na civilização da imagem. Os jovens se comunicam e se organizam internamente a partir da imagem, e os professores, talvez os mais velhos, mais antigos, são formados a partir da lógica discursiva, das ideias. Os jovens são formados

quase que “dentro” das imagens do Jornal Nacional, do instantâneo. O desafio do professor de ensino superior é como aprofundar os temas utilizando as imagens. Digo que consigo detectar o desafio, mas não sei como operacionalizar muito bem isso. No momento em que eu estou lecionando uma disciplina, procuro passar um trecho de um filme, um *slide* e provocar uma discussão para passar um conteúdo. O principal desafio é de como formar uma pessoa em termos de reflexão em uma civilização da imagem, ocasionando a formação de conhecimento.

Sociedade virtual

O segundo desafio é o problema da virtualidade, já que estamos em uma sociedade virtual e o modo de viver do jovem é quase todo feito por meio de contatos desse tipo. O contato face a face não é, às vezes, o mais importante. Isso porque hoje quase tudo é feito pela internet, pelo Facebook ou pelo e-mail. Antigamente também havia comunicação de forma indireta, por telefone e por carta, mas penso que hoje o computador exacerbou isso. Trata-se de um problema complicado de comunicação em uma sociedade virtual.

Isso leva a um terceiro problema, que é a formação dos vínculos afetivos, que na sociedade contemporânea se tornam cada vez mais frágeis. O engajamento afetivo não tem mais tanta força, não é duradouro. Ele é passageiro, como é a sociedade contemporânea que se estrutura sobre essa dimensão. Como cultivar os laços afetivos em que a relação seja mais duradoura, mais significativa, é também um dos grandes desafios.

IHU On-Line – Que horizontes se abrem com as novas tecnologias aplicadas à educação?

José Paulo Giovanetti – O primeiro horizonte é um pluralismo muito grande. Nunca na história um aluno teve tanta possibilidade de escolher uma profissão. Porém, tenho observado que uma parte significativa de pessoas, quando terminam o curso universitário, está duvidando do que fizeram. A pluralidade é muito grande na escolha da profissão, algo

“O que a sociedade oferece? Ela diz que para você ser feliz, tem que consumir. O problema é que quando a pessoa consome, ela não se realiza plenamente, porque esta é uma das esferas do ser humano, e não é aquela do sentido, mas do prazer mais imediato”

realizado quando a pessoa tem pouca idade e não possui a dimensão do que essa decisão irá acarretar. Assim, há alunos com 22 ou 23 anos que, ao se formarem, percebem que não era exatamente aquilo que eles queriam ter feito. E irão começar outra vez. Esse é um problema que tenho observado nas universidades e existem dissertações de mestrado que orientei que mostram isso. Algumas pessoas são influenciadas pelos pais para fazerem esta ou aquela escolha, e depois constatarem que não era bem isso o que queriam. Dimensionar e tratar a pluralidade nesse mundo contemporâneo é o desafio que aparece na educação fortemente.

IHU On-Line – Em que medida a característica fragmentária de nosso

tempo se reflete na educação de ensino superior?

José Paulo Giovanetti – A atenção do aluno, hoje, é fragmentada, pois ele leva para a sala de aula seu celular e computador, que está ligado à internet, mas ao mesmo tempo presta atenção na exposição do professor. Quando se faz uma pergunta, grande parte sabe responder, mas não acompanha em profundidade. Estamos diante de outro tipo de atenção, que é a fragmentada. Antes não conhecíamos isso. O foco de nossos alunos é multidimensional. Esse é um fenômeno novo e vamos ter que trabalhar com isso. Nós professores é que, às vezes, nos sentimos incomodados porque queremos um foco bem delimitado.

IHU On-Line – A angústia existencial à qual o senhor se refere em um de seus capítulos de livros¹ é um sintoma de nosso tempo? Por quê? Em que essa angústia diz a respeito ao sujeito na pós-modernidade?

José Paulo Giovanetti – Quando se fala de angústia, ou como olhamos para a sociedade, a primeira coisa que constatamos são os sintomas de um mal estar. Por exemplo, cito a violência, a droga, o descompromisso como sintomas de que algo do indivíduo não está funcionando em uma certa harmonia e, digamos assim, realização individual. Vejo a angústia existencial como algo que reflete um mal-estar de uma desadaptação na sociedade contemporânea, que é muito materializada e que não oferece realizações no plano mais profundo do ser humano. O que a sociedade oferece? Ela diz que para você ser feliz, tem que consumir. O problema é que quando a pessoa consome, ela não se realiza plenamente, porque esta é uma das esferas do ser humano, e não é aquela do sentido, mas do prazer mais imediato. Então a angústia se dá porque as realizações que a sociedade contemporânea oferece não preenchem as aspirações mais profundas do ser humano, em

¹ Angústia existencial nos tempos atuais. In: Angerami - Camon. (Org.). *Angústia e psicoterapia*. 1ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, v. , p. 119-141. (Nota da IHU On-Line)

uma perspectiva antropológica. Junto com a angústia há outras formas de adoecimento, como a apatia e o tédio.

A apatia significa que a pessoa não investe emocionalmente naquilo que está fazendo. No trabalho, por exemplo, há pessoas que não investem emocionalmente na própria profissão. As pessoas querem um trabalho para ter determinado capital a fim de terem uma vida em determinado padrão, mas não há envolvimento emocional com o que fazem. Destaco ainda a existência do tédio, outra questão séria desta sociedade contemporânea. Quando existem tantas informações e opções, você não sabe o que fazer. O tédio é decorrente do número imenso de possibilidades e da dificuldade de poder escolher com clareza a opção mais adequada para sua vida. A atitude de deixar a vida decidir por mim passa a ser a opção menos desgastante.

IHU On-Line – Alguns autores falam em delírio de autonomia ao se referirem à falsa sensação de inimpugnabilidade, sobretudo dos jovens. Em que sentido a autonomia em nossa sociedade se converteu em individualismo?

José Paulo Giovanetti – Vejo o individualismo como decorrência de vários fatores. Na concepção inicial do princípio individualista, que se estruturou a partir da Idade Média, em que afirma o sujeito com senhor dos seus atos, trata-se de algo positivo. O problema da mentalidade individualista e que se exacerbou na sociedade contemporânea é que o individualismo se fortaleceu com a objetivação do Outro. A ideia inicial era de que o sujeito se tornaria indivíduo a partir de sua relação com o Outro. Com o passar dos anos essa mentalidade foi derivando para um caminho onde o Outro foi colocado de lado na afirmação do sujeito. A relação de reciprocidade perdeu sua importância na constituição do ser humano. Na Idade Média a afirmação da pessoa passava pela religião. No pensamento antigo, a mentalidade era de que se algo acontecesse na vida de uma pessoa era porque “Deus quis assim”, transferindo a responsabilidade e a

“O problema da mentalidade individualista e que se exacerbou na sociedade contemporânea é que o individualismo se formou objetivando o Outro. A ideia inicial era de que o sujeito se tornava indivíduo a partir de sua relação com o Outro”

referência para fora de si. Com o surgimento da subjetividade, que possibilitou a doutrina do individualismo, avança-se no sentido que o indivíduo tem que dar conta de seus atos. O problema da autonomia se refere à exclusão do Outro, quando a pessoa pensa que não precisa dele para se estruturar. Hoje se valoriza a independência e não a interdependência. A autonomia do indivíduo deveria passar pela relação com o Outro. Essa dialética é quebrada na contemporaneidade e leva à objetivação do Outro, quando eu preciso dele para me afirmar, mas não o considero como pessoa, mas como objeto.

O problema da autonomia é pensar que posso tudo, que nada vai me acontecer e que não me preocupa com o Outro. Esse é um problema decorrente de uma sociedade centrada nos desejos e nas necessidades pessoais.

IHU On-Line – Quais são as peculiaridades e nexos entre religião e subjetividade contemporânea?

José Paulo Giovanetti – Vejamos primeiramente o conceito de subjetividade. Creio que um dos grandes problemas é que nós reduzimos a compreensão da subjetividade somente à dimensão psicológica. A subjetividade implica toda a vivência da corporalidade, a vivência psicológica, o sentido de vida e a ressonância da experiência da intersubjetividade. A subjetividade é mais ampla que o aspecto psicológico da vida. A sociedade contemporânea tem destacado e valorizado a dimensão psicológica, colocando toda a ênfase e a realização do ser humano nos prazeres imediatos. Daí que dizemos que uma das características marcantes da atualidade é o hedonismo. Por outro lado, a religião, de certa maneira, busca oferecer uma diretividade de vida, destacando mais a dimensão espiritual do ser humano e procurando sedimentar princípios morais e humanos. Para compreender a relação que se dá entre religião e subjetividade temos que alargar o segundo conceito, isto é, conceito de subjetividade. Se entendermos que a religião é alguma coisa que implica direção de sentido de vida, poderemos relacioná-la com a subjetividade e compreendermos em profundidade o que venha a ser uma experiência religiosa real e autêntica. Se pensarmos a religião somente no âmbito do psiquismo, então a religião vai ser simplesmente para resolver as questões psíquicas, tais como aplacar a angústia de morte ou amenizar a experiência de abandono.

IHU On-Line – Quais são as contribuições de Winnicott e Binswanger para a compreensão da subjetividade em nossos dias?

José Paulo Giovanetti – Winnicott² é considerado um psicanalista, mas eu diria que ele é primeiramente um humanista, embora seja psicanalista na forma de como equacionou sua teoria e pensou suas intuições. Sua importância para a nossa vida é que ele ressaltou as relações e os la-

² Donald Woods Winnicott (1896-1971): pediatra e psicanalista inglês. (Nota da IHU On-Line)

ços afetivos como a relação prioritária, originária da vida, pois é a relação mãe/bêbê a mais importante no processo de amadurecimento emocional. Por isso que é difícil excluir o Outro, pois a pessoa só pode se estruturar a partir da relação com ele. Essa é a grande contribuição, a intuição fundamental de Winnicott. As relações afetivas primárias são mais importantes e não são relações que geram exterioridade, mas relações que geram vínculos. Por outro lado, ele sustenta que existe dentro do ser humano uma tendência inata à integração que requer um ambiente facilitador. A maior importância está no cuidado do ser humano para ajudar o Outro a ser humano. O ponto de partida é de que mãe deva oferecer determinadas condições para que bebê se estruture como ser humano.

A contribuição maior de Winnicott está relacionada a chamar a atenção para a importância das primeiras relações afetivas. É como se o eu se estruturasse a partir do nós, pois primeiro vem o nós. Winnicott era um fenomenólogo e mostrava como o ser humano cresce e se desenvolve.

Binswanger³ era um psiquiatra muito insatisfeito com a psiquiatria do seu tempo, na qual se reduzia o ser humano às explicações biológicas. A loucura, por exemplo, não pode ser explicada por forças orgânicas, destacava. Binswanger traz a importância da filosofia para a psiquiatria e essa foi sua grande contribuição. No fundo Binswanger está muito próximo de Winnicott porque ele vai destacar que o “nós”(Wirheit) é fundante na constituição do eu. Ele destaca essa reflexão do ponto de vista profundamente filosófico, enquanto Winnicott fala a partir da observação empírica, mostrando a importância do Outro na organização da história pessoal do sujeito.

IHU On-Line – Quais são suas maiores lembranças da pessoa Lima Vaz?

José Paulo Giovanetti – Fui aluno de Lima Vaz⁴ e convivi com ele na universidade também como professor. Ele continua a ser uma pessoa profundamente importante na minha vida. Lima Vaz marcou várias gerações e um grupo de pensadores e filósofos. Aprendi duas lições fundamentais

4 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A **IHU On-Line** número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela **IHU On-Line**: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os *Artigos da Semana* intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/DtpC>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico*. A contribuição de Henrique de Lima Vaz, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no **Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** Na edição 186 da **IHU On-Line**, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista *Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa*. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia, também, a edição especial da **IHU On-Line** sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da **IHU On-Line**)

com ele. A primeira é a importância de se estudar a história para poderemos compreender o fio da meada de um problema, pois sem essa dimensão perdemos a noção mais ampla da questão. Em segundo lugar, lembro-me da ênfase que ele dava sobre a importância de uma antropologia filosófica como embasamento de um trabalho, como na educação e na psicologia. Tenho tentado passar para meus alunos da pós-graduação em psicologia que a filosofia deve embasar o trabalho psicológico para que não reduzamos a vida humana somente ao aspecto psicológico, como na maioria das vezes o médico reduz a vida ao seu aspecto biológico. O psicólogo corre o risco de querer explicar a vida, a angústia, o tédio, a partir de pensamentos psicológicos, o que é algo arriscado e unilateral.

IHU On-Line – Qual é o grande legado filosófico desse pensador?

José Paulo Giovanetti – O pensamento vaziano procurou fazer uma síntese com a tradição e o pensamento moderno. Lima Vaz se inspira na tradição para, de certa maneira, repensar os problemas contemporâneos que o mundo nos coloca, sendo fiel à sua inspiração religiosa, como repensar e resguardar as intuições da filosofia clássica em um mundo contemporâneo. Refundir esses pensamentos é o legado inesgotável desse filósofo. Vi algumas teses a respeito de seu pensamento, mas ainda são muito incipientes. Lima Vaz teve *insights* sobre a contemporaneidade que ainda não foram explorados. É preciso se debruçar sobre o trabalho vaziano e tentar fazer aparecer as intuições mais profundas de seu pensamento.

Leia mais...

Confira a cobertura da conferência proferida por José Paulo Giovanetti em 25-02-2013:

- *Modernidade tardia: desafios para a docência do ensino superior*. Notícias do Dia 27-02-2013, disponível em <http://bit.ly/VNFbXq>

3 Ludwig Binswanger (1881-1966): filósofo suíço considerado o fundador da psicologia existencial. (Nota da **IHU On-Line**)

Perfil

André Wenin

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO DE VANISE DRESCH



Nascido em Beaurang, na Bélgica, em 1953, o teólogo e exegeta André Wenin iniciou sua paixão pela Bíblia quando tinha apenas 4 anos. Ao ouvir a história de Caim e Abel, percebeu que ela dizia muito a respeito de sua relação com o irmão. O episódio o marcou sobremaneira, e a única forma que encontrou para dedicar sua vida ao

estudo das Escrituras foi se tornar sacerdote. Na entrevista concedida à **IHU On-Line** por ocasião de sua vinda à Unisinos de 18 a 20-03-2013, quando ministrou o curso **Aprender a ser humano. Um estudo do Gênesis 1-4**, ele recorda esse e outros episódios de sua trajetória. Confira a entrevista.

Formação

Depois do ensino secundário, fiz dois anos de Letras Clássicas no seminário, junto aos jesuítas, na Universidade de Namur. Fiz um ano de Filosofia e quatro de Teologia na diocese de Namur, à qual pertenço atualmente. Realizei um ano de estágio em paróquias e depois de ordenado padre fui para Roma estudar a Bíblia por 5 anos, no Pontifício Instituto Bíblico.

Atividade acadêmica

Ensino a exegese do Antigo Testamento e as línguas bíblicas (grego e hebraico bíblicos) na Faculdade de Teologia, da Universidade Católica de Louvain, da qual fui decano de 2008 a 2012. Também sou professor convidado de teologia bíblica do Pentateuco na Universidade Gregoriana de Roma e secretário da Rede de Pesquisa em Análise Narrativa dos Textos Bíblicos – RRENAB. Sou Diplomado em Filologia Clássica, pelas Faculdades Universitárias Notre-Dame de la Paix, em Namur – FUNDP. Em 1973 obtive o título de bacharel em Teologia, pela Universidade Católica de Louvain, e de doutor em ciências bíblicas pelo Pontifício

Instituto Bíblico de Roma, em 1988. Minha tese de doutorado intitulou-se *Samuel e a instauração da monarquia (15 1-12)*. Coordenei o seminário “Tradições bíblicas” (Paul Beauchamps) no Centro Sèvres (Paris 1983-1986).

Opção pelo sacerdócio

Durante certo tempo, acreditei que estava atendendo a um chamado de Deus. Hoje não penso mais isso. Minha família desempenhou um papel importante na minha escolha religiosa, pois meus pais eram muito católicos. Meu pai tinha um irmão padre, e minha mãe um primo padre. Parecia, então, algo óbvio de que em toda geração houvesse um padre na família. Meu irmão mais velho deveria ser padre, a princípio. Ele tinha o mesmo nome do irmão do meu pai, que era padre. Ele, portanto, era o designado. Contudo, ele decidiu que não queria seguir o sacerdócio. Foi aí que eu resolvi que entraria para a vida religiosa. Prossegui nesse projeto porque percebi, com ou sem razão, que se tornar padre seria o único modo de poder dedicar a minha vida ao estudo da Bíblia. Foi o que eu fiz.

A Bíblia e nossa existência

Antes de ser ordenado padre e pouco depois do Concílio Vaticano II e do Maio de 1968, pedia-se que os futuros padres fizessem um projeto. O meu era ler a Bíblia. Por que eu me interessei pela Sagrada Escritura? Eu tinha 4 anos e estava na pré-escola. A professora, que era religiosa, contou-nos a história de Caim e Abel. Quando ouvi esse relato, percebi que se tratava da minha história com meu irmão. Foi aí que entendi que a Bíblia falava da nossa existência. Evidentemente houve uma elaboração nessa percepção, já que eu era apenas uma criança naquela época. Quando eu ficava de castigo na escola e deveria copiar várias passagens de algum livro, copiava a Bíblia.

Atividade física

Faço natação. É algo que aprecio muito.

Literatura

Guerra e paz, de Tolstói, e *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski. Li poucos livros de romance. Mas se tivesse de citar outro livro que me mar-

cou muito, este é *A Divina Comédia*, de Dante, que li por obrigação aos 18 anos.

Papa Francisco

Tenho uma boa impressão inicial do novo Sumo Pontífice. Mas é preciso esperar e ver o que virá pela frente.

Publicações

Em português, publiquei *O homem bíblico* (São Paulo: Loyola, 2006); *José ou a invenção da fraternidade* (São Paulo: Loyola, 2010) e *De Adão a Abrão. Ou as errâncias do humano* (São Paulo: Loyola, 2011). Juntamente com o psicanalista Jean-Pierre Lebrun, publiquei *Des lois pour être humain* (Éditions érès, 2008, Ramonville Saint-Agne).

Leia mais...

André Wenin já concedeu duas entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *Aprender a ser humano. Uma leitura do Gênesis*. Edição 306 da revista **IHU On-Line**, de 31-08-2009, disponível em <http://bit.ly/12hSoKt>
- *"O início da violência acontece quando não se considera o outro como sujeito"*. Edição 413 da revista **IHU On-Line**, de 01-04-2013, disponível em <http://bit.ly/101YJYU>

Leia, também, a cobertura das atividades conduzidas por **André Wenin** por ocasião de sua vinda ao IHU:

- *O verdadeiro poder de Deus é o poder de reter-se. André Wenin, exegeta belga, analisa Gênesis 1-4*. **Notícias do Dia** 19-03-2013, disponível em <http://bit.ly/ZPB9f5>

- *Decálogo, a revelação de Deus e caminho para felicidade?* **Notícias do Dia** 19-03-2013, disponível em <http://bit.ly/Yodzpv>
- *Fraternidade: um projeto ético a ser conquistado*. **Notícias do Dia** 20-03-2013, disponível em <http://bit.ly/YWbh3y>
- *A cobiça como desejo que não aceita ser estruturado por um limite. Leituras do Gênesis pelo exegeta André Wenin*. **Notícias do Dia** 20-03-2013, disponível em <http://bit.ly/15ZW4Bw>
- *O feminino no Gênesis: homem e mulher face a face*. **Notícias do Dia** 21-03-2013, disponível em <http://bit.ly/ZW4aWs>
- *Adão e Eva, Caim e Abel: sobre relações incestuosas e falsificadas*. **Notícias do Dia** 21-03-2013, disponível em <http://bit.ly/ZW7eIB>

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações
facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Instituto Humanitas Unisinos
 9.267 curtiram · 1.510 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
 Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
 Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
 Para entrar em contato, envie e-mail para:
 Sobre – Sugerir uma edição

9.267

Fotos Opções "Curtir" Eventos Promoções

Criar página

MBA FGV
 decision.edu.br

MBA FGV
 Faça MBA na FGV POA ou NH e destaque-se no mercado de trabalho. Clique e inscreva-se.

Academia Social

Aprenda como atrair 10 mil fãs Reais para sua página? Clique curtir e saiba como.
 Moto Taxi curtir Ignição Digital.

Agora
 2013
 2012
 2011
 Fundada em

Livro da Semana

FINGUERMAN, Ariel. *Teologia do Holocausto*. São Paulo: Paulus, 2012.

Teologia do Holocausto: reflexões sobre o massacre nazista

Jornalista e filósofo Ariel Finguerman examina os impactos da Shoá para as religiões e observa que a segunda e terceira gerações de sobreviventes continuam a ser impactadas pelo genocídio

POR MÁRCIA JUNGES



Como compreender que na pátria de Goethe e Beethoven tenha florescido uma ideologia assassina, movida pelo ódio e que matou milhares de pessoas “indesejáveis”? O que esse acontecimento provocou na estrutura das religiões? É a partir dessa perspectiva que Ariel Finguerman escreveu *Teologia do Holocausto* (São Paulo: Paulus, 2012), fruto de seus estudos na Universidade de Tel Aviv e na Universidade Hebraica de Jerusalém. Segundo ele, na entrevista que concedeu à **IHU On-Line** por e-mail, uma das maiores reflexões da obra é onde estava Deus enquanto os campos de concentração espalhavam o terror entre seus prisioneiros. Ocorre “que a Bíblia não garante um livre arbítrio absoluto ao ser humano”, adverte. “Então simplesmente não podemos explicar o nazismo por um livre arbítrio absoluto, se formos seguir a Bíblia”. E completa: “A tradição judaico-cristã aposta num Deus ativo e justo, portanto cada nova catástrofe coloca esta questão novamente no centro do debate. Talvez o budista, que se concentra mais no

potencial humano e menos em teologia, possa encarar melhor esta situação”. Paradoxalmente, a Shoá fomentou um diálogo entre o catolicismo e o judaísmo, para além dos dois mil anos de conflitos entre ambos os credos: “Vivemos um novo tempo de diálogo e amizade. As cabeças estão mudando, sem que se precise abrir mão de crenças. Penso que isto é bem melhor, algo que devemos fazer em nome das futuras gerações”. Ele se diz esperançoso com a sinalização do Papa Francisco em aprofundar o diálogo inter-religioso.

Há mais de dez anos radicado em Israel, Ariel Finguerman é graduado em Filosofia e Jornalismo pela Universidade de São Paulo – USP, mestre e doutor em Judaísmo pela mesma instituição. Seu doutorado foi cursado também na Universidade de Tel Aviv. É pós-doutor pela Universidade Hebraica de Jerusalém com a temática da Teologia do Holocausto. Para maiores informações, visite seu site <http://arielfinguerman.com/>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é a Teologia do Holocausto? Quais são suas especificidades em relação à teologia tradicional?

Ariel Finguerman – Teologia do Holocausto é o nome que se dá para o conjunto das reflexões a respeito do massacre nazista e seu impacto nas estruturas da religião. Há ali pen-

sadores judeus, cristãos e acadêmicos em geral. É um campo de reflexão que existe bem assentado nos EUA, Europa e Israel, mas pouco debatido

no Brasil. O objetivo do meu livro foi trazer este debate para o país.

IHU On-Line – Quais são as grandes perguntas religiosas que o Holocausto despertou?

Ariel Fingerman – O Holocausto abalou algumas dos nossos mais fundamentados pilares da religião. Tanto judaísmo quanto cristianismo acreditam numa divindade que se preocupa com os seres humanos. A Bíblia diz que a divindade pune os perversos e abençoa os justos. Afirmções como estas foram desafiadas pelos fatos que se passaram nos guetos e campos de concentração nazistas.

IHU On-Line – Em que aspectos essa obra analisa “onde estava Deus” enquanto ocorria o Holocausto?

Ariel Fingerman – Esta é uma questão que provavelmente nunca poderemos responder. Podemos apenas abordá-la com nossos instrumentos teóricos da teologia. A Bíblia nos diz que Deus “oculta sua face”, isto é, afasta-se eventualmente dos assuntos mundanos, tanto como punição ao pecado quanto pela própria característica da divindade. É um Deus que eventualmente se distancia de nós. É uma forma de responder onde Ele estava.

IHU On-Line – Em que sentido é um desafio conciliar o massacre nazista com uma religião que define a Divindade como justa, boa e preocupada com assuntos humanos?

Ariel Fingerman – Após grandes tragédias da história, desde um tsunami violento até a queda de um avião ou um massacre de civis, retornamos a este desafio. A tradição judaico-cristã aposta num Deus ativo e justo, portanto cada nova catástrofe coloca esta questão novamente no centro do debate. Talvez o budista, que se concentra mais no potencial humano e menos em teologia, possa encarar melhor esta situação.

“Mesmo papas conservadores em relação à vida católica interna se colocam como extremamente liberais e abertos em relação a este diálogo. O Papa Francisco já sinalizou que continuará nesta linha”

IHU On-Line – Quais são suas reflexões fundamentais sobre o livre arbítrio a partir da Shoá?

Ariel Fingerman – Se entendemos o ser humano como dotado de livre arbítrio, um dom doado pela própria divindade à humanidade, então podemos explicar o fenômeno nazista sem comprometer Deus. Afinal, Hitler chegou ao poder através de eleições democráticas e limpas. Mas o ponto é que a Bíblia não garante um livre arbítrio absoluto ao ser humano. Lembremos o episódio do faraó do Êxodo, que quis deixar os israelitas saírem do Egito, mas Deus como que invadiu sua mente para “endurecer seu coração”. Então simplesmente não podemos explicar o nazismo por um livre arbítrio absoluto, se formos seguir a Bíblia.

IHU On-Line – Em que sentido o judaísmo e o cristianismo foram desafiados de formas diferentes a partir desse fato histórico?

Ariel Fingerman – Realmente o desafio foi diferente. Para o judaísmo, o nazismo representou uma contestação teológica, ao colocar em questão a ideia de um povo escolhido amado por Deus. Também representou um desafio prático, de como seguir adiante após perder um terço do povo judeu de forma brutal. Já o cristianismo foi desafiado pela questão de como explicar o aparecimento de uma ideologia assassina, talvez a mais radical da história, no seio da civilização cristã ocidental.

IHU On-Line – Pode-se dizer que a Shoá abriu uma frente de diálogo entre judaísmo e cristianismo? Por quê?

Ariel Fingerman – Sem dúvida. A Shoá impactou tremendamente a consciência ocidental. Percebeu-se até onde podem ir ideologias que haviam surgido pouco antes, no século XIX, como o racismo ou o nacionalismo extremado. Por conta do Holocausto e da violência generalizada da Segunda Guerra Mundial, o colonialismo foi colocado em xeque e foi criada a ONU. Também os líderes religiosos se conscientizaram da necessidade de controlar extremismos religiosos e da importância do diálogo entre as fés.

IHU On-Line – Em que medida o diálogo inter-religioso entre judaísmo e cristianismo pode trazer avanços rumo à paz e à fraternidade mundiais? Esse diálogo avançou desde o final da guerra, em 1945?

Ariel Fingerman – Durante dois mil anos, o relacionamento entre judaísmo e cristianismo foi de conflito verbal e físico, realmente uma história triste. Mas vivemos um novo tempo de diálogo e amizade. As cabeças estão mudando, sem que se precise abrir mão de crenças. Penso que isso é bem melhor, algo que devemos fazer em nome das futuras gerações.

IHU On-Line – O que se pode esperar do Papa Francisco em relação

ao diálogo inter-religioso entre cristianismo e judaísmo?

Ariel Fingerman – Percebe-se claramente na Igreja uma sequência de papas sensacionais quanto ao diálogo inter-religioso, não só com o judaísmo, mas com as demais religiões, especialmente a partir de João Paulo II. Acho que não é exagero afirmar que o catolicismo hoje está na vanguarda do diálogo inter-religioso. Mesmo papas conservadores em relação à vida católica interna se colocam como extremamente liberais e abertos em relação a este diálogo. O Papa Francisco já sinalizou que continuará nesta linha.

IHU On-Line – Como podemos compreender o paradoxo de que o Holocausto tenha ocorrido dentro da cultura europeia cristã?

Ariel Fingerman – É difícil compreender isto e esta é mais uma faceta que torna o Holocausto um caso tão exemplar. Pois se tivesse acontecido numa cultura atrasada, sempre poderíamos dizer que se tratou de um incidente na História, fruto de falta de civilização. Mas a Shoá foi perpetrada por uma cultura avançada, a mesma que nos deu Goethe e Beethoven. É uma grande lição, de que a barbárie pode acontecer virtualmente em qualquer lugar do mundo, também no Brasil ou em Israel.

IHU On-Line – Como analisa o posicionamento de Pio XII e da Igreja Católica da época em relação ao Holocausto?

Ariel Fingerman – Esta é uma questão complexa e difícil de ser equacionada. De um lado, o nazismo em sua época despertou certa simpatia, especialmente antes de se tornar uma ideologia assassina, por seu anticomunismo. Havia um temor do avanço da ideologia atea dos soviéticos, que perseguiu igrejas, e Hitler parecia um tipo de solução. Havia também até 1942 a ameaça real de vitória nazista sobre toda a Europa. Some-se a isso um histórico de antissemitismo na Europa de

“Aqui a memória do Holocausto tem um impacto enorme na vida nacional. Há ainda cerca de 200 mil sobreviventes entre nós. Aos poucos eles estão desaparecendo, mas os psicólogos falam da ‘segunda geração’ e da ‘terceira geração’ de sobreviventes, ou seja, jovens israelenses descendentes destas pessoas continuam impactados pela Shoá”

pelo menos mil anos, havia ali um ódio que hoje nem imaginamos. Tudo isso levou a uma passividade geral quando os nazistas começaram a literalmente caçar judeus. Por outro lado, podemos imaginar que se o Papa Pio XII tivesse condenado abertamente a perseguição, talvez tivesse mudado a história. Basta lembrar que o próprio Hitler nasceu numa família católica.

IHU On-Line – Como interpreta o pedido de perdão de Bento XVI ao povo judeu?

Ariel Fingerman – Pedido de perdão vindo de um papa é um gesto muito significativo, uma mão estendida que deve ser apertada pelas lideranças judaicas. Bento XVI, um grande teólogo, é também alemão e foi alistado na Juventude Hitlerista. É algo muito impactante, um exercício de teologia em si. Em nome das futuras gerações, é uma mão que deve ser apertada e abraçada.

IHU On-Line – Vivendo em Israel há mais de uma década, como avalia os impactos do Holocausto na vida e na memória do povo judeu?

Ariel Fingerman – Aqui a memória do Holocausto tem um impacto enorme na vida nacional. Há ainda cerca de 200 mil sobreviventes entre nós. Aos poucos eles estão desaparecendo, mas os psicólogos falam da “segunda geração” e da “terceira geração” de sobreviventes, ou seja, jovens israelenses descendentes destas pessoas continuam impactados pela Shoá. Há também um impacto político muito importante. Cada vez que um líder árabe ou muçulmano menciona a “destruição de Israel”, isto bate forte na psique nacional e provoca uma reação muito forte, às vezes até desproporcional.

Leia mais...

Leia uma edição especial da **IHU On-Line** relacionada com a temática do Holocausto.

- *Nazismo: a legitimação da irrationalidade e da barbárie*. Edição 265, de 21-07-2008, disponível em <http://bit.ly/XrVbMz>

Entrevistas em destaque

A revista **IHU On-Line** traz nesta e nas próximas edições resumos das entrevistas especiais mais acessadas durante o recesso, entre janeiro e março de 2013. Os conteúdos estão disponíveis no site **IHU On-Line** (www.ihu.unisinos.br).

Os gays e a Igreja: “uma caixa de Pandora”

Entrevista especial com Francis McDonagh, correspondente do jornal católico Tablet Confira nas Notícias do Dia de 01-02-2013 Acesse no link <http://bit.ly/12ewA3J>

As missas de **Soho** são “antes tudo uma ação pastoral para pôr em prática o ensino da Igreja de que as pessoas LGBT são valorizadas pela Igreja, não devem ser discriminadas nem excluídas da comunhão”, argumenta Francis McDonagh, em entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail. Segundo o jornalista e corresponde inglês da revista católica Tablet, as missas que são celebradas no bairro **Soho**, em **Londres**, “não são uma campanha, não se argumenta sobre o ensino da Igreja sobre a sexualidade, mas se dá testemunho a uma realidade: a dos católicos LGBT, que querem praticar sua fé”. Para ele, as missas de Soho são um “reconhecimento” da “diocese de Westminster, após diálogo com o Vaticano, da necessidade de uma pastoral para a comunidade LGBT, e do direito das pessoas LGBT e seus familiares e amigos, de serem acolhidos oficialmente e publicamente pela Igreja católica”. Esta entrevista com Francis McDonagh foi uma das mais acessadas no site do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** em 2013.

Ato médico: uma disputa de poder e retorno financeiro ou uma questão de saúde? Entrevista com Leila Massière

Entrevista especial com Leila Massière, pós-graduada em acupuntura e mestre em Sociologia da Saúde.

Confira nas notícias do dia de 07-02-2013 Acesse o link <http://bit.ly/11K6Pby>

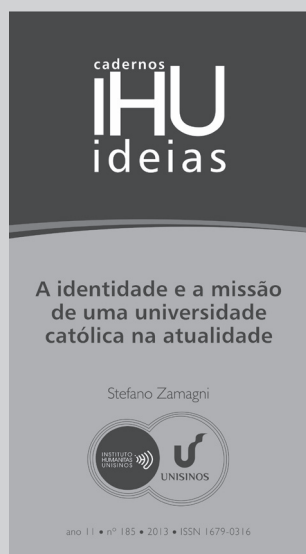
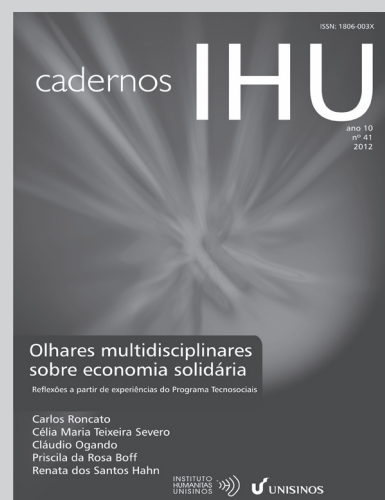
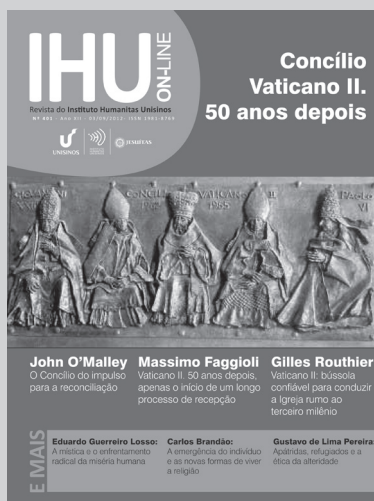
Em dezembro do ano passado foi aprovado pela Comissão de Assuntos Sociais do Senado o projeto de lei conhecido como Ato Médico que define as atribuições específicas dos profissionais da medicina. Embora a proposta esteja há mais de dez anos no Congresso, ela precisa ser apreciada e votada em plenário para que a lei regulamentando o trabalho dos médicos seja promulgada. O site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU entrevistou **Leila Massière**, pós-graduada em acupuntura, mestre em Sociologia da Saúde e coordenadora do Instituto Shen de medicina chinesa para discutir o tema. Há pontos no texto da proposta que são discutidos por outros profissionais da área médica, tais como fisioterapeutas, psicólogos e acupunturistas, pois há definições que não são exclusivas da atividade médica. “Em linhas gerais, a questão do **ato médico** está permeada por uma disputa de poder e, conseqüentemente, o retorno financeiro, o ganho dos médicos. Acho muito delicado a gente estar discutindo saúde em termos de poder e de interesse financeiro entre as categorias”, argumenta Leila.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 08-04-2013 a 15-04-2012, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Operação Tapajós: “Os Munduruku não querem guerra”

Entrevista especial com Roani Valle
Confira nas notícias do dia de 08-04-2013
Acesse o link <http://bit.ly/16HEEb5>

“Os Munduruku não querem guerra. Eles querem ser consultados aberta e coletivamente e querem que sua opinião tenha poder vinculante para a interrupção dessas obras”, diz Roani Valle à **IHU On-Line**, após visitar os indígenas Munduruku contrários à construção do complexo hidrelétrico do Tapajós, no Pará.

Fórum Social Mundial: “O que aconteceu em Túnis foi uma sinergia”

Entrevista especial com Luiz Carlos Susin
Confira nas notícias do dia de 09-04-2013
Acesse o link <http://bit.ly/16LHps2>

“Uma aventura de superação”. É assim que Frei Luiz Carlos Susin descreve o **13º Fórum Social Mundial** e o **Fórum Mundial de Teologia e Libertação**, que foram realizados na Tunísia na última semana de março. Em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail, após retornar do país que originou a **Primavera Árabe**, ele diz que “Túnis foi uma lição para o **Fórum Social Mundial**”.

Economia brasileira: “Os problemas acumulados começaram a vir à tona”

Entrevista especial com Plínio de Arruda Sampaio Jr.
Confira nas notícias do dia de 10-04-2013
Acesse o link <http://bit.ly/16Mj2MJ>

“A desindustrialização da economia brasileira é a prova inequívoca da perversidade da política

econômica”, diz Plínio de Arruda Sampaio Jr. à **IHU On-Line**. Na avaliação dele, dando continuidade à política econômica anterior, o governo adotou, nos últimos dez anos, “uma política econômica temerária.

A insustentável leveza do capital financeiro

Entrevista especial com Enéas Costa de Souza
Confira nas notícias do dia de 11-04-2013
Acesse o link <http://bit.ly/ZoyUyL>

“A natureza fundamental do capital financeiro é a especulação”, diz o economista Enéas Costa de Souza à **IHU On-Line**. Segundo ele, “a dinâmica do capital tem hoje uma hegemonia financeira em toda a sua estrutura”, já que todos os ativos econômicos são financeiros. Ele salienta que há “uma tentativa do capital de ampliar os espaços onde ele possa se valorizar, sejam as novas tecnologias, a invenção de novos ativos financeiros privados ou públicos, sejam novos territórios de valorização metanacionais etc”.

Manifestação jovem de Porto Alegre. Uma crítica à instrumentalização da vida.

Entrevista especial com Carlos Gadea
Confira nas notícias do dia de 12-04-2013
Acesse o link <http://bit.ly/10Yi239>

Apesar de os protestos recentes por causa do aumento do preço das passagens em Porto Alegre terem semelhanças com as manifestações do 15M e Occupy Wall Street, eles têm “uma ‘energia’ particular, motivações concretas e uma complexidade própria do seu contexto de aparição”, avalia o sociólogo e professor da Unisinos Carlos Gadea, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Agenda da Eventos

Eventos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU
programados para a semana de 15-04-2013 a 22-04-2013

Data: 15-04-2013

Evento: Como restringir seu apetite naturalmente. Os riscos e a promoção do autocontrole na saúde alimentar

Palestrante: Prof. Dr. Luis David Castiel (Fiocruz)

Horário: 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/XW4RxK>

Data: 15-04-2013

Evento: Mini Curso G. Agamben: O Reino e a Glória

Professor: Dr. Castor Bartolomé Ruiz – Unisinos

Horário: 19h30 às 22h20

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/VUyR2V>

Data: 15-04-2013

Evento: Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável

Professor: MS Gilberto A. Faggion - Unisinos

Módulo 3: Por um novo paradigma civilizacional

Período: 15 de abril a 25 de maio

Local: Plataforma Moodle Unisinos

Mais informações: <http://bit.ly/XuBgMB>

Data: 15-04-2013

Evento: Mostra do ObservaSinós: De olho no Vale

Período: 9 a 16 de abril. A partir do dia 20 de abril a exposição será itinerante nos 14 municípios da região do Vale do Rio dos Sinós

Horário: 8h30 às 22h

Local: Exposição no saguão do Centro 3

Mais informações: <http://bit.ly/Zu5W0P>

Data: 16-04-2013

Evento: Seminário O pensamento de Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção

Palestra: Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua

Palestrante: Prof. Dr. Daniel Arruda Nascimento - Universidade Federal do Piauí - UFPI Horário: 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/WdV0ca>

Data: 16-04-2013

Evento: Oficina sobre indicadores socioeconômicos e tratamento estatístico

Ministrante: Profa. MS Claudia Angelita Fagundes Raupp – Unisinos

Horário: 17h às 19h

Local: Sala 3C204-A

Mais informações: <http://bit.ly/YSt8FI>

Data: 18-04-2013

Evento: IHU ideias

Palestra: A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados

Palestrante: Joseane Schuck Pinto - Unisinos

Horário: 17h30 às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/10ZdvDa>

Data: 18-04-2013

Evento: TED Unisinos

Painel: TED sobre a visualização de dados – I Seminário do XIV Simpósio Internacional IHU

Debatedor: Prof. MS João Ricardo Bittencourt - Unisinos

Horário: 19h30 às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/Yb8J3u>

Data: 22-04-2013

Evento: Ciclo de filmes: Crise do Capitalismo no Cinema – IHU Cinema

Exibição de filme: Capitalismo: uma história de amor (Capitalism: a love story, Michael Moore, EUA, 2009, 127 min)

Horário: das 17h às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Mais informações: <http://bit.ly/14ZSzgE>

Eventos

Giorgio Agamben, controvérsias sobre a secularização e a profanação política

O sacerdote de outrora tem sua forma secular no tecnocrata, que impera junto de instituições sacralizadas como o Estado e o mercado, observa Castor Bartolomé Ruiz. Àqueles que não se enquadram na secularização a alternativa é a profanação política, retirando as coisas, instituições e pessoas de sua égide inacessível

POR CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ

As categorias secularização e profanação política são o tema do artigo escrito pelo filósofo Castor Bartolomé Ruiz à **IHU On-Line**. De acordo com ele, a partir de uma perspectiva de Giorgio Agamben, a secularização seria uma “assinatura que transferiu a noção do sagrado para dentro das instituições modernas mantendo aquilo que é essencial ao sagrado: a separação das coisas do uso comum para outra esfera não atingível pelas pessoas comuns”. Assim, continua o pensador, “a secularização seria uma assinatura moderna que transferiu para dentro das instituições contemporâneas o aparato da sacralidade teológica sem modificar seu sentido originário, ou seja, a separação das coisas, pessoas ou instituições do alcance das pessoas comuns. A tese de Agamben mostraria que o objetivo formal da secularização era tornar acessíveis as instituições sociais ao povo apagando o caráter de inatingíveis com que a marca da sacralidade as revestia”.

Contudo, pondera Castor, “a sacralização do real tem consequências éticas e políticas graves porque retira das pessoas a potência do agir transferindo-a para outras instâncias que não alcança”. Assim, estão sacralizadas as instituições do Estado, mercado, lei e autoridade, investidas de “leis próprias e normas inerentes a sua essência”. Nesses espaços

modernos secularizados não há espaço para a democracia real. “A democracia é incompatível com a administração biopolítica e as formas corporativas de governo”. Para o “resto”, ou seja, aqueles que não se enquadram na categoria de secularização, Agamben contrapõe a proposta de profanação.

Castor Bartolomé Ruiz é professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. É graduado em Filosofia pela Universidade de Comillas, na Espanha, é mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e doutor em Filosofia pela Universidade de Deusto, Espanha. É pós-doutor pelo Conselho Superior de Investigações Científicas. Escreveu inúmeras obras, das quais destacamos: *Os paradoxos do imaginário* (São Leopoldo: Unisinos, 2003); *Os labirintos do poder. O poder (do) simbólico e os modos de subjetivação* (Porto Alegre: Escritos, 2004) e *As encruzilhadas do humanismo. A subjetividade e alteridade ante os dilemas do poder ético* (Petrópolis: Vozes, 2006). Leia, ainda, o livro eletrônico do *XI Simpósio Internacional IHU: o (des) governo biopolítico da vida humana*, no qual Castor contribui com uma reflexão intitulada “A exceção jurídica na biopolítica moderna”, disponível em <http://bit.ly/a88wnF>.

Confira o artigo.

Secularização e teologia econômica

Agamben¹ problematiza o conceito de secularização que a modernidade vem implementando nos diversos dispositivos e instituições. A secularização moderna tem vários matizes, por não dizer versões. Max Weber², por exemplo, desenvolveu

um determinado conceito de secularização. Ele concebe a secularização moderna a partir do processo de co-optação e translação efetuado pelo capitalismo dos modos da ascese e disciplina dos movimentos puritanos da reforma protestante para as novas instituições produtivas. Para Weber, o capitalismo secularizou o disciplinamento religioso puritano em processos de eficiência produtiva. O autor percebe a secularização a partir da perspectiva da funcionalidade pela qual o imaginário religioso da Reforma é incorporado nas instituições sob a forma de valores e práticas dos modernos sujeitos produtivos. Estes agora são sujeitos seculares poupadores, disciplinados, cumpridores do dever, modelos de uma subjetividade secularizada por um capitalismo que necessita este tipo de subjetivação para conseguir atingir metas máximas de produção e lucro.

Outra perspectiva de secularização é a que apresentou Carl Schmitt³. Enquanto para Weber a secularização produziu um “desencantamento” do mundo porque retirou a presença divina dele, reduzindo-o a um efeito imanente das causas naturais, para Schmitt a secularização provocou um efeito inverso. A secularização, segundo esse pensador, teria interiorizado as grandes categorias teológicas dentro das instituições modernas tornando a teologia algo inerente a elas. Embora isso, para Schmitt, não significa que se possa identificar uma identidade substancial entre os conceitos teológicos e a política moderna, mas apenas uma espécie de relação estratégica entre ambos. Para Schmitt, a secularização moderna é aparente

porque o Estado, a soberania, a lei, entre outras instituições, reproduzem de forma secular o modelo teológico.

Agamben resenha outro debate a respeito da secularização ocorrido na década de 1960, na Alemanha, entre Hans Blumenberg⁴, Karl Löwith⁵, Odo Marquard⁶ e Carl Schmitt. O pano de fundo deste debate foi a tese desenvolvida por Karl Löwith em sua obra *Welgeschite und Heilgeschehen* (História mundial e acontecimento salvífico), na qual sustenta que a filosofia da história apresentada pelo idealismo alemão, assim como a ideia de progresso desenvolvida pelo iluminismo, nada mais são do que secularizações da teologia da história e escatologia cristãs. Blumenberg defende a legitimidade e prioridade da categoria secularização como parte constitutiva da racionalidade moderna independentemente das influências teológicas. O paradoxal deste debate é que dois adversários filosóficos extremos como Löwith e Schmitt terminam coincidindo, a contragosto de ambos, em que a teologia cristã se encontra assumida nas principais categorias racionais construídas pela modernidade. Agamben precisa que a escatologia da salvação mencionada por Löwith como parte da filosofia do idealismo alemão representa uma porção do paradigma teológico maior da *oikonomia* divina. Hegel⁷ é um autor

4 Hans Blumenberg (1920-1996): filósofo alemão autor de, entre outros, *Die Legitimität der Neuzeit* (2ª.ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988), traduzido para o francês como *La légitimité des Temps Modernes* (Paris: Gallimard, 1999). (Nota da IHU On-Line)

5 Karl Löwith (1897-1973): filósofo alemão. Uma de suas obras mais importantes é *Von Hegel zu Nietzsche* (Stuttgart, Kohlhammer, 1958). (Nota da IHU On-Line)

6 Odo Marquard (1928): filósofo alemão, professor de Filosofia na Universidade Justus-Liebig- Gießen e presidente da Sociedade Geral de Filosofia na Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

7 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos

1 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista *Compreender a atualidade através de Agamben*, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna*, disponível em <http://migre.me/uNo5>. Leia, ainda, as edições 344, de 21-09-2010, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://migre.me/5WjQm> e 343, de 13-09-2010 *O (des) governo biopolítico da vida humana*, disponível em <http://migre.me/5WjSa>. Acompanhe e participe dos eventos do IHU em 2013 sobre Agamben: **Seminário O pensamento de Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção**, cuja programação completa pode ser conferida em <http://bit.ly/WdV0ca> e **Minicurso de Giorgio Agamben - 2013**, cuja programação está disponível em <http://bit.ly/VUyR2V>. (Nota da IHU On-Line)

2 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos*

depois, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação nº 3**, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

3 Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A **IHU On-Line** 139, de 2-05-2005, publicou o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da IHU On-Line)

que assume conscientemente esta influência ao afirmar a equivalência que há entre suas teses sobre o governo racional do mundo e a doutrina teológica da providência. Esta correspondência teria levado Hegel a apresentar sua filosofia da história como uma teodiceia: “que a história do mundo [...] seja o efetivo devir do espírito [...] essa é a verdadeira teodiceia, a verdadeira justificação de Deus na história”.

Schelling⁸, outro filósofo representante do idealismo alemão, torna explícita a relação entre sua filosofia e a economia teológica quando no final de sua obra *Philosophie der Offenbarung* (Filosofia da revelação), faz uma síntese de sua filosofia assimilando-a à figura de uma teologia da *oikonomia*.

A secularização, uma assinatura

Agamben contribui para o debate com uma proposta na qual apresenta a secularização como uma *assinatura*. Entende-se o termo *assinatura* no sentido em que Foucault o empregou. A assinatura é aquilo que num signo ou num conceito excede o próprio signo remetendo-o para outro significado não explícito no signo, mas a ele inerente. A assinatura transfere, desloca os signos e os conceitos de uma esfera para outra sem que se produza uma ruptura semântica. Quando alguém assina um documento transfere sua personalidade jurídica para o documento sem necessidade de transferir a realidade física. A assinatura se torna um signo do sujeito, porém diferente do sujeito que assina. A assinatura é o signo diferente no qual se mantém a continuidade semântica do sujeito que assinou. Embora a assina-

tura seja diferente do sujeito que assina, ela implica o sujeito como sujeito naquilo que assina. Ela é também o sujeito, embora este não apareça fisicamente na assinatura. A assinatura desloca o significante e o signo sem mudar o significado. A assinatura da pessoa num documento não muda a pessoa, mas transfere para o documento um conjunto de responsabilidades próprias do signo de ser pessoa juridicamente responsável.

No caso que nos ocupa, a secularização seria uma assinatura que transferiu a noção do sagrado para dentro das instituições modernas mantendo aquilo que é essencial ao sagrado: a separação das coisas do uso comum para outra esfera não atingível pelas pessoas comuns.

Muitos dos conceitos que utilizamos são assinaturas de outros signos que incorporamos em nossas crenças e práticas sem perceber a sua genealogia. Walter Benjamin⁹ utilizou a noção de “índices secretos” para tentar reconhecer a função estratégica e vital destas transferências de signos que mantêm sua função semântica. As assinaturas agem como elementos que correlacionam tempos e âmbitos diferentes, permanecendo o significado delas. O método arqueogenéológico desenvolvido por Foucault¹⁰ e

Nietzsche¹¹ pretende captar essas as-

disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**, que também foi tema da edição número 13 dos **CADERNOS IHU em Formação**, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à **IHU On-Line** 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyaH>. Confira a edição 343 da **IHU On-Line**, intitulada *O (des)governo biopolítico da vida humana*, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua*. Um debate, disponível em <http://bit.ly/9SQCgl>. A edição 364, de 06-06-2011 é intitulada “*História da loucura*” e o *discurso racional em debate*, inspirada na obra *História da loucura*, e está disponível em <http://bit.ly/LXBq1m>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*, disponível para download em <http://migre.me/s7BH>. A edição 15 dos **CADERNOS IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da Revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e

200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da **IHU On-Line**, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Em três edições a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>, e edição 364, de 06-06-2011,

sinaturas presentes que passam inadvertidas como sentidos comuns em épocas e sociedades diferentes. Em sentido diferente, mas semelhante, a desconstrução proposta por Derrida e a teoria das imagens dialéticas exposta por Benjamin também pretendem ser métodos filosóficos que se desafiam a entender as mutações, deslocamentos, continuidades dos conceitos na história e nas culturas como assinaturas.

A secularização seria uma assinatura moderna que transferiu para dentro das instituições contemporâneas o aparato da sacralidade teológica sem modificar seu sentido originário, ou seja, a separação das coisas, pessoas ou instituições do alcance das pessoas comuns. A tese de Agamben mostraria que o objetivo formal da secularização era tornar acessíveis as instituições sociais ao povo, apagando o caráter de inatingíveis com que a marca da sacralidade as revestia. Ao sacralizar a monarquia ou os estamentos sociais, por exemplo, a soberania e a estrutura social ficam fora do alcance do poder do povo. A sacralização opera como dispositivo que separa a realidade do poder das pessoas, tornando o real algo fora do seu alcance. A sacralização do real tem consequências éticas e políticas graves porque retira das pessoas a potência do agir transferindo-a para outras instâncias que não alcança.

A tese de Agamben é que a pretensão da secularização de aproximar a realidade social e política do povo fracassou porque a secularização manteve intacto o dispositivo da sacralidade dentro das instituições, só que agora de forma secular. Uma das principais características do sagrado é que aquilo que é declarado sacro fica imediatamente retirado do uso comum e passa a pertencer a uma outra esfera (sagrada) inacessível para as pessoas comuns. A esfera do sagrado é inacessível para a pessoa comum; ela não tem acesso nem possibilidade de intervir. Só as pessoas adequadas (sacerdotes) ou devidamente preparadas (tecnocratas) poderão manipular o es-

paço do sagrado. A tese de Agamben é que a secularização transferiu, na forma de assinatura, os dispositivos da sacralidade para dentro das instituições modernas: Estado, mercado, lei, autoridade, etc., aparecem como entidades secularizadas, porém a secularização lhes conferiu uma espécie de natureza própria, uma essência natural a partir da qual estas instituições, agora secularizadas, parecem ter leis próprias e normas inerentes à sua essência. O presumido naturalismo das instituições modernas mantém nelas um tipo de transcendentalidade que nada mais é do que a continuidade da velha assinatura do sagrado. Muitas instituições modernas, ao serem naturalizadas, conseguem manter seu caráter de inacessibilidade para as pessoas comuns do povo. O naturalismo próprio de certa secularização moderna propicia a continuidade da assinatura do distanciamento entre o povo e muitas instituições.

O tecnocrata, operador dos novos espaços sagrados

A transferência do sagrado como assinatura para a secularização moderna significa que as novas esferas sociais e políticas construídas pela modernidade continuam a manter a marca do inacessível para as pessoas comuns, criando, dessa forma, uma nova reserva de acessibilidade na qual só especialistas (técnicos) poderão opinar e decidir. Por este meio se preserva o funcionamento das instituições das interferências políticas diretas do povo. O tecnocrata é a forma secular do sacerdote. Os espaços sacralizados produzem a figura do técnico como sequência concomitante da separação do comum. O espaço sagrado só pode ser acessado e manipulado por pessoas especiais. Nas instituições seculares essas pessoas especiais são os tecnocratas. Embora as decisões de muitas instituições afetem diretamente a vida das pessoas comuns do povo, considera-se que estas pessoas não estão preparadas para opinar, e muito menos decidir sobre os objetivos, funcionamento, metas e processos das instituições. Só técnicos devidamente reconhecidos e titulados terão poder de fazê-lo. A maioria das instituições modernas secularizadas não são acessíveis à

democracia direta. Elas se mantêm à distância (do sagrado) como dispositivos (secular) que impedem o acesso direto do povo a seu funcionamento.

Um exemplo muito próximo desta figura são os bancos centrais. Instituições literalmente blindadas contra interferências políticas da sociedade, cujo estatuto jurídico político os preserva como espaços técnicos, embora haja uma influência (política) direta. Eles decidem segundo supostos critérios técnicos, embora permanentemente tomem decisões políticas que afetam o conjunto da vida das pessoas, que por sua vez não podem interferir, nem sequer de forma indireta, na dinâmica dessas instituições. São inúmeras as instituições sociais que, aparecendo com a marca da secularização, permanecem inacessíveis para as pessoas comuns, ainda que nelas se decida parte significativa de suas vidas. Quase todas as instituições internacionais (Banco Mundial Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio), assim como uma parte significativa das instituições estatais, conservam a marca da transcendência e a prerrogativa de que só especialistas podem opinar a respeito de suas decisões e forma de governo. Até as grandes instituições do Estado de direito como o parlamento, a lei e o governo são, para a maioria do povo, instâncias de poder inacessíveis de fato. As formas corporativas de governo têm a marca da sacralidade secularizada. Os espaços modernos secularizados permanecem atravessados pela assinatura da sacralidade; neles não há espaço para a democracia real. A democracia é incompatível com a administração biopolítica e as formas corporativas de governo.

As grandes instituições modernas permanecem marcadas com a assinatura de instâncias complexas com natureza imanente, que só especialistas poderão compreender e governar. Embora todas elas estejam capilarmente presentes na vida cotidiana das pessoas, estas permanecem ausentes de suas decisões porque a secularização moderna manteve o princípio de que só tecnocratas especializados poderão tomar as decisões corretas a respeito das questões vitais.

disponível para download em <http://migre.me/Jzvq>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

Profanação política

Neste contexto, o modelo de secularização atual contribui para legitimar as formas oligárquicas de governo características dos modelos corporativos de gestão, possibilitando sua aceitação social, tornando a inacessibilidade do povo algo “normal, natural” das instituições.

O que resta por fazer? Talvez ser resto. O resto é o que resta daqueles e daquilo que não se consegue normatizar pela maquinaria biopolítica. O resto são os que restam como uma alteridade, um “afora” que não termina de ser assimilado aos modelos de gestão utilitária da vida. Para este resto, Agamben propõe pensar a categoria de *profanação*. A profanação, que é uma categoria religiosa, tornar-se-ia o contraponto político da secularização. Não se trataria mais de uma profanação religiosa, mas sim de uma profanação estritamente política. Profanar politicamente significa retirar a assinatura da sacralidade do modelo secularista da modernidade que mantém esferas de poder e instituições inacessíveis ao poder real do povo.

Agamben desenvolve o conceito de profanação em várias obras. Em síntese, poderíamos dizer que profanar significa retirar as coisas, as instituições, as pessoas, do âmbito do inacessível para colocá-las ao alcance das decisões de todos os implicados. Profanar é conferir potência à ação humana. Profanação política significaria conferir potência política efetiva às pessoas comuns em relação aos espaços e decisões sociais em que estão implicadas.

Profanar o Estado, o mercado, a medicina, a lei, as corporações, etc., significaria retirar a assinatura de separação transcendental que ainda contém para se tornarem aquilo que são, meras instituições políticas arbitradas por decisões e interesses de todo tipo que afetam ao conjunto das pessoas. Profanar significaria, mais uma vez, retirar os mercados dos templos, cuja assinatura corresponderia a desmascarar os tecnocratas das instituições corporativas mundiais, estatais, nacionais, como meros sujeitos de interesses e decisões políticas que são. Eles não são neossacerdotes da técnica moderna, mas sujeitos políticos com interesses variados em torno

dos quais giram suas estratégias de governo. A política moderna transferiu para a tecnocracia a forma visível de governo de instâncias anônimas de decisões, enquanto oculta a real condição dos interesses políticos que decidem as técnicas de governo.

A proposta de Agamben de fazer da profanação uma categoria política contém uma indiscutível dose de novidade e salutar provocação. Contudo, seria conveniente lembrar que a profanação também tem sua genealogia. Ela também é uma assinatura. Por exemplo, Sócrates e Jesus Cristo, entre outros, foram sentenciados à morte por serem profanadores. Sócrates foi acusado formalmente de corromper a juventude da *polis* transgredindo as leis sagradas. Jesus foi sentenciado por profanar a lei sagrada, por profanar o sábado, por profanar o templo, por querer que a lei, o sábado e o templo (todas as instituições políticas mais significativas de sua sociedade) estivessem a serviço das pessoas, e não o contrário. A profanação tem uma rica genealogia a ser explorada em sua potencialidade ético-política.

Leia mais...

>> Confira os artigos de Castor Bartolomé Ruiz sobre o evento **Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”** e a respeito do curso **Filosofia e sociedade: A biopolítica, a testemunha e a linguagem. (Des) encontros filosóficos: M. Foucault, H. Arendt, E. Levinas, G. Agamben:**

- *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua*. Revista **IHU On-Line**, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBMm8>
- *O campo como paradigma biopolítico moderno*. Revista **IHU On-Line**, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZz3>
- *O estado de exceção como paradigma de governo*. Revista **IHU On-Line**, edição 373, de 12-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nsUUpX>
- *A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin*. Revista **IHU On-Line**, edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/pDpE2N>

- *A testemunha, um acontecimento*. Revista **IHU On-Line**, edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/q84Ecj>
- *A testemunha, o resto humano na dissolução pós-metafísica do sujeito*. Revista **IHU On-Line**, edição 376, de 17-10-2011, disponível em <http://migre.me/66N5R>
- *A vítima da violência: testemunha do incomunicável, critério ético de justiça*. Revista **IHU On-Line**, edição 380, de 14-11-2011, disponível em <http://bit.ly/vQLFZE>
- *Genealogia da biopolítica. Legitimações naturalistas e filosofia crítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GHWSMF>
- *A bios humana: paradoxos éticos e políticos da biopolítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/Hsl5Yx>
- *Objetivação e governo da vida humana. Rupturas arqueo-genealógicas e filosofia crítica*. Revista **IHU On-Line**, edição 389, de 23-04-2012, disponível em <http://bit.ly/JpA8G3>
- *A economia e suas técnicas de governo biopolítico*. Revista **IHU On-Line**, edição 390, de 30-04-2012, disponível em <http://bit.ly/L2PyO1>
- *O advento do social: leituras biopolíticas em Hannah Arendt*. Revista **IHU On-Line**, edição 392, de 14-05-2012, disponível em <http://bit.ly/J88crF>
- *O trabalho e a biopolítica na perspectiva de Hannah Arendt*. Revista **IHU On-Line**, edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/KOOxuX>
- *Giorgio Agamben, genealogia teológica da economia e do governo*. Revista **IHU On-Line**, edição 413, de 01-04-2013, disponível em <http://bit.ly/ZAajH7>

Participe...

Seminário O pensamento de Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção

Programação completa em <http://bit.ly/WdV0ca>

Minicurso de Giorgio Agamben – 2013

Programação completa em <http://bit.ly/VUyR2V>

O reassentamento solidário de refugiados e as hospitalidades condicional e incondicional

O estrangeiro é estranho “à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade”, pontua Joseane Schuck Pinto. Acolhida incondicional do outro enquanto outro é conceito desenvolvido por Derrida via Levinas

POR RICARDO MACHADO E MÁRCIA JUNGES

“O solicitante de refúgio ao pleitear auxílio humanitário recebe inicialmente a proteção expressa de maneira formal em um documento. É o reinício ou início de sua cidadania, pois não raro trata-se do primeiro documento que recebe conferindo-lhe a condição de cidadão”, explica Joseane Schuck Pinto em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Esses refugiados têm direito, ainda, à documentação provisória, incluindo carteira de trabalho.

A temática será abordada no evento **IHU ideias** desta quinta-feira, 18-04-2013, conduzido por Joseane sob o título *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados*. Confira mais informações em <http://bit.ly/10ZdvDa>.

Graduada em Direito pela Unisinos e aluna da especialização em Direitos na mesma universidade, Joseane Schuck Pinto possui interesse pela temática envolvendo os refugiados e em relação os direitos humanos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a importância do trabalho do acolhimento solidário aos refugiados e como isso reflete no desenvolvimento da cidadania e dignidade destas pessoas?

Joseane Schuck Pinto – Primeiramente, é importante mencionar sobre o acolhimento solidário aos refugiados que o Rio Grande do Sul, através da Associação Antônio Vieira – ASAV, mantenedora da Unisinos, vinculada ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – Acnur¹ e ao Comitê Nacional para Refugiados – Conare, vem

trabalhando em prol do reassentamento solidário, acolhendo estes vulneráveis que necessitam deixar seu país de origem em razão de perseguições por cor, raça, religião, conflitos armados ou ideologia política. Assim, no Rio Grande do Sul encontra-se o maior número de reassentados do Brasil, sendo estes oriundos do Afeganistão, Colômbia e Paquistão. Diante deste trabalho, na busca pela reconquista de um mínimo existencial de dignidade e, por sua vez, a efetivação dos direitos humanos é que se vislumbra a relevância do acolhimento solidário, mostrando-se essencial para o reconhecimento da cidadania, uma vez que, ao reconhecer que os refugiados são sujeitos de direitos, sem qualquer referência à sua nacionalidade, vindo corroborar que tal cidadania é inclusiva, garante-se o acesso à documentação e aos direitos sociais e econômicos básicos, tais como educação, emprego, moradia, saúde, cultura, entre outros, além de receberem um acolhimento baseado na hospitalidade, no respeito ao outro, no estar aberto para recebê-lo, sem pré-conceitos, proporcionando-lhe novamente à cidadania que foi tirada.

IHU On-Line – Que responsabilidade o Brasil tem ao acolher refugiados de países em conflito e quais os direitos garantidos a estas pessoas?

Joseane Schuck Pinto – Como a questão envolvendo refugiados permanece latente no mundo global contemporâneo, eis que os refugiados continuam sendo forçados a abandonar seus lares por situações de conflitos, o Brasil vem atuando em prol da defesa dos direitos humanos e da cidadania dessas pessoas, pois, de acordo com a lei n. 9.474/97, o país reafirmou o compromisso assumido em 1960 ao ratificar a convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, defendendo a causa humanitária do refúgio. Chamou então o país à efetivação destes direitos, quando sinalizou para a implementação de políticas públicas para a integração dos refugiados, proporcionando por meio do reassentamento solidário o acolhimento e a proteção internacional a eles. Tal instrumento propicia a integração deles à sociedade brasileira, obtendo, o mais rapidamente possível, a autossuficiência.

¹ As Nações Unidas atribuíram ao Acnur o mandato de conduzir e coordenar ações internacionais para proteção dos refugiados e a busca por soluções duradouras para seus problemas. A principal missão do ACNUR é assegurar os direitos e o bem-estar dos refugiados. Nos esforços para cumprir seu objetivo, o Acnur empenha-se em garantir que qualquer pessoa possa exercer o direito de buscar e gozar de refúgio seguro em outro país e, caso assim deseje, regressar ao seu país de origem. Ao prestar assistência aos refugiados no regresso ao seu país de origem ou na sua instalação em um outro país, o Acnur também trabalha na busca por soluções duradouras para os problemas dessas pessoas (Nota da **IHU On-Line**).

No entanto, apesar da boa vontade do Estado brasileiro em acolher estes grupos e desempenhar um papel ativo frente a tal questão, depara-se com o problema da integração local no momento em que são inseridos na sociedade. Se não, vejamos: apresentam dificuldades com a língua, com a cultura, bem como em relação à questão da efetivação dos direitos fundamentais, ou seja, o direito ao emprego, à saúde, à moradia, à educação, entre outros. Nesse sentido, para que se concretize a ajuda humanitária e a integração dos refugiados no cenário nacional, a Acnur, através de convênios, conta com o apoio de atores não estatais, isto é, organizações não governamentais, como é o caso do RS, por meio do trabalho desempenhado pela ASAV, tendo a participação da universidade no desempenho deste processo.

O solicitante de refúgio ao pleitear auxílio humanitário recebe inicialmente a proteção expressa de maneira formal em um documento. É o reinício ou início de sua cidadania, pois não raro trata-se do primeiro documento que recebe conferindo-lhe a condição de cidadão. Terá direito à documentação provisória, incluindo carteira de trabalho. Todas as solicitações de refúgio são analisadas pelo Conare e, em caso de indeferimento, é possível apresentar recurso junto ao Ministro da Justiça. Vale ressaltar que o refugiado no Brasil tem os mesmos direitos e deveres que qualquer estrangeiro em situação regular no país. A Constituição da República, de 1988, ao dar tratamento igualitário aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, consoante assevera o artigo 5º, assegura a possibilidade de acesso às políticas públicas existentes, assim como a lei n. 9.474/97, que por sua vez expressa o compromisso do Brasil com a causa humanitária do refúgio.

Dessa forma, percebe-se o envolvimento do governo brasileiro e a construção de uma cultura política em torno das questões concernentes aos refugiados, porém muitas questões envolvendo a matéria necessitam ser resolvidas. Uma delas é a falta de políticas efetivas que busquem inserir solicitantes de refúgio e refugiados no mercado de trabalho, políticas de integração local, sendo que o país ainda tem muito a realizar para que essas pessoas possam se integrar de forma efetiva à sociedade brasileira.

IHU On-Line – Historicamente, como o Brasil tem tratado da acolhida de refugiados tendo em conta as últimas décadas?

Joseane Schuck Pinto – O Brasil foi um dos pioneiros no que diz respeito à liderança na proteção internacional dos refugiados, sendo o primeiro país do Conesul a ratificar a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, no ano de 1960, vindo corroborar os regimes ditatoriais ocorridos em países da América Latina, nas décadas de 1970 e 1980, ao mesmo tempo servindo de palco para conflitos armados por motivos políticos. Isso tudo provocou um movimento de mais de dois milhões de deslocados.

Na década de 1990, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, o tema dos direitos humanos teve destaque tanto na política externa como na política interna, e em 1996 houve o lançamento do Primeiro Programa Nacional dos Direitos Humanos. Nesse período o governo solicitou ao Acnur uma pauta para servir de incentivo para a criação de uma legislação específica sobre a questão dos refugiados e solicitantes de refúgio, sendo aprovada a lei n. 9.474/97, assim como foi instituído o Conare.

Com o advento do governo Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, a política sobre os refugiados manteve-se em destaque na agenda da política interna e externa do país, tratando a temática dentro do seguimento dos direitos humanos, bem como o governo preocupou-se em ampliar tal política com a criação do Programa Nacional de Direitos Humanos II. A expansão da política sobre refugiados teve suporte na legislação nacional promulgada por FHC, além das resoluções do Conare, assim como se baseou no programa de reassentamento regional solidário, contido na Declaração e Plano de Ação do México, sendo este programa considerado como uma solução durável para a questão dos refugiados.

A partir deste desenvolvimento a respeito da política dos refugiados, o país passou a ser reconhecido pelo Acnur como líder na América Latina, assim como no decorrer desse governo houve a criação da Secretaria Especial de Direitos Humanos, passando a ser vinculada à Presidência da República, além da elaboração em 2010, no final do segundo mandato de Lula, do Programa Nacional de Direitos Humanos III. Nesse sentido, nota-se uma significativa evolução do

governo brasileiro diante da política aos refugiados, desde a sua criação durante o governo FHC, após a sua expansão pelo governo Lula, e sua continuidade no governo Dilma. Este cenário se mostra em expansão, e aliado a esta política temos a construção gradual de uma cultura política por parte dos governos e dos cidadãos que, aos poucos, estão percebendo a relevância de reconhecer e respeitar a diferença cultural trazida pelos refugiados, sendo fundamental o diálogo intercultural, haja vista este trazer enormes benefícios para o Estado.

IHU On-Line – Considerando as obras de Jacques Derrida², o que significa ser estrangeiro e quais nuances estão imbricadas ao conceito de acolhimento?

Joseane Schuck Pinto – Cumpre referir que o estrangeiro e a hospitalidade possuem a língua como pano de fundo, eis que ser estrangeiro significa aquele que vem de fora e que vai ao encontro de novas terras, e sua língua é estranha a essa terra. Outro aspecto importante no estudo da hospitalidade refere-se ao lugar, pois nele estão inseridas questões como o acolhimento, o refúgio, a proteção àquele que chega. De acordo com Derrida, quando se pede hospitalidade em uma língua estrangeira, já se está em uma posição ligeiramente inferior. Essa posição se torna ainda mais complexa quando esse estrangeiro se coloca sob as leis do outro e passa a ser julgado em uma outra língua. Ademais, aquele que acolhe irá impor as condições de acolhida ao seu hóspede. O estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade. No entanto, o autor

² Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8bA>. Em 09-06-2011, MS Verônica Pilar Gomezjurado Zavallos, da Universidade de Caxias do Sul - UCS falou no IHU ideias sobre *Derrida e a Educação: o acontecimento do impossível*. Maiores informações em <http://bit.ly/k0ffe9> (Nota da IHU On-Line).

preocupa-se com a hospitalidade absoluta, na qual o acolhedor abrirá sua casa, sem nada exigir em troca, pouco importando quem é o hóspede, o estrangeiro ou o estranho, apenas o acolherá sem nenhuma desconfiança.

Hospitalidade incondicional

Desta feita, o acolhimento despendido aos refugiados através do reassentamento solidário desenvolvido pela ASAV nos remeterá à hospitalidade. O conceito de hospitalidade, desenvolvido por Derrida via Levinas nos revela a possibilidade, por vezes negada, e por isso mesmo questionada, de uma acolhida incondicional do outro enquanto outro. Consoante, assevera o autor, a hospitalidade é considerada incondicional, ou seja, o “eu” estar aberto para receber o “outro”, não somente aqueles que conhecemos ou temos convívio e já dispomos de um espaço, mas ao que se nos apresenta, anonimamente, a este, segundo o autor deve-se deixar com que se aproxime, e então lhe oferecer um lugar para habitar conosco. Portanto, no pensamento derridiano a hospitalidade não deve ser vista somente como a aceitação da diferença, mas também como um aprendizado que esse contato proporciona para ambos. Nesse contexto, a ASAV está aberta para reconhecer o outro e através da hospitalidade e propicia aos refugiados mecanismos que possibilitam um recomeço, como pessoas, respeitando sua dignidade, resgatando a cidadania perdida e agindo em prol aos direitos humanos.

IHU On-Line – De que maneira aspectos legais e éticos dialogam tendo em vista a manutenção e o respeito às culturas dos refugiados?

Joseane Schuck Pinto – Os aspectos legais e éticos dialogam no momento em que a ajuda humanitária é despendida aos grupos que chegam, como no Rio Grande do Sul, que tem por característica ética a hospitalidade incondicional, isto é, a ASAV recebe o outro sem reservas, sem pré-conceitos, aceitando as diferenças culturais, vendo-os como seres humanos desprovidos de dignidade. No entanto, tal ajuda também deve dialogar com a hospitalidade denominada condicional, ou seja, respeitando os direitos e deveres vigentes no ordenamento interno do país acolhedor, devendo eles serem respeitados pelo hospitaleiro bem como pelo hóspede.

Consoante a Derrida, a lei da hospitalidade aparece como uma lei paradoxal, uma vez que a regra que determina a submissão do estrangeiro às leis do país anfitrião deveria também resguardar o respeito pela e a aceitação de sua diferença por meio de uma “ética da hospitalidade”. Dessa forma, ao vislumbrar o papel desempenhado pela ASAV, no que tange ao reassentamento solidário aos refugiados, resta configurada que sua atuação está galgada na ética da hospitalidade, da tolerância, do respeito ao outro, proporcionando-lhes novamente a cidadania que lhes foi retirada. Verifica-se, portanto, que a concretude da hospitalidade incondicional, aduzida por Derrida, que significa deixar vir o outro, o acolhimento sem reservas do outro que chega, é um ato de generosidade para com esse outro. Porém, o autor também traz à tona a existência da hospitalidade condicionada, seja por direitos, seja por deveres que devem ser seguidos pelo que chega e pelo que acolhe, sendo que ambas as hospitalidades deverão atuar conjuntamente para que haja o equilíbrio das relações no âmbito do Estado acolhedor. Ainda, o autor assevera que as hospitalidades condicional e incondicional são indissociáveis, sendo imperioso condicionar essa incondicionalidade, organizar essa hospitalidade, o que significa a criação de leis, direitos, convenções, entre outros.

IHU On-Line – Qual o maior desafio no sentido de integrar os refugiados à sociedade brasileira?

Joseane Schuck Pinto – Em relação à integração local, verifica-se uma abertura da cultura política tanto por parte dos governos quanto em relação à sociedade. Contudo, ainda percebem-se as dificuldades à adaptação do refugiado à nova sociedade na qual será inserido, haja vista deparar-se com uma língua e cultura que diferem da sua e, claro, algumas localidades podem mostrar-se não receptivas aos refugiados, sobretudo em virtude das diferenças culturais existentes entre eles. Esta integração tem como marco inicial a solicitação de refúgio, tendo em vista que o solicitante, enquanto aguarda a tramitação legal do procedimento de refúgio, já procura se inserir na sociedade da qual passa a fazer parte, seja através do estudo do novo idioma, seja por meio da inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, o maior desafio a ser enfrentado em relação à integração local está nas diferenças culturais, tendo

em vista que os refugiados passam a interagir num novo ambiente que pode apresentar traços culturais distintos de sua comunidade de origem. Quanto maior a proximidade cultural, social, linguística e étnica entre o país de origem e o de destino, mais esse processo, em tese, se revela mais fácil e os resultados tornam-se mais promissores, assim como as diferenças culturais não podem ser obstáculos à universalização dos direitos humanos, uma vez que necessitam ser respeitados e protegidos a fim do reconhecimento desses direitos. Além disso, os refugiados podem representar uma ótima oportunidade para o desenvolvimento econômico do país que os recebe, pois constituem uma nova força de trabalho. Mas para tanto é preciso que haja o reconhecimento de que a integração tem maior chance de obter sucesso em um ambiente em que os recém-chegados possam manter sua cultura, religião, integridade étnica e sua identidade cultural enquanto que, ao mesmo tempo, sejam encorajados a participar e tenham acesso à cultura da sociedade que os recebe.

IHU On-Line – Que caminhos as pesquisas universitárias têm apontado para o tratamento desta questão?

Joseane Schuck Pinto – A universidade vem desempenhando um relevante papel frente à temática acerca do acolhimento e da integração local aos refugiados, incentivando a realização de pesquisas e promovendo conferências para divulgar o assunto no meio acadêmico. Assim, a partir dos trabalhos realizados, juntamente com a sociedade civil, os pré-conceitos e percepções negativas advindas do reassentamento e do acolhimento despendido aos refugiados podem ser neutralizados com conhecimento qualificado e disponível à população. A pesquisa universitária tem se mostrado primordial no sentido de difundir informações, proporcionando à sociedade participar das discussões, o que possibilitará a acolhida de grupos tradicionalmente excluídos de suas nações, bem como visa demonstrar à sociedade a importância de valorizar a cultura trazida pelos refugiados, reconhecendo e respeitando as diferenças culturais, sendo fundamental o multiculturalismo no processo de integração.

IHU On-Line – Que importância tem a hospitalidade no contexto mundial?

Joseane Schuck Pinto – A hospitalidade é considerada como uma das virtudes necessárias para o mundo atual de deslocamentos e de deslocados, face ao processo de violência desenhado pelo fundamentalismo religioso responsável pela guerra civil ocorrida na Síria e pelo grandioso número de refugiados que tiveram que abandonar seus lares. Este episódio perdura por quase três anos e tem como resultado o deslocamento massivo de pessoas que cruzam as fronteiras dos países da região. No cenário internacional, vislumbra-se a violência que vem ocorrendo na República Centro-Africana, somando neste mês de abril quase 40 mil refugiados, segundo dados extraídos do site da Acnur. Além de tantos outros casos de conflitos, guerras civis, perseguições por racismo, ideologias políticas, acarretando em violações aos direitos humanos, sendo que esses grupos vulneráveis passam a necessitar de ajuda humanitária internacional.

Nota-se que, diante deste contexto mundial, é imperioso que prevaleça a mútua acolhida pelos países hospitaleiros, no sentido de prevalecer à abertura generosa de fronteiras, aderindo à hospitalidade condicional sem pré-conceitos, vislumbrando as diferenças como diferenças e não como desigualdade e inferioridade. Em tempos em que o acolhimento do outro se dá de forma cada vez mais restrita, em que a hospitalidade se torna cada vez mais condicionada às suas leis, a questão das cidades-refúgios ganha maior importância no cenário ético-político internacional.

IHU On-Line – Como concepções ocidentais de direitos humanos fundadas no individualismo dialogam com concepções orientais fundadas no coletivismo?

Joseane Schuck Pinto – A concepção contemporânea ocidental de direitos humanos busca delinear uma ordem pública mundial fundada no respeito à dignidade humana, ao consagrar valores básicos universais, indivisíveis e inalienáveis, nos quais toda pessoa hu-

mana é titular de direitos iguais. Nota-se que essa concepção adotou uma postura de internacionalização dos direitos humanos, passando a relativizar a noção de soberania do Estado em prol da proteção desses direitos, o que consequentemente obriga os Estados a respeitá-los. Esta concepção, calcada no universalismo e no individualismo ressalva os direitos civis e políticos, ou seja, as liberdades fundamentais.

No entanto, em relação à concepção oriental de direitos humanos, sendo difundida pelos relativistas culturais, o que prevalece é o coletivismo, realçando, por sua vez, os direitos econômicos e sociais bem como nesta concepção o sistema jurídico de cada país deve dispor sobre os direitos fundamentais de acordo com fatores culturais e históricos, considerando-os variáveis conforme a sociedade analisada. Nesse ínterim, vem corroborar o pensador multiculturalista Charles Taylor³ no sentido de criticar o

3 Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em português podem ser conferidos *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Confira nesta edição da IHU On-Line a entrevista “Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande”, concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro. Nas *Notícias do Dia* 09-06-2009, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, leia o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor. O material está disponível para download no link <http://bit.ly/qvAqNZ>. Confira, ainda, a entrevista com o teólogo José Casanova, intitulada *As religiões estão se tornando cada vez mais globais*, publicada na edição 388 da *IHU On-Line*, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/L2xby8>, no qual é debatida a obra *Uma era secular*. De 24 a 25-04-2013 Charles Taylor estará na Unisinos como conferencista principal do evento *O debate liberais-comunitários colóquio com Charles Taylor*, cujas informações podem ser conferidas em <http://bit.ly/13hyKA4>. Em 26 e 29-04-2013, Taylor é o conferencista

modelo universalista do Estado-nação e propugna um estado democrático e multicultural, sendo defensor do diálogo permanente com as comunidades culturais e grupos étnicos.

Diálogo e equilíbrio

Nesse sentido, diante das concepções ocidentais e orientais de direitos humanos, resta cediço que o diálogo entre ambas é de suma importância, no sentido de que a perspectiva da universalidade, defendida pela concepção ocidental, possa inserir-se no contexto de respeito às diversidades culturais, proposta no contexto oriental, no qual o diálogo intercultural mostra-se imprescindível a fim de que haja a construção de uma sociedade internacional mais livre, justa e solidária.

Por fim, almeja-se um universalismo fruto de um diálogo intercultural e, de acordo com o sociólogo Boaventura de Souza Santos⁴, é possível essa transformação a partir de uma reconceitualização dos direitos humanos por meio da hermenêutica diatópica que consiste na constatação de que não se deve analisar uma cultura a partir de outra. É primordial a ocorrência do diálogo bem como há de se buscar pelo equilíbrio da universalidade, pois a concepção atual de direitos humanos deve primar pelo diálogo, reconhecendo direitos que se apresentem universalmente.

do evento *Religiões e Sociedade nas trilhas da secularização*, cuja programação pode ser conferida em <http://bit.ly/XWct3k>. (Nota da IHU On-Line)

4 Boaventura de Sousa Santos (1940-): doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganhado especial popularidade no Brasil, principalmente depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Confira a entrevista especial concedida por Boaventura às *Notícias do Dia* do IHU, em 30-01-2010, disponível em <http://migre.me/2K7Hy>, intitulada *O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas*. (Nota da IHU On-Line)

Baú da IHU On-Line

A IHU On-Line dedicou um número de capa especial à questão dos refugiados. Confira:

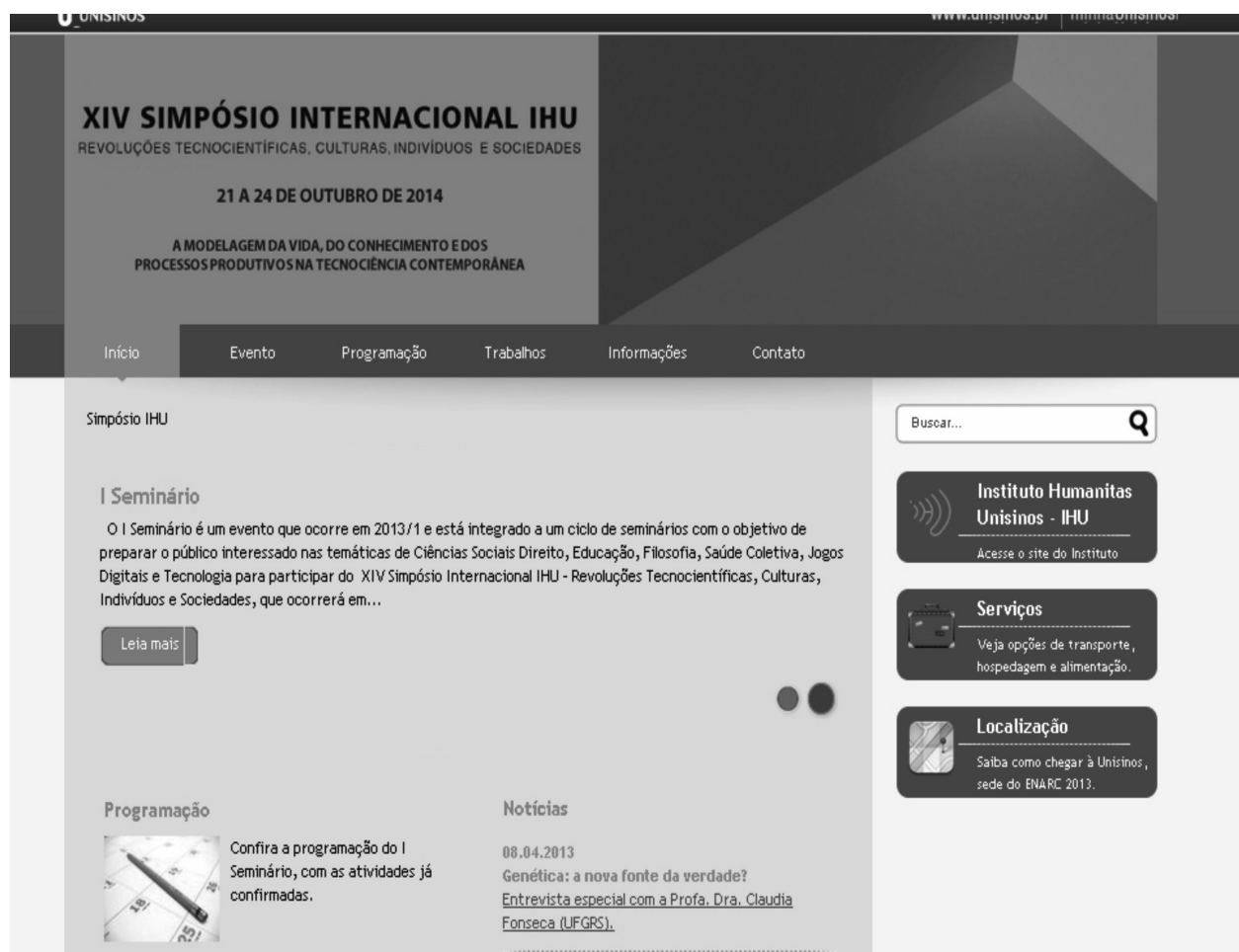
- *Refugiados, uma diáspora em tempos globais*. Edição 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/jlfG0J>

XIV Simpósio Internacional IHU

Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades

21 a 24 de Outubro de 2014

Acesse: <http://unisinos.br/eventos/simposio-ihu/>



XIV SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU
REVOLUÇÕES TECNOCIENTÍFICAS, CULTURAS, INDIVÍDUOS E SOCIEDADES

21 A 24 DE OUTUBRO DE 2014

A MODELAGEM DA VIDA, DO CONHECIMENTO E DOS
PROCESSOS PRODUTIVOS NA TECNOCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Início Evento Programação Trabalhos Informações Contato

Simpósio IHU

I Seminário

O I Seminário é um evento que ocorre em 2013/1 e está integrado a um ciclo de seminários com o objetivo de preparar o público interessado nas temáticas de Ciências Sociais Direito, Educação, Filosofia, Saúde Coletiva, Jogos Digitais e Tecnologia para participar do XIV Simpósio Internacional IHU - Revoluções Tecnocientíficas, Culturas, Indivíduos e Sociedades, que ocorrerá em...

[Leia mais](#)

Programação

Confira a programação do I Seminário, com as atividades já confirmadas.

Notícias

08.04.2013
Genética: a nova fonte da verdade?
[Entrevista especial com a Profa. Dra. Claudia Fonseca \(UFRGS\).](#)

Buscar...

Instituto Humanitas Unisinos - IHU
[Acesse o site do Instituto](#)

Serviços
Veja opções de transporte, hospedagem e alimentação.

Localização
Saiba como chegar à Unisinos, sede do ENARC 2013.

Eventos

Sociedade Sustentável, por um novo paradigma civilizacional

Começa na segunda-feira, 15, o terceiro módulo do Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável com o professor MS Gilberto Faggion, que nas próximas seis semanas debaterá o tema Novo paradigma civilizacional. Dentro do ciclo de debates, este é o módulo com maior número de semanas, pois nesta etapa debatem-se textos de autores que vão apresentar alternativas de construção de uma sociedade mais sustentável. “Depois de termos falado em crises no primeiro e no segundo módulos, agora apresentamos possibilidades para melhorarmos a sociedade em que vivemos, tendo em conta as ideias de sete pensadores”, explica o professor.

Na primeira semana serão discutidas abordagens de Serge Latouche; na segunda, de Ivan Illich e a noção de sociedade convivial; na terceira, Gilberto Dupas sobre o mito do progresso; na quarta semana, André Gorz e a superação da sociedade salarial; na penúltima semana, Jean Pierre Dupuy e Patrick Viveret a cerca de alternativas à catástrofe sistêmica; e fechando o módulo, Edgar Morin e a política de civilização.

Para Faggion, o debate com tais autores permite às pessoas perceberem coisas novas sobre velhos paradigmas. “Esses autores têm um pensamento fora do comum e, por isso, são originais. O mais interessante nesse ciclo de estudos é que ele nos permite estabelecer conexões com outros conhecimentos de acordo com a formação de cada um”, avalia.

Centro 3 recebe Mostra do ObservaSinos

De 9 a 16 de abril a **Mostra do ObservaSinos: De olho no Vale** estará disponível no saguão do Centro 3 para visitação e reflexão. A exposição se inicia às 20h30min e vai até as 22h. A partir de 20 de abril a exposição será itinerante nos quatorze municípios da região do Vale do Rio dos Sinos.

A **Mostra do ObservaSinos: de Olho no Vale** é uma atividade do Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos desenvolvida na Unisinos e junto dos municípios da região do Vale. Ela reúne de-

zesseis banners que apresentam diferentes indicadores socioeconômicos dos municípios e da região, sistematizados pelo Observatório a partir de bases de dados oficiais, em vista da promoção da análise, do debate e intervenção nas realidades locais e regional. A partir da Mostra, pretende-se tornar público o ObservaSinos como ferramenta de informação e formação propulsora do protagonismo cidadão indispensável à transformação social, destaca a coordenadora do Programa, Profa. Dra. Marilene Maia. Confira mais informações em <http://bit.ly/Zu5W0P>

Painel TED integra seminário de preparação ao XIV Simpósio Internacional IHU

Na próxima quinta-feira, 18, será realizado o **Painel TED sobre a Visualização de Dados** com mediação do professor do curso de Jogos da Unisinos, João Ricardo Bittencourt. No evento que será realizado a partir das 19h na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, serão exibidos vídeos de quatro palestras do TED sobre os seguintes temas: “O nascimento de uma palavra”, professor doutor Deb Roy - Diretor do grupo Cognitive Machines no MIT Media Lab; “A beleza na visualização de dados”, professor doutor David McCandless - jornalista londrino que trabalha com infográficos; “As melhores estatísticas já vistas”, professorou doutor Hans Rosling - Professor no Sweden’s Karolinska Institute; “Arte feita de tempestades”, professora doutora Nathalie Miebach - artista que mescla arte e ciência.

O que é o TED

O TED é uma organização sem fins lucrativos, criado em 1984, e que se propõe a espalhar ideias positivas. Nos debates são convidados pensadores para falarem de suas experiências e compartilharem seus saberes. As conferências ficam abertas e disponíveis no site TED.com.

O TEDx Unisinos

O TEDx é um evento local, auto-organizado e que tem o mesmo objetivo do TED, que é reunir pessoas para partilhar experiências. A Unisinos foi a pioneira no Brasil a realizar um evento voltado ao aprendizado com o TEDxUnisinos Inovação na Educação, com o intuito “vale a pena espalhar ideias”.

Mentiras, traição e desemprego: a história de amor do capitalismo



Dirigido e escrito por Michael Moore, *Capitalismo: uma história de amor* (*Capitalism: A Love Story*) é um filme estadunidense de 2009, do gênero documentário, e que estreou na 66ª Edição do Festival de Veneza. Seu tema central é a crise financeira global de 2007–2009, na transição do governo de George W. Bush para o de Barack Obama e no pacote de estímulo à economia sancionado por este último. Moore enfrenta o problema que está no cerne de toda a sua obra: o impacto desastroso que o domínio das corporações tem na vida cotidiana dos norte-americanos e, portanto, no resto do mundo.

Capitalismo: uma história de amor suscita uma questão crucial:

qual é o preço que pagam os Estados Unidos por seu amor ao capitalismo? Anos atrás, esse amor parecia bastante inocente. No entanto, hoje o sonho americano parece cada vez mais com um pesadelo, como o preço pago pelas famílias que veem seus empregos desaparecerem junto de suas casas e poupanças. Moore nos leva para as casas de pessoas comuns cujas vidas foram interrompidas, enquanto buscam explicações em Washington e em outros lugares para o que ocorreu. E o que descobre são sintomas muito familiares de um “amor” que acaba mal: mentiras, abuso, traição e 14 mil empregos perdidos a cada dia.

O documentário será exibido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 22-04-2013, dentro do **Ciclo de filmes: Crise do Capitalismo no Cinema – IHU Cinema**, das 17 às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Para maiores informações, acesse <http://bit.ly/14ZSgzE>

Leia mais...

>> A IHU On-Line já publicou outros materiais sobre Michael Moore e *Capitalismo: uma história de amor*. Confira:

- *O novo filme de Michael Moore e a doutrina social da Igreja*. **Notícias do Dia** 03-10-2009, disponível em <http://bit.ly/10KiiVT>
- *Quem ganha com a privatização da saúde nos EUA? O filme de Michael Moore*. **Notícias do Dia** 08-03-2008, disponível em <http://bit.ly/11ThS0F>
- *Carta de Michael Moore a Deus*. **Notícias do Dia** 08-09-2008, disponível em <http://bit.ly/YcG6P2>
- *A mídia globalizada como base cultural da plutocracia*. Revista **IHU On-Line** 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/suYeu8>
- *A farsa exibida nos cinemas*. Revista **IHU On-Line** 400, de 27-08-2012, disponível em <http://bit.ly/YjOpgu>

Acompanhe o IHU no Blog

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

@segundasesemcarne por tudo e todos

EM 15 ABRIL, 2013 | COMENTAR

Um dia por semana sem comer carne pode ajudar a combater o aquecimento global. Você sabia? Surgido nos Estados Unidos, movimento que procura diminuir o consumo de carne ganha adeptos em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. A campanha Meatless Monday ("Segunda sem Carne") surgiu nos Estados Unidos em 2003, com o objetivo de incentivar as pessoas a consumir menos carne.

SEGUNDA SEM CARNE
descubra novos sabores

Pelas pessoas. Pelos animais. Pelo planeta.

Já há quase 7 bilhões de pessoas na Terra e, para produzir carne para esta população, é preciso criar bilhões de animais que consomem água, comida e recursos energéticos, demandam espaço, produzem grande quantidade de excrementos, contaminam os mananciais, causam erosão e geram poluição atmosférica. A criação de animais para abate é uma forma ineficiente de produzir alimentos: para cada quilo de proteína animal são necessários de 3 a 15 kg de proteína vegetal (milho, soja e outros).

Pesquisar

Categorias
Selecionar categoria

Conheça o site do IHU

RSS
Assine nosso feed

Tags
Análise de conjuntura
Bastidores Cinema
Congresso de Teologia Dica de leitura Economia Economia Solidária Educação Enquetes Entrevistas do dia espiritualidade Eventos
Forum Social Mundial Fórum Social Mundial
2011 Geral IHU Indígenas

Retrovisor



Vilém Flusser: Um comunicólogo transdisciplinar

Edição: 399 – Ano XII – 20/08/2012

Disponível em <http://bit.ly/OLC1Mg>

A revista **IHU On-Line** dedicou uma edição para tratar do pensamento Vilém Flusser, filósofo e estudioso da mídia. Nascido em Praga, na República Checa, em 1920, ele veio para o Brasil ainda jovem, em 1940, onde desenvolveu seus primeiros textos e retornou para a Europa em 1970, quando se tornou mundialmente conhecido. Seu livro mais famoso é *Filosofia da caixa preta*. A edição conta com dois textos inéditos do autor cedidos pelo Arquivo Flusser, na Universidade de Arte, em Berlim. Leia as entrevistas com **Erick Felinto de Oliveira**, **Michael Manfred Hanke**, **Eva Batlicková**, **Rainer Guldin**, **Norval Baitello Junior**, **César Baio**, **Gustavo Bernardo Krause** e **Rodrigo Antonio de Paiva Duarte**.

Ano internacional das florestas. Em defesa da habitabilidade do Planeta

Edição: 365 – Ano XI – 13/06/2011

Disponível em <http://bit.ly/IBe6La>

A Organização das Nações Unidas – ONU instituiu 2011 como o Ano Internacional das Florestas. Na ocasião, a **IHU On-Line** revisitou o tema e entrevistou pesquisadores e especialistas atentos à situação das florestas brasileiras. Confira as entrevistas com **Luiz Antonio Martinelli**, **Ricardo Ribeiro Rodrigues**, **Fernando Jardim**, **Renato Marques**, **Clayton Ferreira Lino**, **Elis de Araújo**, **Adalberto Veríssimo**, **Daniel Melo** e **Maria de Fátima Fernandes Lamy Rasera**. A edição conta com uma entrevista da professora de filosofia da Universidade Aberta da Catalunha e de Saragoza Marina Garcés, em que fala sobre o movimento 15-M. Um artigo sobre o futuro da TV digital e a democratização da comunicação também são destaques desta edição.



Sistema Único de Saúde. Uma conquista brasileira

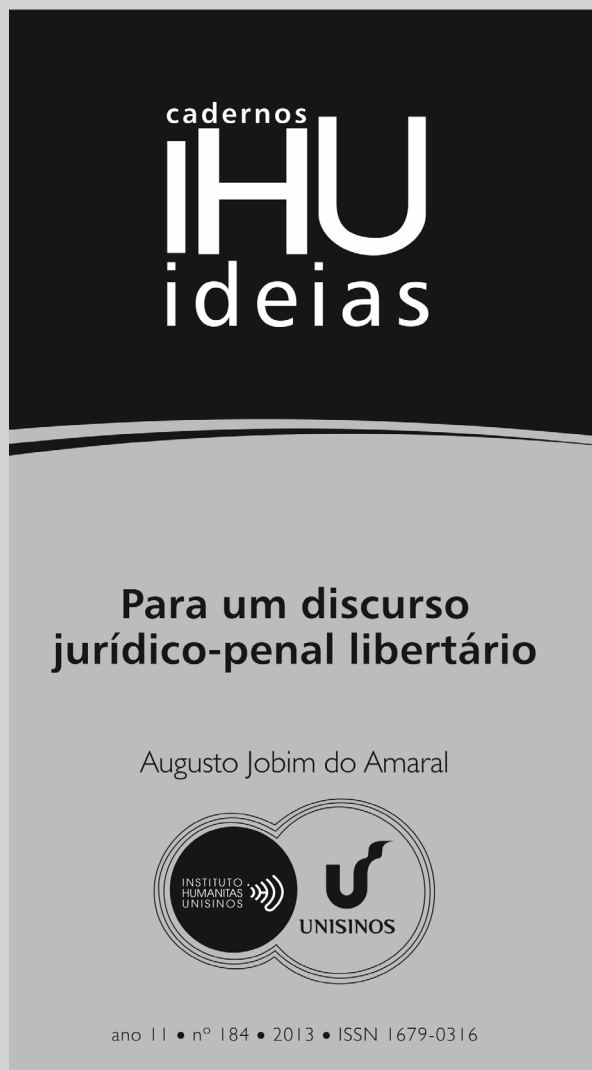
Edição: 376 – Ano XI – 17/10/2011

Disponível em <http://bit.ly/ov02zx>

O **Sistema Único de Saúde – SUS** existe por aproximadamente 25 anos, tendo sido criado na promulgação da Constituição Federal. De lá para cá tem conseguido atender cerca de 90% das pessoas que procuram o serviço. A **IHU On-Line** convidou pesquisadores e especialistas para discutirem os avanços e os limites do SUS. Leia as entrevistas com **Gilson Carvalho**, **Jairnilson Paim**, **Ligia Bahia**, **José Gomes Temporão** e **Virginia Fontes**. A revista é complementada com uma entrevista com a pesquisadora argentina Cecília Palumbo sobre o diálogo intelectual entre **Paul Ricoeur** e **Hans Urs von Balthasar**. O filósofo espanhol e professor do PPG em filosofia da Unisinos Castor Bartolomé Ruiz escreve um artigo sobre o livro *Homo Sacer I, II e III* de Giorgio Agamben. Confira também a edição SUS: 20 anos de curas e batalhas no link <http://bit.ly/15gtE8B>.

Publicação em destaque

Confira uma das publicações mais recentes do Instituto Humanitas Unisinos.



IHU ideias

Para um discurso jurídico-penal libertário

A presente edição dos **Cadernos IHU ideias** apresenta o texto *Para um discurso jurídico-penal libertário* de **Augusto Jobim do Amaral**¹, doutor em Altos Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra e professor da faculdade de Direito da PUCRS. Nele o autor aborda o tema a partir de dois eixos: a razão de Estado, defesa social e teoria agnóstica da pena; e a pena como dispositivo político. Na perspectiva do pesquisador, o direito penal deve ser analisado para além da legislação e pensado como designação do discurso dos juristas.

Um questionamento presente na abordagem de Amaral é o local que deve ser ocupado pelo discurso jurídico-penal e qual o papel do operador jurídico nesse processo. Uma das reflexões propostas pelo autor é de que é importante pensar o discurso penal como, nas palavras de Amaral, um “discurso-limite”, na busca de uma estratégia de limitação do poder punitivo focado em salvar o maior número de vidas.

O debate é ainda mais instigante quando se pensa tais perspectivas a partir dos conceitos desenvolvidos por **Michel Foucault**, presentes no texto, de que a razão do Estado é, no final das contas, o próprio Estado. Dentro desse contexto, o que o autor do artigo pretende é também propor uma reflexão sobre as táticas de exercício de poder no discurso do direito penal.

Os **Cadernos IHU ideias** podem ser adquiridos diretamente no Instituto Humanitas Unisinos, no campus da Unisinos, ou pelo e-mail humanitas@unisinos.br.

A partir de hoje, dia 15 de abril, estará disponível, na íntegra, no sítio do IHU, em formato PDF.

Mais informações podem ser obtidas no link bit.ly/LGK9BC ou pelo telefone (51) 3590 4888.

¹ Augusto Jobim do Amaral é doutor em Altos Estudos Contemporâneos (Ciência, Política, História Contemporânea e Estudos Internacionais Comparativos) pela Universidade de Coimbra; mestre e especialista em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS; professora da Faculdade de Direito da PUCRS e pesquisador- convidado do Centro de Estudos Internacionais do Século XX (CEIS 20) da Universidade de Coimbra.

Papa Francisco. Quem são os jesuítas?

POR GRAZIELA WOLFART

Inesquecível o carnaval de 2013. A surpreendente renúncia do Papa Bento XVI e a expectativa pela escolha do novo líder da Igreja Católica mostrou o poder que a instituição ainda exerce em nossa sociedade. Foram dias de intensos debates em vários círculos, que culminaram com uma surpresa ainda maior: no dia 13 de março de 2013 o escolhido é um papa argentino e jesuíta. E mais: escolhe como nome Francisco, o que representa muito em uma Igreja que sonha com ideais mais semelhantes ao que Jesus Cristo pregou: amor e respeito ao próximo, solidariedade, simplicidade e pobreza.

O fato é que a sensação entre a maioria dos católicos é de que, enfim, as sombras sobre a Igreja começam a se dissipar e uma fé renovada brota do íntimo dos corações de todos os católicos, pelo mundo inteiro.

O que significa, para a Igreja e seus fiéis, a escolha de um papa jesuíta? Quem são os companheiros de Jesus, seguidores de Inácio de Loyola? O que marca os membros dessa ordem e que podem dar pistas sobre os rumos que a Igreja Católica irá seguir a partir de agora?

Sugerimos a leitura da **Conjuntura da Semana**, intitulada "Papa Francisco. Uma 'primavera' na Igreja Católica?", publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU em 08-04-2013 e disponível em <http://bit.ly/16HEL6v>. Leia, ainda, a **Conjuntura da Semana. Bento XVI. As primeiras avaliações de um pontificado**, publicada nas **Notícias do Dia** 04-03-2013, disponível em <http://bit.ly/XkPinw>.

Oferecemos a nossos leitores e leitoras uma síntese de algumas edi-

ções da revista IHU On-Line que podem contribuir na compreensão melhor da Companhia de Jesus.



A edição número 196, de 18-09-2006, intitulada *A Globalização e os Jesuítas*, disponível em <http://bit.ly/9ql50c> publicada por ocasião da celebração mundial do Ano Jubilar Inaciano em 2006 e fazendo a memória dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e dos 500 anos de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, companheiros do primeiro que fundou a Companhia de Jesus, inspirou a realização do Seminário Internacional Os Jesuítas e a Globalização (realizado simultaneamente na Unisinos, na PUC-Rio e na FAJE, de Belo Horizonte, de 25 a 28

de setembro de 2006). Peter-Hans Kolvenbach, que então era o superior geral da Companhia de Jesus, proferiu a conferência inaugural do evento e concedeu uma entrevista à IHU On-Line, que pode ser lida em <http://bit.ly/Ypr8Wc>. Especialistas em diversas áreas do conhecimento participaram deste número refletindo sobre uma instituição de quase cinco séculos.

Já a edição número 186, de 26-06-2006, intitulou-se *Jesuítas. Quem são?* Encontra-se disponível no link <http://bit.ly/bHBcD2>. Aí foram descritas algumas figuras de jesuítas, tais como Michel de Certeau, Henrique Cláudio de Lima Vaz¹, Gerard Ho-

-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://migre.me/Dto9>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://migre.me/Dtoo>. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória*, disponível para download em <http://migre.me/DtoL>. Confira, ainda, os seguintes materiais, publicados pela IHU On-Line: a Entrevista da Semana intitulada *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://migre.me/DtoR>; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arregiada*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtp2>; os *Artigos da Semana* intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://migre.me/Dtpc>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico*. A contribuição de Henrique de Lima Vaz, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://migre.me/DtpD>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://migre.me/DtpM>. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada *Crise de fundamentos éticos do espaço público*, e a entrevista com Marcelo Perine, *Padre Vaz e o diálogo com a modernidade*. Esse tema, em específico, foi abordado por Perine em uma conferência em 22-05-2007, no *Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista *Vaz, intérprete de uma civilização arregiada*. Confira no link <http://migre.me/DtpU>. Leia, também, a edição especial da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano: edição 374, de 26-09-2011, *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao nii-*

1 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-

pkins², Matteo Ricci, entre outras. O trabalho jesuítico na universidade, na filosofia, na história, na psicanálise, na literatura, na cosmologia e na astrofísica ilustra de alguma forma o diálogo, tenso e intenso da Companhia de Jesus com a contemporaneidade.



A primeira edição da **IHU On-Line** que abordou o tema foi a de número 25, publicada em 08-07-2002. Intitulada *Jesuítas e a América Latina*, pode ser lida em <http://bit.ly/aE7Gke>. “Princípios e horizontes de nossa missão na América Latina” foi a carta com diretrizes para a ação dos próximos cinco anos (a partir de 2002), documento final da 5ª Assembleia da Conferência de Provinciais e Superiores Maiores Jesuítas da América Latina, realizada de 23 a 27 de abril de 2002 no Rio de Janeiro. O documento colocou a visão e a missão da Companhia de Jesus, procurando responder ao local latino-americano e o universal próprio da Companhia. Na ocasião, a **IHU On-Line** entrevistou o Pe. Guido A. J. Kuhn, que era o provincial da Província Brasil Meridional, da Companhia de Jesus, e presidente da Associação Antônio Vieira, mantenedora da Unisinos, sobre este documento e sua importância para o Continente. Publicamos na referida edição a íntegra do documento emanado da Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina, por considerarmos uma importante referência para fundamentar a missão da Unisinos e, dentro dela, do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Dedicamos a edição 347 da **IHU On-Line**, veiculada em 18-10-2010, a *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade* (ver em <http://bit.ly/2KsBfQq>).

lismo ético, disponível em <http://bit.ly/qE7Dm8>. (Nota da **IHU On-Line**)
 2 **Gerard Manley Hopkins** (1844-1889): poeta jesuíta inglês. A ele a **IHU On-Line** dedicou a edição 282, de 17-11-2008, intitulada *Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico*, disponível em <http://bit.ly/2KsBfQq>. (Nota da **IHU On-Line**)

ly/eHwCq). Há 400 anos falecia Matteo Ricci, italiano de Macerata, que lançou uma ponte do Ocidente com a China. Pouco conhecido no Brasil, a vida e a obra deste jesuíta foi motivo de incontáveis eventos realizados em várias partes do mundo, especialmente na Europa e na Ásia. A **IHU On-Line** daquela semana, na vigília da celebração de outro quarto centenário, o das Reduções Jesuítas na América do Sul, entrevistou pesquisadores especializados nos estudos da obra de Ricci.

Enquanto isso a revista número n. 304, de 17-08-2009, teve como título *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin* e está disponível em <http://bit.ly/158DVnm>. Para entender melhor a genial e peculiar visão de Pierre Teilhard de Chardin sobre a evolução do cosmos, na vigília do IX Simpósio Internacional Ecos de Darwin, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, nos dias 9 a 12 de setembro de 2009, na Unisinos, a **IHU On-Line** daquela semana entrevistou diversos especialistas.



A Teilhard de Chardin também já havia sido dedicada a edição n. 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005. (Cf. *Teilhard de Chardin. Cientista e místico*. Acessível no link <http://bit.ly/XHF3vB>). Na época, fazia cinquenta anos que, num domingo de Páscoa, morria, em Nova York, Teilhard de Chardin, filósofo e teólogo jesuíta, mas antes de tudo um paleontólogo e místico. Celebrar a memória da vida e da obra de Teilhard de Chardin foi um dos objetivos do “Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade”, realizado na Unisinos nos dias 16 a 19 de maio de 2005. Dessa maneira, a Unisinos se conectou com uma série de eventos que em várias partes do mundo celebraram a imponente e fascinante figura de Teilhard de Chardin. Assim, também a **IHU On-Line** contribuiu

no conhecimento, na rememoração e análise da obra teilhardiana na contemporaneidade.



Outro jesuíta importante e que mereceu destaque em duas edições da presente revista foi Karl Rahner. A revista de n. 297, publicada em 15-06-2009, teve como título *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II* (disponível em: <http://bit.ly/o2e8cX>). Desde o Concílio Vaticano II, realizado há mais de 50 anos, a Igreja traçou novas perspectivas, renovou-se, marcou sua entrada oficial na modernidade. A construção desse novo paradigma contou com a participação de um dos teólogos mais importantes do século XX, Karl Rahner. Por ocasião do centenário de nascimento de Karl Rahner, em 2004, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o Simpósio Internacional sobre Teologia Pública. Em 2009, quando se celebrou o 25º ano do falecimento do teólogo alemão, a revista **IHU On-Line** debateu o legado da sua obra teológica que marcou a trajetória da Igreja.

Na ocasião da realização do “Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI”, publicamos a **IHU On-Line** n. 102, em 24-05-2004, intitulada *Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos*, que está disponível em <http://bit.ly/maOB5H>. No mundo técnico-científico de hoje, onde os grandes relatos e narrativas se fragmentaram, onde “tudo o que é sólido desmancha-se no ar”, para usar a famosa e pertinente expressão de Karl Marx no *Manifesto Comunista* de 1848, há ainda lugar para o saber teológico? Mas a teologia é um saber? O simpósio realizado pretendeu responder a esta pergunta com base nos desafios que emergem, em primeiro lugar, da razão contemporânea, em segundo, da pluralidade religiosa e, em terceiro lugar, do grito surdo que se alça da multidão de excluídos do banquete da sociedade

contemporânea. Ou seja, uma teologia na universidade, hoje, só tem lugar na medida em que for capaz de responder a esses três desafios. E para responder a eles, o simpósio se inspirou na obra teológica de Karl Rahner, a quem dedicamos o referido número revista. As entrevistas realizadas e os artigos publicados na matéria de capa buscaram trazer para o espaço público da Unisinos o debate teológico, celebrando assim o centenário de nascimento de Karl Rahner, um dos mais importantes teólogos do século XX.

No ano de 2010 publicamos mais duas edições dedicadas aos jesuítas. A revista número 348, de 25-10-2010 teve como título *A experiência mis-*

sioneira: território, cultura e identidade (ver em <http://bit.ly/12ROPNG>) e repercutiu a realização, naquele ano, do “XII Simpósio Internacional IHU – A experiência missioneira: território, cultura e identidade”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em parceria com o PPG em História, da Unisinos. A revista **IHU On-Line** daquela semana debateu esta experiência, nos 400 anos da fundação das primeiras reduções da Província da Companhia de Jesus do Paraguai.

Sobre o mesmo evento, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou o livro *A experiência missioneira: território, cultura e identidade*, em outubro

de 2010 e que pode ser lido virtualmente no link <http://bit.ly/HUoc13>.

Já a edição de n. 337, veiculada em 02-08-2010, intitulou-se *Fé, justiça e diálogo inter-religioso e intercultural* e pode ser lida em <http://bit.ly/17vAUN5>. O tema de capa da referida edição foi inspirado pela realização, em São Leopoldo-RS, da reunião latino-americana dos coordenadores e diretores dos Centros Sociais da Companhia de Jesus. Buscando entender melhor a inspiração destes centros sociais espalhados pela América Latina e o serviço que tentam prestar, entrevistamos alguns diretores e pesquisadores que neles atuam.

Religiões e Sociedade nas trilhas da secularização. Encontros com o professor Dr. Charles Taylor

Evento: Conversação com teólogos/as: Vivência da fé numa era secular. Um relato autobiográfico.

Data: 26-04-2013

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Evento: Diálogo com filósofos, sociólogos, cientistas da religião e teólogos

Data: 29-04-2013 | Hora: 14h30

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Conferência: Pertença religiosa numa era secular. Desafios e possibilidades

Data: 29-04-2013 | Hora: 19h30

Local: Auditório Central - Unisinos

Mais informações e inscrições no link - <http://bit.ly/Xmy5Mp>



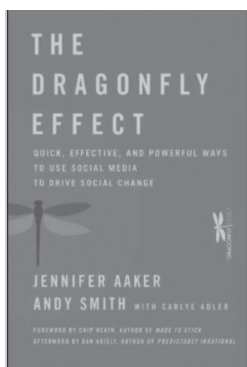
FISK, Robert. *A grande guerra pela civilização: a conquista do Oriente Médio* (São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2007, 1.493 páginas)

Baseado em Beirute, Fisk, escritor e jornalista britânico, trabalhou como correspondente do The Times, de Londres, no Oriente Médio de 1976 a 1988. Ele foi testemunha ocular de vários embates e situações que a guerra provocou em países da região. Escreveu histórias “ao pé do canhão” e foi um dos primeiros jornalistas do Ocidente a entrevistar Osama bin Laden em pelo menos três ocasiões, entre 1993 e 1997. Cobriu os conflitos na Irlanda, a revolução dos Cravos, em Portugal, a revolução iraniana de 1979, a ocupação soviética no Afeganistão, as guerras do Golfo, Irã-Iraque, da Bósnia, do Kosovo e a invasão do Iraque, em 2003. Fisk entende que jornalistas devem ser as primeiras testemunhas imparciais da história. “Se há alguma razão da nossa existência, no mínimo deveria ser nossa capacidade de informar sobre a história à medida que vai acontecendo, de modo que ninguém possa dizer: ‘Não sabíamos, ninguém nos disse nada’”.

A repórter israelense Amira Hass, do jornal Haáretz, levou-o a compreender, num debate, que o jornalismo deve desafiar a autoridade “principalmente quando os governos e os políticos nos levam à guerra, depois de decidirem que eles matarão e outros morrerão”. A guerra, definiu Fisk, representa “o fracasso absoluto do espírito humano”.

Daí o seu olhar crítico sobre os acontecimentos no Oriente Médio, o papel das grandes potências e os conchavos buscados por ingleses, estadunidenses, russos, chineses, com os poderosos senhores locais, para garantir vantagens econômicas, sem que a contabilidade das perdas de vidas humanas fizesse qualquer diferença.

Edelberto Behs, coordenador do curso de graduação em Jornalismo da Unisinos



AAKER, J. e SMITH, A. THE DRAGONFLY EFFECT. *Quick, Effective and Powerful Ways to use Social Media to drive Social Change* (Hoboken, NJ, Estados Unidos: Jossey Bass, John Wiley and Sons, 2010)

Este livro apresenta uma metodologia muito interessante para mobilização social no ambiente online, na busca da satisfação de demandas que, muitas vezes, se dão no ambiente off-line ou presencial. As quatro asas da libélula representam os quatro fatores que, utilizados com as devidas ordem e intensidade, tendem a proporcionar bastante sucesso na “viralização” e na adesão de pessoas a uma determinada causa. O livro conta também com um site de apoio <<http://www.dragonflyeffect.com/blog/book/get-the-book/>>, onde a autora, professora universitária



na área da Administração, publica resumos de seus artigos científicos com pesquisas que com-

provam a eficácia da felicidade como vetor de um círculo virtuoso nas relações sociais e corporativas. Além disso, há bastante espaço para estudos de caso e para a divulgação de cidadãos, empresas e ONGs que utilizam o livro como base para apresentações dessa metodologia. Uma observação não muito detalhada sobre casos sociais ou comerciais de tentativas mal sucedidas de engajamento é suficiente para mostrar que as falhas na implementação da tão sonhada “viralização” decorrem da ausência ou da inversão de ordem dos fatores, que são os seguintes: 1) foco no objetivo; 2) chamar a atenção; 3) engajar os outros; 4) tomada de ação. Utiliza-se este livro como base reflexiva para a Oficina de Mobilização em Rede, unidade temática que ministrou na Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais na Unisinos CIEE, normalmente no mês de novembro. Percebe-se que essa metodologia é um detalhamento que puxa para o lado motivacional não apenas do público-alvo, que irá executar espontaneamente a ação, mas também de quem cria a ação, tanto da conhecida fórmula AIDA da publicidade (Atenção, Interesse, Desejo e Ação) como daquela baseada no Design Thinking, de Tim Brown.

Helio Paz, coordenador do Núcleo de Comunicação Digital @agexcom | Coordenador-Adjunto da Especialização em Jornalismo Esportivo Transmídia da Unisinos

Papa Francisco. Quem são os jesuítas?



A escolha de um papa argentino e jesuíta, nomeado Francisco, nos faz questionar o que significa, para a Igreja e seus fiéis, a escolha de um papa jesuíta. Quem são os companheiros de Jesus, seguidores de Inácio de Loyola? O que marca os membros dessa ordem e que podem dar pistas sobre os rumos que a Igreja Católica irá seguir a partir de agora?

Oferecemos a nossos leitores e leitoras uma síntese de algumas edições da revista IHU On-Line que abordaram a Companhia de Jesus e alguns jesuítas de destaque na história do pensamento humano.

Leia a íntegra da matéria nesta edição.

Edição número 196, de 18-09-2006, intitulada "A Globalização e os Jesuítas", disponível em <http://bit.ly/9ql50c>.



Edição número 186, de 26-06-2006, que teve como título "Jesuítas. Quem são?" e está disponível no link <http://bit.ly/bHBcD2>.



Edição número 25, publicada em 08-07-2002. Intitulada "Jesuítas e a América Latina", pode ser lida em <http://bit.ly/aE7Gke>.

Dedicamos a edição 347 da IHU On-Line, veiculada em 18-10-2010, a "Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade" (ver em <http://bit.ly/eEhwCq>).



Enquanto isso, a revista número 304, de 17-08-2009 teve como título "O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin" e está disponível em <http://bit.ly/158DVnm>.

A Teilhard de Chardin também já havia sido dedicada a edição número 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005. (Teilhard de Chardin. Cientista e místico. Acessível no link <http://bit.ly/XHF3vB>).



Outro jesuíta importante e que mereceu destaque em duas edições da IHU On-Line foi Karl Rahner. A revista de número 297, publicada em 15-06-2009, teve como título "Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II" (confira em <http://bit.ly/o2e8cX>).

Na ocasião da realização do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, publicamos a IHU On-Line número 102, em 24-05-2004, intitulada "Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos", que está disponível em <http://bit.ly/maOB5H>.



No ano de 2010 publicamos mais duas edições dedicadas aos jesuítas. A revista número 348, de 25-10-2010 teve como título "A experiência missionária: território, cultura e identidade" (ver em <http://bit.ly/12ROPNG>).

Sobre o mesmo evento, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou o livro "A experiência missionária: território, cultura e identidade", em outubro de 2010 e que pode ser lido virtualmente no link <http://bit.ly/HUoc13>.

Já a edição de número 337, veiculada em 02-08-2010 intitulou-se "Fé, justiça e diálogo inter-religioso e intercultural" e pode ser lida em <http://bit.ly/17vAUN5>.

